

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARCELO DE SOUZA GORZA

ENTRE O “REAL” E O “VIRTUAL”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE
INTERNET PARA SUJEITOS DE DUAS GERAÇÕES

Vitória, ES

2017

MARCELO DE SOUZA GORZA

ENTRE O “REAL” E O “VIRTUAL”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE INTERNET
PARA SUJEITOS DE DUAS GERAÇÕES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação da Prof^a. Dra. Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho.

Vitória, ES

2017

ENTRE O “REAL” E O “VIRTUAL”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE INTERNET PARA SUJEITOS DE DUAS GERAÇÕES

MARCELO DE SOUZA GORZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em 28 de Agosto de 2017, por:

Prof^a. Dr^a. Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho (Orientadora) – UFES

Prof. Dr. Paulo Rogério Meira Menandro – UFES

Prof. Dr. Luiz Gustavo Silva Souza – UFF

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof. Dra. Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho, uma pessoa incrível que consegue refletir inteligência e sensibilidade em tamanha harmonia. Obrigado pelos ensinamentos, por sua generosidade e disponibilidade.

Aos meus pais, Maurício e Izabel, pelo amor, carinho e por acreditarem em mim e em meus sonhos, dando-me apoio em todos os momentos. O que faço é para retribuir tudo o que me deram.

À minha irmã Mayara, que mesmo sem saber me ajudava a relaxar nos momentos de distração cozinhando. A minha namorada, Glenda, que diante de tanta ciência, traz mais poesia à minha vida.

Aos amigos Gabriel, Isaque e Diego, irmãos da jornada da vida.

Aos amigos que encontrei nessa jornada: Fernanda, Gustavo, Maria, Anne, Roberth, Ana Paula, Crystian, Iasmin e Rovená, que me mostraram que a vida acadêmica é muito mais que metodologias de pesquisa.

À todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFES, em especial à Prof. Dra. Maria Cristina Smith Menandro, pela gentileza e simpatia de sempre. Pelos conselhos e sugestões de literatura.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa durante o período do Mestrado.

À todos os entrevistados, que gentilmente se dispuseram a participar da pesquisa e enriqueceram seu conteúdo com suas vivências e reflexões.

As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis:

Elas desejam ser olhadas de azul –

Que nem uma criança que você olha de ave

Manoel de Barros

Gorza, M. S. (2017). Entre o “real” e o “virtual”: representações sociais de internet para sujeitos de duas gerações. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, 129 pp.

RESUMO

Vivenciamos a abertura de um novo espaço de interação e comunicação em que tecnologias possibilitam, de uma ponta à outra do mundo, contatos humanos, transmissão de conhecimento e intercâmbio sociocultural. A internet ocupa um dos espaços sociais da sociedade contemporânea, proporcionando nova mobilização entre sujeitos, grupos e gerações. Nesse projeto abordamos a questão da internet enquanto elemento fundamental na organização das ações e interações da sociedade na atualidade. Para tanto, utilizamos a Teoria das Representações Sociais (TRS) como base teórica-conceitual. O objetivo foi identificar as representações sociais da internet, assim como seu conteúdo, por meio do discurso de sujeitos de duas gerações. Participaram da pesquisa 10 díades de filhos adolescentes e seus pais, englobando ambos os sexos, de classe média, que utilizam de tecnologias de informação e comunicação (TIC) em seu cotidiano. Utilizamos entrevista semiestruturada abordando questões que possibilitassem o acesso às representações sociais de internet e ao cotidiano dos participantes. Os dados textuais das entrevistas foram submetidos ao software IRAMUTEQ e à metodologia de análise de conteúdo temática, de Lawrence Bardin. Os resultados obtidos através do IRAMUTEQ permitiram a composição e análise de Classificações Hierárquicas Descendentes (CHD) dos pais e adolescentes, separadamente. Já os resultados obtidos a partir da Análise de Conteúdo Temática (codificação e categorização do conteúdo do corpus) permitiram a composição da representação de internet em três eixos temáticos centrais: 1) Significações sobre a internet e o papel da comunicação, 2) o sujeito social e sua participação na vida coletiva: a internet e a dinâmica inclusão-exclusão e 3) a internet, sua função social e as (re)configurações das noções de interação no tempo e no espaço. Em termos específicos de cada grupo geracional, para os adultos, falar sobre internet é reportar-se a uma concepção vinculada à prática do trabalho. O conteúdo de RS expresso por estes adultos parece partir de um pensamento mais lógico, entretanto, mais rígido, o que os leva a não se considerarem “sujeitos virtuais”. Já para os adolescentes, falar sobre internet é transparecer a naturalidade e familiaridade com o objeto. É demonstrar como o conteúdo de sua RS se constitui de um saber e prática relacionados ao estudo, entretenimento e pesquisa. É deixar evidente o quão fundamental é o smartphone e as redes sociais, elementos estes, fundantes da identidade e

inserção social. Considerarem-se sujeitos “virtuais” significa afirmar estar de acordo e em sincronia com o contexto contemporâneo; é pertencimento. É também, como princípio desta era, estar aberto ao imprevisível, através de uma forma de saber dinâmica e mutável. Em suma, os conteúdos da RS encontrados ao estudarmos a internet compõe seu caráter versátil, multifacetado e polivalente. É um objeto representacional carregado de contradições, que transita na reivindicação constante entre elementos sólidos e fluídos. Ela é elemento que interliga lugares e vínculos invisíveis, reestruturando concepções de tempo e espaço, deixando dúvidas sobre o que seriam as transições do nosso tempo. Esses resultados permitiram abordar o objeto representacional da internet em seu aspecto descritivo e prático/sócio-histórico, através de uma aproximação ao que se compreende quando se fala sobre a internet, bem como ao modo como a representação social da mesma organiza/orienta muitas das práticas atualmente.

Palavras-chave: cibercultura, internet, espaço virtual, representação social, estudo intergeracional

Gorza, M. S. Between the "real" and the "virtual": social representations of the internet for individuals of two generations. Master's Dissertation, Graduate Program in Psychology, Center for Human and Natural Sciences, Federal University of Espírito Santo, 129 pp.

ABSTRACT

We experience the opening of a new space of interaction and communication in which technologies enable, from one end of the world to the other, human contacts, transmission of knowledge and sociocultural exchange. The internet occupies one of the social spaces of contemporary society, providing a new mobilization between individuals, groups and generations. In this project we address the issue of the Internet as a fundamental element in the organization of actions and interactions of society at the present time. For this, we use the Theory of Social Representations (TSR) as a theoretical-conceptual basis. The objective was to identify the social representations of the Internet, as well as its content, through the discourse of subjects of two generations. The study included 10 dyads of adolescent children and their parents, encompassing both sexes, middle class, who use information and communication technologies (ICT) in their daily lives. We used a semi-structured interview addressing issues that would allow access to the social representations of the internet and to the daily life of the participants. The textual data of the interviews were submitted to the IRAMUTEQ software and Lawrence Bardin's thematic content analysis methodology. The results obtained through IRAMUTEQ allowed the composition and analysis of Hierarchical Descendant Classifications (CHD) of parents and adolescents, separately. The results obtained from the Thematic Content Analysis (codification and categorization of the content of the corpus) allowed the composition of the internet representation in three central thematic axes: 1) Significance about the internet and the role of communication, 2) the social subject And their participation in collective life: the internet and the dynamic inclusion-exclusion and 3) the internet, its social function and the (re) configurations of notions of interaction in time and space. In specific terms of each generational group, for adults, talking about the internet is to refer to a conception linked to the practice of work. The SR content expressed by these adults seems to be based on a more logical, however, more rigid thinking, which leads them to consider themselves as "virtual persons". For teenagers, talking about the internet is to show the naturalness and familiarity with the object. It is to demonstrate how the content of your SR constitutes a knowledge and practice related to study, entertainment and research. It is to make evident how fundamental is the smartphone and social networks, these elements, founders of identity and social insertion. To

consider oneself "virtual" subjects means to affirm to be in agreement and in synchrony with the contemporary context; Is belonging. It is also, as a principle of this age, open to the unpredictable, through a dynamic and changeable way of knowing. In short, the SR content found when studying the internet composes its versatile, multifaceted and polyvalent character. It is a representational object loaded with contradictions, which transits in the constant claim between solid and fluid elements. It is an element that interconnects invisible places and links, restructuring conceptions of time and space, leaving doubts as to what would be the transitions of our time. These results allowed us to approach the representational object of the internet in its descriptive and practical/socio-historical aspect, through an approximation to what is understood when talking about the internet, as well as to the way in which the social representation of the same organizes/guides many of the practices.

Keywords: cyberculture, internet, virtual space, social representation, intergenerational study

SUMÁRIO

1. Introdução	13
1.1. Cibercultura, internet e novas formas de interação	18
1.1.1. Juventude brasileira e a rede digital	23
1.2. A Teoria das Representações Sociais e suas funções sociais	26
1.3. Pensando a internet a partir da Teoria das Representações Sociais	31
2. Objetivos	36
2.1. Objetivo geral	36
2.2. Objetivos específicos	36
3. Estratégias metodológicas	36
3.1. Participantes	37
3.2. Instrumentos	38
3.3. Procedimentos de coleta de dados e aspectos éticos.....	38
4. Organização e análise de dados	40
4.1. A análise textual com auxílio do software IRAMUTEQ	40
4.2. A análise de conteúdo na perspectiva de Bardin	41
5. Resultados	43
5.1. Resultados obtidos a partir do IRAMUTEQ (CHD)	43
5.1.1. CHD dos adolescentes	43
5.1.2. CHD dos adultos (pais)	54
5.2 Resultados obtidos a partir da Análise de Conteúdo temática	67
5.2.1. Significações sobre a internet e o papel da comunicação	68
5.2.2. O sujeito social e sua participação na vida coletiva: a internet e a dinâmica inclusão-exclusão	74

5.2.3. A internet, sua função social e as (re)configurações das noções de interação no tempo e no espaço	82
6. Discussão dos resultados	90
7. Considerações finais	116
8. Referências	121
9. APÊNDICES	127
9.1 APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	127
9.2 APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO	128
9.3 APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECID ..	129

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Dendrograma da CHD dos adolescentes	44
Figura 2: Dendrograma lexical da CHD dos adolescentes	45
Figura 3: Dendrograma da CHD dos adultos (pais)	55
Figura 4: Dendrograma lexical da CHD dos adultos	56
Figura 5: Eixos temáticos e categorias definidas na AC	68

1. Introdução

O “espaço virtual” sempre nos intrigou. Não tanto em seu aspecto técnico, mas, desde seu surgimento, pela forma como tem alterado as relações e estabelecido novas dinâmicas de organização social. Não existem dúvidas de que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), em especial a partir da difusão da internet, têm transformado a dinâmica da comunicação intra e interpessoal, como também tem atravessado – sem pedir licença – nossa maneira de viver.

Nesse início de século XXI, presenciamos a composição de um mundo complexo que se modifica rapidamente. A experiência de cada geração difere drasticamente da que a antecedeu. Por exemplo, na geração dos meus pais (década de 80) ninguém tinha celular ou computador, muito menos imaginavam o desenvolvimento de *smartphones* e *tablets* que conectassem todos a todo instante. Hoje, todos estão equipados com estes e muitos outros aparelhos tecnológicos. E mais, todos estão cada vez mais dependentes deles.

Pergunte a si mesmo: em quantos momentos do dia você usa seu *smartphone* ou computador? E para quê? Esse simples exercício poderá fornecer uma ideia do quão diferente é a sua vida da vida da geração anterior. O quanto tanta coisa mudou num curto período de tempo. No passado, mudanças dessa dimensão ocorriam ao longo de séculos. Agora, é necessário apenas poucos anos, ou menos. Essas constantes mudanças em curtos períodos têm proporcionado à sociedade experiências diversas, dentre as quais despontam de modo crescente e constante a insegurança e o desconforto. A era presente parece, então, sinalizar para um estado de transição iminente.

Diferentes períodos ou épocas da história carregam e desenvolvem seus próprios valores, tradições e percepções. Esses períodos específicos oferecem às pessoas da época um quadro estável de realidade que elas podem usar para entender o mundo e suas vidas. Contudo, de tempos em tempos, à medida que a história se desenvolve e aparecem novas maneiras de pensar e agir – dentre outros, devido aos avanços tecnológicos e descobertas científicas –, os pontos de orientação estáveis de um dado período começam a se desestabilizar. Dá-se início, então, a um período de transição que resulta no rompimento da cosmovisão reinante. Sentimentos de dúvida e ansiedade encontram terreno fértil nesse ambiente de instabilidade e imprevisibilidade, passando a acometer as pessoas já que elas não encontram pontos firmes aos quais se apoiarem.

Nada parece ter sido feito para durar. Por exemplo, determinados ofícios e práticas tradicionais que as pessoas exerceram durante grande parte da vida subitamente tornam-se obsoletos. Isso leva o sujeito, muitas vezes, a vivenciar uma desorientação e alienação em

relação à vida moderna. É também um atordoamento coletivo. Tudo que é estável torna-se fugidio e parece não haver qualquer ponto fixo em que se segurar. Pensemos rapidamente a respeito da própria dimensão de fazer ciência na era de avanços tecnocientíficos ininterruptos. A ciência (tanto em seu caráter epistêmico quanto em sua práxis), aos poucos, parece adquirir novo caráter; se antes a razão produzia a tecnologia, agora parece que uma razão própria habita o interior da produção científica. Como apontam Pretto e Riccio (2010), “há uma nova forma de pensar e de se produzir conhecimentos, com uma outra lógica que considera os processos comunicacionais – quase instantâneos – como elementos transformadores das realidades locais” (p. 157). E do mesmo modo que o contexto social é modificado por essas tecnologias, ela própria modifica-se pela constituição de novos contextos sociais.

Como já apontava Jacques Ellul (1968), diante desse cenário as técnicas ganham espaço e passam a constituir objeto central das descobertas, expectativas e previsibilidades do cotidiano. Desenvolve-se uma crença de que tudo pode ser “salvo” através das técnicas. As máquinas passam a ter relação regente no cotidiano do homem, do imediato ao remoto, do próximo ao longínquo, do privado ao particular. Por exemplo, a casa, agora, necessita de adaptações para receber aparelhos tecnológicos garantindo que hábitos comuns não fiquem defasados diante dos avanços tecnológicos. A lógica do ambiente de trabalho, em sua grande maioria, segue essa mesma tomada.

Assim, o cotidiano mais particular dentro de uma casa, também se modifica a partir de novos produtos derivados dos avanços tecnológicos. Se esse quadro mais íntimo, mais direto, mais pessoal, sofre modificações, o mesmo acontece com as dimensões mais amplas, abstratas da vida do homem contemporâneo. Como aponta Ellul (1968), “não somente o trabalho, o repouso, a alimentação, mas também o tempo, o espaço, o movimento, nada mais têm a ver com as formas do passado” (p. 334). Seja qual for o desfecho da crise do homem moderno, a versatilidade, mutabilidade e instabilidade parecem não ser superáveis.

Olhando rapidamente para o século XX, na obra de Hobsbawm (2012), *Era dos extremos*, encontramos dados que revelam como as conquistas do homem são marcadas por flagrantes paradoxos. Em específico, nesta obra, o historiador retrata o período entre 1914 e 1991, época marcada por avanços científicos e tecnológicos e destruição, guerras e desigualdades. Após a Segunda Guerra Mundial, o século XX vivenciou extraordinário crescimento econômico e transformações sociais. Mergulhado em paradoxos esse período também revelou uma nova temporalidade, instituído pela ausência de um sentido articulado com o passado, de um nexo prospectivo, numa espécie de “presente contínuo”, trazendo grandes mudanças na relação do homem com seus espaços sociais.

O período pós-guerra foi seguido de mudanças profundas e de um legado de incertezas. Se comparado a outros períodos de brevidade semelhante, é o momento histórico que experimenta em maior escala os avanços tecnológicos referentes às telecomunicações. Em contrapartida, a aldeia global que procurava se emancipar no contexto da modernidade não conferiu a ruptura de barreiras seguida de progresso e conquistas igualitárias (Hobsbawm, 2012). A questão é que o progresso do passado próximo, juntamente aos paradoxos e as incertezas, constituíram e lapidaram o cenário contemporâneo e os processos de organização das dimensões de territorialidade e temporalidade das interações humanas. Estas, por conseguinte, acabaram encontrando sua potencialidade através do advento das TIC e alavancadas pela difusão da internet.

O horizonte contemporâneo do ciberespaço teve seu prenúncio em meados dos anos 80. A informática, tida até então como área tecnológica dominada por especialistas, foi perdendo, pouco a pouco, seu status de setor industrial e campo técnico para começar a unir-se às áreas da telecomunicação, editoração, televisão, cinema, videogames, dentre outros. São essas tecnologias digitais que posteriormente deram suporte e infraestrutura ao ciberespaço, possibilitando as formas de comunicação, sociabilidade, transação e organização hoje conhecidas, além da ampliação dos espaços de conhecimento e informação (Levy, 2010; Latour, 2013).

Pierre Levy (2010), em sua obra “Cibercultura”, destaca dois fatores fundamentais da internet que merecem atenção em nosso estudo. O primeiro aponta que o crescimento constante do ciberespaço mobiliza uma legião global de jovens insaciáveis em experimentar, coletivamente, dinâmicas de comunicação e interação diferentes do que os meios tradicionais propõem. O segundo ponto diz que, por estarmos vivendo visceralmente essa nova era de comunicação, cabe a nós explorar as potencialidades desse espaço nas dimensões cultural, política, econômica e social.

Mas, como questiona Levy (2010), seria a tecnologia um agente ou fenômeno autônomo, separado da cultura de uma sociedade? Parece clara a relação de dependência entre estes elementos, mas é preciso investigar porque sociedade, cultura e tecnologia se relacionam hoje em dia de maneira indissolúvel.

As relações humanas (por que não dizermos as “conexões” humanas), permeadas pela internet e pela cibercultura, têm se revelado através de uma noção de infinito, onde trocas simbólicas são processadas de forma transformadora: tanto do sujeito quanto do conteúdo produzido. Como afirma Velloso (2008), em ambiente virtual, as realizações múltiplas “dão-se sob a égide de valores [...] culturais, com outras interfaces, compondo redes de mobilização e troca que se sustentam pela sua diversidade intrínseca e por seu dinamismo” (p. 103).

Ao final do século XX e início do XXI essas novas formas de se relacionar socialmente através das TIC têm servido de palco para diversas pesquisas e reflexões, em diferentes áreas (Vieira, 2006; Felinto, 2008). Para Castells (2000, 2011), um dos pesquisadores pioneiros da “sociedade em rede”, a internet ocupa hoje o espaço social da sociedade contemporânea, proporcionando uma nova dimensão de mobilização entre sujeitos e grupos.

Desde seu surgimento, a cibercultura – ou cultura digital – tem recebido atenção devido aos processos de mudanças provocadas em tão pouco tempo, principalmente através da popularização da ferramenta da internet e das tecnologias digitais móveis. Entretanto, longe de ter atingido uma maturidade, o desenvolvimento dessa cultura digital parece mais passar por uma fase de euforia adolescente (Felinto, 2011). A Psicologia Social, por exemplo, ainda produz pesquisas sobre a cibercultura (e dos incontáveis fenômenos por ela tocados) de modo incipiente. Como a cultura digital tem alterado as dinâmicas de sociabilidade? Como as reconfigurações de tempo e espaço afetam os sujeitos? De que forma estamos utilizando essas extensões tecnológicas e compreendendo-as? Estes são questionamentos pouco acionados se comparados ao uso diário que a sociedade faz desses serviços e instrumentos.

Neste projeto, atentamos a uma dimensão em específico: a internet. Não apenas em seu conceito estrito, mas principalmente em sua capacidade de representação social. Buscamos refletir sobre algumas indagações, tais como: as transformações decorrentes do uso cotidiano desse “espaço virtual” são indiscutíveis, mas as pessoas percebem isso? O que pensam sobre a internet? Como significam esse ambiente dinâmico de comunicação e relacionamento? Elas percebem a extensão dos efeitos da difusão da internet? Elas reconhecem as implicações em suas condutas? Para tentar explorar estas e outras reflexões acerca deste novo cenário de uma “cultura digital” híbrida e complexa, lançamos mão da Teoria das Representações Sociais (TRS).

Para a construção do presente estudo, é relevante retomarmos algumas reflexões sobre conceitos teóricos e operacionais, tais como: cibercultura, virtualização, internet, redes sociais *online*, dentre outros, que, como afirma Velloso (2008), “emergem no ambiente descentrado, atópico e desterritorializado da rede mundial de inter(ações) instaurada pelas tecnologias da informação e da comunicação” (p. 103). Vale igualmente considerar as reflexões que conferem atenção à dialética entre as tecnologias e o contexto de interação entre sujeitos e sociedade contemporânea – ambos em constante processo de modificação –, como o fizeram inicialmente Castells (2000, 2003, 2005) e Levy (2010, 2011).

Ademais, este trabalho não é um guia prático de navegação na internet, mas sim um ensaio sobre as implicações culturais do desenvolvimento do ciberespaço. Desse modo, buscamos abordar a questão da internet como importante elemento organizador das ações e

interações dos sujeitos sociais, reconhecendo não ser sua função reinventar a socialização, embora, certamente, mediante toda diversidade de redes e conexões, lhe seja inerente a constituição de outras dimensões sociais.

Estamos diante de um momento histórico estratégico na redefinição de limites. Não só de territórios, mas de possibilidades e de conceitos, que se modificam e se reestruturam constantemente mediante o desenvolvimento da cultura digital. Acreditamos não sermos os únicos a ter esse tipo de inquietação diante dessa temática. É este caminho que propomos percorrer e investigar, questionar e refletir para buscar compreender como as pessoas têm significado e representado a internet.

Os modernos não pararam de criar objetos híbridos sobre os quais se recusam a pensar
(Latour, 2011).

1.1. Cibercultura, internet e novas formas de interação

O ciberespaço, comumente chamado de rede, tem representado uma dimensão na qual múltiplas formas de socialização *online* se desenvolvem e se consolidam. Porém, essas novas formas de socialização não se restringem ao espaço em rede e, conseqüentemente, esse fenômeno acarreta uma nova modalidade de cultura, ampliando as possibilidades dos aspectos pessoais e sociais, através de instrumentos e recursos característicos das tecnologias atuais, compondo assim, uma cibercultura (Mazzoti & Campos, 2011).

Levy (2010) define a cibercultura como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (p. 17). Termo comumente usado, o ciberespaço especifica o novo espaço de comunicação fomentado pela interconexão mundial dos computadores. O termo reflete mais que uma estrutura material de comunicação digital, abrangendo um universo de informações, assim como os sujeitos que fazem dele desfrutar. Para Lemos (2003), cibercultura é a “forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 1970” (p. 11).

Desse modo, uma cibercultura só se constitui através da capacidade de produção de objetos culturais e bens simbólicos que representem uma cultura digital, bem como a produção ideológica de grupos sociais que permita a organização e convívio social mediado por estes mesmos bens. Atualmente, a cibercultura – e as incontáveis temáticas que dela emergem – vem sendo objeto de estudo de diversas áreas, dentre as quais se insere a Psicologia.

De acordo com Mazzotti e Campos (2011), erroneamente, acabamos reduzindo o conceito de cibercultura exclusivamente ao uso do computador. As autoras apontam que seu conceito deve ser compreendido de forma mais ampla, abarcando também outras ferramentas/serviços e tecnologias (telefones celulares, *smartphones*, dispositivos DVD, câmeras fotográficas, cartões magnéticos, *homebankings*, cartões inteligentes, voto eletrônico, aplicativos digitais, jogos eletrônicos), que proporcionam novos padrões de comportamento e uma relação social virtual; em rede (Diniz, 2005; Recuero, 2012).

O sujeito contemporâneo, e praticamente todas as instituições sociais ao seu redor, estão inexoravelmente atrelados à cibercultura (Mazzoti & Campos, 2011). A relação é tão proximal, que, como aponta Felinto (2008, 2011), o termo cibercultura tem sido empregado para se referir

à cultura contemporânea ou pós-moderna, não estando associado somente à diretrizes do ciberespaço. Também se tornou difícil pensar em instâncias da sociedade contemporânea que não estejam permeadas pelas TIC. A sofisticação e a distribuição – ambos em escalas exorbitantes – dos produtos e serviços de TIC proporcionaram a expansão do ciberespaço: o espaço das comunicações *online*.

Esse espaço *online* tem se sustentado através da internet. É ela que favorece a circulação dos discursos, expande a sociabilidade, e fomenta o desenvolvimento e organização coletiva de conhecimentos característicos de nossa época (Echegaray, 2003; Costa, 2005; Felinto, 2008). Ela proporciona às pessoas “novas formas de ocupar suas horas de lazer, de se relacionar, de trabalhar, de adquirir e comunicar conhecimentos, de manifestar sua individualidade e criatividade de diversas maneiras, reconfigurando significativamente a vida cotidiana” (Mazzoti & Campos, 2011, p. 461).

A partir de uma análise bibliográfica crítica de estudos acerca da cultura digital, Felinto (2011) aponta que o termo “cibercultura” está em progressivo declínio nos últimos anos. O pesquisador alega que o sentido da expressão já não comporta os últimos avanços da cultura tecnológica, tendo a palavra perdido espaço principalmente no ambiente do domínio tecnológico/científico acadêmico. Entretanto, cabe ressaltar que, o que buscamos, aqui, não é averiguar a legitimidade técnica do uso do termo atualmente, mas abordá-lo como dimensão maior, que compreende a expressão do elemento internet e sua multiplicidade de sentidos, principalmente na organização do convívio social e na circulação de informações das últimas décadas.

A dinâmica comumente empregada através desses dois termos apontados até o momento – cibercultura e internet – parece carregar uma dupla natureza; correspondem, de um lado, a uma esfera de aplicabilidade que se estende a quase todas as dimensões do universo, sem, contudo, nunca manifestar um sentido localizável e preciso. Há aproximadamente 30 anos, os dois termos têm sido usados como função designadora de determinado estado de coisas interligado a experiências contemporâneas (Felinto, 2011). Como aponta Macek (2005), a cibercultura compõe elementos que dizem respeito às “questões culturais relacionadas aos ‘ciber-tópicos’, por exemplo, a cibernética, a computadorização, a revolução digital, a ciborguização do corpo humano, etc.” (p. 1). Por outro lado, a cibercultura constitui a base para o saber teórico empenhado em fomentar o discurso crítico desse mesmo conjunto de fenômenos, no qual está inserido a internet.

Eis, aqui, alguns dados do relatório *Digital, Social and Mobile* (Kemp, 2015), que destacam as mudanças e tendências nas TIC mediante o uso da internet. Numa escala global, temos atualmente uma população total de 7.2 bilhões de pessoas. Deste total, estima-se que 3

bilhões sejam usuários ativos da internet, sendo 2.1 bilhões usuários ativos de mídias sociais, 3.6 bilhões usuários de telefones móveis (telefone celular e *smartphones*) e 1.7 bilhões usuários ativos de redes sociais via telefones móveis (com contas ativas nas plataformas sociais mais acionadas).

Os indicadores mostram que, diariamente, 205 milhões de *e-mails* são enviados, 3.5 bilhões de pesquisas são realizadas no *Google*, 8.4 bilhões de vídeos são assistidos e 145 milhões de ligações via *Skype* são efetuadas. Na América do Sul temos um percentual de 49% de usuários de mídia social, sendo que a média global é de 29% de usuários. Dentro dessa dimensão de mídia social *online*, 3 bilhões de vídeos são vistos a cada dia no *Facebook*, 30 bilhões de mensagens são enviadas por dia via *Whatsapp*, 755 milhões de *tweets* são postados por dia no *Twitter* e 70 milhões de vídeos são colocados por dia no *Instagram* (Kemp, 2015).

Ainda segundo a pesquisa *Digital, Social and Mobile* (Kemp, 2015) a média para o crescimento ano a ano dos usuários de internet é de 21%, sendo 12% para contas ativas em mídias sociais, 5% para usuários de aparelhos móveis e 23% para contas sociais ativas em aparelhos móveis, sendo que a população mundial cresce anualmente 1.6%. No Brasil, a população total é de 204 milhões de pessoas. Deste total, 110 milhões são usuários ativos de internet (redes fixas e móveis), 96 milhões têm conta ativa em mídias sociais e 78 milhões têm contas sociais ativas em aparelhos móveis.

Ainda no que diz respeito ao Brasil, estima-se que se gaste em média 5h diárias de uso de internet via PC ou *tablet*, quase 4h diárias de uso de internet via telefone móvel e de uso de mídia social (via qualquer dispositivo). No ranking das plataformas sociais, no Brasil, o *Facebook* (rede social) e o *Whatsapp* (aplicativo de bate-papo) lideram com maior penetração e adesão social – 25% e 24% respectivamente. Plataformas como *Twitter* e *Instagram* se aproximam de um percentual de 10%. Quanto ao uso dos aparelhos móveis, 23% da população usam para acessar aplicativos de mídia social, 23% para assistir vídeos, 18% para fazer buscas de localização, 18% para atividades bancárias e financeiras e 17% para jogos (Kemp, 2015).

Este é um recorte simplificado que demonstra, de modo breve, as dimensões e proporções que englobam as TIC, principalmente com a difusão crescente da internet. Esses dados ilustram como estamos inseridos numa proposta de relacionamento social virtual, e a curva é crescente. Nesse cenário, encontramos-nos frente a um mundo ocidentalizado, transnacional, atravessado por uma economia global, interligado por redes tecnológicas de comunicação, de fluxos de dados e de informações complexas e permeados por uma proposta de emancipação do homem através da razão, ciência/tecnologia e modernidade (Brito & Barp, 2008; Bauman & Donskis, 2014). A sensação, como diz o ditado comum, é de que “somos todos cidadãos do mundo”. Para nós, isso denota outras noções constitutivas da relação entre

tempo e espaço, de forma mais expansiva do que restritiva a uma dimensão física. Como aponta Levy (2011):

Um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do “nós”: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual... (p. 11)

Num primeiro momento, é preciso apontar que o fenômeno da virtualidade costuma ser compreendido como contraponto da realidade. Essa é uma polarização equivocada, pois, como afirmam Cruz e Silva (2010), ela reflete tanto alguns indicadores da incompreensão da concepção de ambas, como também, revela algumas acepções reducionistas acerca dos elementos vinculados à virtualização.

Quando o virtual é compreendido como antítese do real, só lhe resta, por consequência, a função de inexistente, imaginário e ilusório. Como aponta Diniz (2005), este tipo de antagonismo sustenta-se com o auxílio do pressuposto de que, quando se trata do fenômeno da virtualização, estamos sugerindo uma nova ordem nas relações entre tempo e espaço. Virtual não é sinônimo de inexistente, uma vez que as pessoas têm passado mais tempo em “lugares” virtuais; logo, parece emergir a necessidade de tornar mais permeável a fronteira entre o virtual e o real. Sendo assim, práticas sociais tendem a configurar a realidade das sociedades e grupos virtuais, afirmando assim sua “materialidade”.

Alguns estudos sobre cibercultura têm demonstrado que não existem manifestações e expressões no espaço virtual sem algum tipo de enraizamento local, correspondente a um espaço físico, social e culturalmente específico (Lemos, 2004; Diniz, 2005; Lemos & Oliveira, 2012). As redes e expressões virtuais, como fenômeno de socialização, informação e organização, não se encontram num mundo à parte. Como ressaltam Lemos e Oliveira (2012, p. 188): “O que acontece nas redes tem/é fruto de repercussões concretas de tudo que nos vincula às dimensões quotidianas e locais da experiência”. O espaço, então, deve ser coabitado nas dimensões concreta e abstrata.

Castells (2000), por exemplo, nos revela a compreensão de uma nova forma espacial de práticas sociais que configuram uma “sociedade em rede”, bem como uma organização e compartilhamento de ideias e ações sob a interface do virtual. Aqui, poderíamos citar a reconfiguração de práticas sociais, o espaço de argumentação por meio de redes híbridas, novas construções de representações públicas, as inovações na interação social, a formação simbólica, a produção de sentido e elementos que organizam e guiam a conduta.

Segundo Mazzoti e Campos (2011, pp. 462-463), entre as principais características da cibercultura relacionada às práticas sociais, pode-se destacar:

1. estreita convergência entre as formações culturais e o aparato tecnológico; este aparato formata a inserção dos indivíduos no ciberespaço e suas possibilidades interativas e criadoras;
2. “liberação da palavra” (LEMOS, 2006; LÉVY, 1999) pela livre expressão da opinião via web (redes sociais, emails, blogs, podcasting), retirando das mídias de massa o monopólio da formação da opinião pública e da circulação de informação;
3. caráter híbrido das práticas e das interações, pela reconfiguração de práticas e modalidades midiáticas sem substituição de seus respectivos antecedentes, ou seja, uma nova mídia não substitui as anteriores.
4. relativização dos limites do tempo e do espaço;
5. aceleração do processo de criação de novas ficções, narrativas que recriam a percepção do mundo e sustentam identidades subjetivas e coletivas e a visão de mundo (COYNE, 2001); ao mesmo tempo que todas estas novas formações culturais ou “novas ficções” são infiltradas por mitos arcaicos (TOFTS, 2005);
6. dado o caráter de imersão do sujeito, produz-se uma dificuldade em separar o que é ficção (criada por ele, ou por outro usuário ou membro de rede) do que é a realidade, efeito já existente na televisão (THOMPSON, 1999; LIPOVETSKY, SERROY, 2011), mas que é potencializado no ciberespaço.
7. modificação radical do modelo clássico da comunicação baseado no esquema emissor-mensagem-receptor: o computador online é um sistema aberto que permite autoria e co-criação na construção do conhecimento e na troca de informações diversas, graças à passagem da lógica da transmissão, baseada no modelo “um-todos”, para a lógica da interatividade, da comunicação “todos-todos” (SILVA, 2010)

Nesse sentido, a cibercultura pode ser identificada como fenômeno por meio do qual pessoas se influenciam mutuamente, difundindo ideias e saberes, compartilhando crenças e valores. Por exemplo, não podemos mais afirmar que um sujeito, morando em uma região específica, esteja restrito àquele espaço físico, e que ele tome apenas elementos do seu entorno como referência, uma vez que, via TIC e internet, pode estabelecer vínculos possivelmente mais intensos em outros espaços. Pode ser que suas crenças e adesões sociais estejam relacionadas a outro grupo, em qualquer parte do mundo. De todo modo, as transformações científicas e tecnológicas não só permanecem no curso do homem, como encontram sua ascensão na sociedade contemporânea (Levy, 2011; Mazzotti & Campos, 2011).

Como dito anteriormente, a expressão cibercultura, sem dúvida, encontra-se carregada de uma multiplicidade de sentidos. Considerando a difícil apreensão da expressão “cibercultura” como objeto de pesquisa, e, em se tratando de uma investigação embasada teórica e metodologicamente pela TRS, optamos por fazer uso e explorar o termo, em nosso

entendimento, mais habitual, mais acessível e mais “representativo”: *internet*. Este, em processo de popularização, parece revelar uma natureza de maior aproximação a um saber comum, de fácil intercâmbio. Tal termo demonstra inclinação em mediar a relação entre públicos heterogêneos e a complexidade de uma ciência tecnológica. Como aponta Felinto (2011), é a partir dessa perspectiva que a investigação do objeto *internet* talvez possa nos oferecer “certas representações culturais da tecnologia ao alcance do homem comum” (p. 2).

1.1.1 Juventude brasileira e a rede digital

Apresentaremos nesta subcategoria alguns dados e resultados de pesquisas recentes que explicitam as rápidas transformações no perfil e no uso da internet, principalmente de crianças e jovens brasileiros.

Pesquisadores reconhecem que o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) por crianças e jovens configuram implicações sociais em suas vidas, em vista das interferências e modificações como se relacionam com seus pares, famílias, professores e até mesmo na constituição da própria identidade. A pesquisa TIC Kids Online Brasil (2016) busca relacionar dados quantitativos e qualitativos sobre o acesso que jovens brasileiros têm da internet e os usos que fazem dela.

Os estudos realizados pela pesquisa mostram que tem sido cada vez mais crescente e frequente o uso de dispositivos digitais móveis por jovens brasileiros para acessar a rede. Há uma estimativa que cerca de 23 milhões de crianças e adolescentes brasileiros, entre 9 e 17 anos, são usuários da internet, o que corresponde a 79% da população dessa faixa etária. Entretanto, não podemos desconsiderar que a pesquisa também revela que, em 2015, 6,3 milhões de jovens não eram usuários de internet (TIC Kids Online Brasil, 2016).

Se, de um modo, esse contexto ciberdinâmico proporciona aos jovens participarem de um mundo cada vez mais conectado, de outro, parece ter estabelecido barreiras e desafios entre jovens e pais/adultos, sobretudo em um país onde o acesso à internet não se dá de modo igualitário e quase metade dos domicílios não estão conectados. As variáveis sociodemográficas, como classe social, renda familiar e nível de escolaridade impactam diretamente as condições e possibilidades de acesso à rede e, indiretamente, na relação entre jovens e pais.

Dentre os aspectos sociodemográficos, a falta de disponibilidade de internet na residência é citada como principal motivo para esses jovens não acessarem a rede; 15% das crianças e jovens afirmaram não se conectar à rede devido à ausência de internet. Essa questão fica mais evidente em jovens que residem em regiões rurais (32%) e nas regiões Norte (32%) e

Nordeste (21%), pelos que apresentam renda familiar de até um mínimo (32%) e sendo eles pertencentes às classes D e E (37%).

As disparidades socioeconômicas e regionais se sobressaem até mesmo entre os que estão conectados. Nas classes A e B, 98% das crianças e jovens entre 9 e 17 estão conectados, sendo que na D e E apenas metade é usuária da rede. Nas regiões urbanas, 84% das crianças e jovens são usuárias de internet, enquanto a taxa é de 56% nas áreas rurais. Enquanto nas regiões Sul e Sudeste há uma estimativa de 90% de crianças e jovens conectados à rede, na região Nordeste esse número cai para 70% e na região Norte eles apontam apenas 54% de jovens conectados à rede.

A pesquisa TIC Kids Online Brasil (2016) também tem constatado que o uso da internet tem se intensificado por crianças e adolescentes. A frequência do uso diário da rede subiu em todas as classes sociais, mesmo que prevaleçam as disparidades sociodemográficas e regionais já apresentadas. O acesso à rede de crianças e jovens de classe A e B subiu de 21% para 80% e das classes D e E de 25% para 51%, nos últimos cinco anos. Esse uso diário crescente se dá, sobretudo, devido ao crescimento da conexão por meio desses dispositivos móveis. Em 2012, 21% das crianças e jovens brasileiros acessavam a rede por telefone celular. Esse número chegou a 82% e atingiu estabilidade de 85% em 2015. Para cada três jovens, um acessa a rede exclusivamente através de celular/*smartphone*.

Aspecto relevante abordado na última edição da pesquisa TIC Kids Online Brasil (2016) foi a investigação da questão da intolerância e do discurso de ódio propagado na rede. O estudo detectou que 40% das crianças e jovens apontaram terem presenciado casos de discriminação na internet no último ano. O contato com esses casos foi menos relatado entre os mais novos (9 a 10 anos), mas apontou 52% no caso de jovens de 15 a 17 anos. Esses números devem receber sua devida atenção, pois traduzem situações de risco infanto-juvenil online. Obviamente, esses não são problemas exclusivos da rede, mas uma extensão do que ocorre no dia a dia de jovens brasileiros. O que, mais uma vez, revela que os crimes “virtuais”, como casos de discriminação em rede, estão aí para nos mostrar de uma forma bem dura que a “virtualidade” do ciberespaço possui uma inegável natureza coercitiva de “realidade”.

Quando saímos do núcleo familiar, e ampliamos nosso escopo ao contexto sociopolítico, o desafio principal encontra-se na elaboração, eficácia e aplicação de ações que garantam acesso universal e democrático aos meios digitais, ao mesmo tempo em que promovam a participação segura de crianças e jovens no espaço online.

As desigualdades regionais e socioeconômicas demarcam as restrições de oportunidades de acesso à rede vivenciadas por parte das crianças e jovens brasileiros, e que devem ser prioridade nas medidas de políticas públicas de inclusão digital. Pois, se as tecnologias

despontam como elementos que auxiliam e estruturam a sociedade, não há de fato como o sujeito ser excluído do social, nem das tecnologias que estruturam a vida cotidiana.

Mas isto não quer dizer que os variados graus de inclusão fluam tranquilamente, nem que eles sejam ofertados igualitariamente aos sujeitos – como percebemos através dos dados abordados. Esse é um campo de tensões que envolve cultura tecnológica, políticas públicas, economia, educação para a inclusão social e digital. Como apontam Lemos, Pastor e Oliveira (2012), na sociedade da informação, os conteúdos e a cultura de produção e difusão são essenciais para a inserção participativa e plena dos sujeitos capacitados digitalmente em processos como, por exemplo, a democracia eletrônica, inteligência coletiva e a cultura da colaboração.

A escola, instituição que tem encontrado dificuldades na integração do modelo tradicional de ensino e as novas tecnologias digitais, caminha em busca da promoção da competência digital juntamente ao estímulo do uso crítico e seguro das TIC e da internet. Neves (2012) aponta a importância do acesso à informação e o conhecimento, mediada pela internet, enquanto recurso fundamental para o potencial intelectual e criativo dos sujeitos. Segundo ele, esse processo de acesso à informação tem sido discutido por diversos segmentos científicos e não científicos, em que vigora uma pauta voltada para discussões sobre inclusão/exclusão digital no Brasil.

Em tempos de uso massivo da internet é preciso pontuar que isso ainda não ocorre de modo universal e igualitário. A Pesquisa Brasileira de Mídia, realizada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, revela que a TV ainda é o instrumento mais usado para as pessoas se informarem, apontada por 89% dos participantes entre as primeiras e segundas menções. O destaque vai para o crescimento do uso da internet como ferramenta de informação, sendo apontada por 49% dos entrevistados. Segundo estes dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD-IBGE, 2014), em apenas 1 ano a internet cresceu 7% nas menções referidas, que se comparado ao rádio teve uma queda de 16%.

Fica claro que o brasileiro e, por consequência, o capixaba tem migrado de um mundo analógico para o digital. No Espírito Santo, ainda segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD-IBGE, 2014) os dados seguem essa tendência expressiva. Quase 99% das residências do Espírito Santo estão conectadas através da banda larga. Os dados apontam também que 83% dos acessos à internet são realizados através de celular/*smartphone*, evidenciando o quanto cada vez mais o aparelho tem sido fonte de acesso à internet. Os dados também demonstram que daqueles com ensino superior completo, 97% fazia uso da internet através de aparelho móvel.

No Brasil, avançamos um pouco com a aprovação do Marco Civil da Internet (Lei nº 12.965/2014), que traça alguns caminhos para o enfrentamento de questões como a privacidade, liberdade de expressão, neutralidade da rede, acessibilidade, dentre outros. Sua regulamentação e fiscalização, porém, ainda é algo incipiente que demanda a atenção conjunta da sociedade para que interesses corporativos não prevaleçam sobre as necessidades da população.

Para sair do estado de acesso básico é necessário um estágio intermediário. Esse estágio intermediário imprescindível, segundo Lemos, Pastor e Oliveira (2012) é o da mediação. A mediação, aqui, deve ser vista como uma estratégia de impulso, capaz de estimular o sujeito a avançar para chegar ao nível mais elaborado de promoção da inclusão digital, ou seja, aquele estado capaz de possibilitar aos usuários as condições para interagirem por meio da criação, da produção e da difusão de informações e conhecimentos.

Por esses e outros motivos, tornou-se fundamental compreender de que mundo cibercultural é esse que estamos falando, tão presente na vida de jovens e, por vezes, tão distinto do mundo vivido por seus pais e gerações anteriores. É através da observação, do levantamento de dados e de sua análise que podemos levantar informações confiáveis acerca do mundo que se delinea a nossa frente e que possamos, ao menos, levantar elementos que indiquem a potencialidade das relações virtuais contemporâneas e seus supostos impactos na vida social.

1.2. A Teoria das Representações Sociais e suas funções sociais

Em 1961, Moscovici publicou um trabalho que buscava investigar uma problemática geral: como o homem constrói a realidade? E outra mais específica: como o homem comum consome, transforma e se utiliza de uma teoria específica (científica, cultural, ideológica)? Propõe, então, a partir dessas reflexões, uma análise das representações sociais pelas quais o homem, em interação social, elabora um pensamento e conduta acerca de determinados objetos sociais, que permitam a organização e a comunicação nos conjuntos sociais (Vala, 1997).

Em seu livro *A psicanálise, sua imagem e seu público* (2012/1961), Moscovici define o conceito de Representação Social (RS) como um fenômeno cultural característico da sociedade de cada época. Ele afirma que é preciso entender as representações sociais como elementos próprios da nossa sociedade, da nossa cultura. Destaca a importância das intensas mudanças de ideias e visões de homem ocorridas em meados da década de 60 do século XX, advindas de transformações científicas, onde a psicanálise começava a despontar como expressão comum no ambiente social. Buscando expor a noção de representações sociais, escreve:

As representações sociais são entidades quase tangíveis; circulam, se cruzam e se cristalizam continuamente através da fala, do gesto, do encontro no universo cotidiano. A

maioria das relações sociais efetuadas, objetos produzidos e consumidos, comunicações trocadas estão impregnadas delas. Como sabemos, correspondem, por um lado, à substância simbólica que entra na elaboração, e, por outro lado, à prática que produz tal substância, como a ciência ou os mitos correspondem a uma prática científica ou mítica. (Moscovici, 2012/1961, p. 39)

Dentre as diversas definições posteriores de representação social, existe uma amplamente difundida, por conseguir sintetizar de maneira clara o que consiste sua natureza: “uma modalidade de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 2001, p. 36). É verdade que nem toda representação é RS. Uma representação é social no sentido em que é coletivamente construída; produto de uma atividade cognitiva e simbólica de um grupo social (Vala, 1997). Como aponta Jodelet (2001, 2005), as representações sociais correspondem ainda a um saber prático. Orientam e organizam as comunicações e as trocas simbólicas. É preciso dizer também que a formação de uma RS é produto de duas ordens: processos sociocognitivos e fatores sociais.

Aos processos sociocognitivos de formação referimo-nos a dois conceitos maiores: objetivação e ancoragem. A objetivação, de acordo com Vala (1997), diz respeito “à forma como se organizam os elementos constituintes da representação e ao percurso através do qual tais elementos adquirem materialidade e se formam expressões de uma realidade vista como natural” (p. 360). Já o processo de ancoragem refere-se ao fato de qualquer tipo de informação necessitar de pontos de referência para se apoiar. “É por referência a experiências e esquemas já estabelecidos que o objeto em questão vai ser pensado” (Vala, 1997, p. 362). Com o tempo, reduz-se o novo ao velho e reelabora-se o velho em novo.

Ancoragem e objetivação explicam a integração dos elementos representados, permitindo a compreensão de como eles contribuem para constituição das relações sociais. Ambas seriam, pois, os processos responsáveis pelo funcionamento de uma representação social. Jodelet (1986) ressalta que o processo de objetivação corresponderia a um processo que revela a intervenção do social na representação, enquanto a ancoragem expressa um processo de representação no social. Em sua obra *Loucuras e representações sociais*, Jodelet (2005) afirma que em determinado contexto prático e cultural a ancoragem daria às representações sociais “os conteúdos e as colorações específicas que traduzem algo da identidade cultural da mentalidade grupal” (p. 375). A autora buscava compreender como as relações sociais, os contornos culturais e a identidade grupal eram mediados pelas RS. Seria através do processo de ancoragem que entenderíamos a dinâmica cultural assim como os aspectos sócio históricos, regionais e institucionais da produção de sentido.

Quanto aos fatores sociais, Vala (1997) diz que, se pretendemos “compreender a evolução, organização do conteúdo e a extensão de uma representação é necessário integrá-lo como elemento de uma dinâmica social” (p. 363), ou seja, reconhecer a interação entre objeto e estrutura social que o produz. É possível encontrar uma pluralidade de clivagens acerca de um mesmo objeto, mediante seu contexto social. Diferentes clivagens determinam construções de diferentes RS, podendo ser apreendidas a partir de dois níveis: 1) condições socioeconômicas e 2) sistemas de orientação (normas, valores, atitudes, motivações, ideologias). O próprio Moscovici apontou que, a partir destes dois níveis, encontramos três condições essenciais que regulam a emergência e funcionamento das RS: 1) dispersão da informação (não circula de forma clara); 2) focalização (alguns objetos são privilegiados); 3) pressão à inferência (tempo decorrente entre a constatação e a tomada de posição acerca de um objeto) (Moscovici, 2012/1961).

Na concepção de Moscovici (2012/1961) sujeito e objeto não são entidades separadas em seu campo comum, sendo o objeto elemento ativo que compõe o contexto concebido pelo sujeito e/ou coletivo. Moscovici (2003) também aponta que os significados desse binômio sujeito-objeto dependem de uma relação de convenções preliminares entre os sujeitos. Como ele ressalta, “nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhes são impostos por representações, linguagem ou cultura” (p. 35). Esse processo de significação orienta e distingue o posicionamento dos grupos, e até mesmo dos sujeitos perante o próprio grupo, demarcando assim, identidades (Mazzotti & Campos, 2011).

Tais “condicionamentos” prévios também possibilitam a leitura do convívio social, orientando ações e prescrevendo condutas adequadas ao contexto. Há estruturas sociais presentes anteriormente a nós. Elas são o produto de uma sequência complexa – histórica, social e cultural – de convenções e mudanças que ocorreram ao longo do tempo, mediadas por sucessivas gerações. As imagens e descrições que circulam pela sociedade são resultado de uma “estratificação na memória coletiva”, de um elo entre saberes passados e presentes (Moscovici, 2003, p. 37).

Desse modo, encontramos em Moscovici (2003, 2012/1961) considerações que consolidam as estruturas entre o novo e o que o precede; uma estrutura evidenciada em discursos e práticas emergentes, amparadas por hábitos tradicionais. Quando, segundo o autor, encontramos resíduos antigos em práticas novas, há uma maior receptividade relacional. Isso nos sugere a existência abstrata de um espaço de passagem entre o já ancorado e o que está sendo construído ou desconhecido. Este é um fenômeno que acompanha a humanidade desde seus primórdios, em um processo de dialética, em que o velho precisa abarcar elementos do

novo e vice-e-versa. Trata-se de uma condição de passagem em que o novo, apoiado no velho, possa garantir condição necessária para sua existência (Serres, 2007).

Aspecto também relevante a respeito das RS é sua capacidade de aproximação e socialização do especializado/científico no cotidiano social. Seu caráter não é reconhecido enquanto nos restringimos a falar das RS como distorções, simplificações, deixando escapar sua característica primordial, “que é a socialização de uma disciplina no seu conjunto, e não, como se pretende, a vulgarização de algumas partes” (Moscovici, 2012/1961, p. 25). Estamos nos referindo, então, “a formação de outro tipo de conhecimento adaptado a outras necessidades, obedecendo a outros critérios, em um contexto social específico” (p. 25), complementa Moscovici (2012/1961). O conhecimento produzido na ciência, ali permanece. O conhecimento retratado pela RS é retrabalhado como lhe é conveniente, adaptado ao contexto de destino. E finaliza:

Além disso, o pano de fundo é uma mudança historicamente decisiva da gênese de nosso senso comum, que não é a transmissão de ideias e a difusão de átomos de ciência ou de informação que observamos, mas o movimento durante o qual são socializados. (Moscovici, 2012/1961, p. 25)

No processo de formação das RS o “senso comum” ganha corpo e se agrupa a partir dos discursos que circulam em ambientes sociais comuns. Os elementos transmitidos em contextos específicos, por mais díspares que pareçam, são organizados e manipulados pelo sujeito e grupo. Nada lhes impõe a prudência de um especialista, revelando uma espécie de “sábios amadores”. É da funcionalidade das RS orientar as ações – do sujeito e do grupo – dando sentido e integrando a conduta na rede a qual seu objeto está ligado (Moscovici, 2012/1961). Assim, o aspecto central dessa dinâmica não se refere ao avanço do conhecimento científico, mas à noção de partilha e comunhão com o discurso que circula em espaço comum. O importante é integrá-lo de modo que permita falar daquilo de que todos falam.

Como forma de conhecimento social, as RS assentam-se em três dimensões centrais: a comunicação, a reconstrução do real e o domínio do mundo. A comunicação fornece às RS um caráter de moduladores do pensamento, possibilitando um processo de trocas simbólicas e de classificação e codificação acerca das informações, auxiliando uma dinâmica social. A reconstrução do real compreende uma dinâmica social em que os sujeitos vão (re)construindo a realidade cotidiana. Nesse sentido, as RS permitem aos sujeitos posicionarem-se mediante uma realidade, atuando, assim, como guias de interpretação e organização de condutas na interação homem-objeto/fenômeno social. E o domínio do mundo, porque é através de um conjunto de conhecimentos sociais e de uma orientação prática que nos situamos no espaço que nos encontramos. É uma dimensão de enorme utilidade social, pois corresponde à característica

mais concreta das RS. Estas três dimensões destacam o importante papel das RS na dinâmica das interações e práticas sociais do cotidiano (Almeida, 2005).

Complementarmente às dimensões apresentadas, as RS também permitem novas compreensões e explicações da realidade, constituindo quatro funções principais. A primeira corresponde à função de saber, que integra novos conhecimentos a saberes já estabelecidos, tornando – de maneira econômica – o novo em algo assimilável. A segunda diz respeito à função identitária, que, ao situar sujeitos e grupos no espaço social, permite-lhes a elaboração de uma identidade. Elas também têm uma função de orientação, pois, através de um sistema de antecipação de condutas, permitem uma previsão de comportamentos desejáveis e coerentes. Por fim, a função justificadora, permite que as condutas e tomadas de posições, sejam justificadas *a posteriori* (Almeida, 2005).

Partindo da perspectiva da Teoria das Representações Sociais (TRS), a internet, como fenômeno cultural intrínseco de um período histórico, revela-se como objeto social (e objeto de pesquisa) que suscita representações relacionadas direta e indiretamente com a realidade social contemporânea e com práticas do cotidiano. Conquanto, como aponta Sá (1998), o objeto de pesquisa construído basicamente através da apreensão do fenômeno de representação social a ser estudado não compreende a réplica exata de tal fenômeno, mas sim uma aproximação demarcada pelas limitações e possibilidades da pesquisa científica, não sendo fenômeno e objeto de pesquisa, pois, termos equivalentes¹.

Também é preciso destacar que, da grande teoria de Moscovici surgiram diferentes desdobramentos em termos de metodologias de pesquisas, baseadas em formas distintas de enfocar e investigar as RS. São três as correntes principais: a Processual, de Denise Jodelet, que enfatiza as dimensões históricas e culturais, sendo a que mais se aproxima da proposta original de Moscovici; a Societal, de Willem Doise, pautada por uma perspectiva mais sociológica, privilegiando a inserção social; e a Estrutural, de Jean-Claude Abric, a qual enfoca mais os aspectos cognitivos das representações (Almeida, 2005).

Em nossa proposta de pesquisa, daremos maior ênfase a alguns pressupostos teórico-metodológicos levantados por Jodelet. Sua abordagem, conhecida como processual ou culturalista, propõe-se a compreender o que é o homem em relação ao seu mundo de objetos

¹ “Os fenômenos de representação social estão ‘espalhados por aí’, na cultura, nas instituições, nas práticas sociais, nas comunicações interpessoais e de massa e nos pensamentos individuais. Eles são, por natureza, difusos, fugidios, multifacetados, em constante movimento e presentes em inúmeras instâncias da interação social. Assim, esses fenômenos simplesmente não podem ser captados pela pesquisa científica de um modo direto e completo” (Sá, 1998, p. 21).

sociais. "Sempre necessitamos saber o que temos a ver com o mundo que nos cerca" (1993, p. 1), dizia ela. Em suas próprias palavras:

Frente a esse mundo de objetos, pessoas, acontecimentos ou ideias, não somos (apenas) automatismos, nem estamos isolados num vazio social: partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. Eis porque as representações são sociais e tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva (Jodelet, 2001, p. 17).

Desse modo, segundo Jodelet (2001, 2005) é através de uma relação simbólica e interpretativa que a RS se vincula a seu objeto. Não tivemos a pretensão, aqui, de discutir detalhadamente cada uma das vertentes, que trazem diferentes contribuições teóricas e metodológicas. A intenção é apenas situar quais os desdobramentos que têm se delineado a partir da proposta de Moscovici, e reafirmarmos nossa maior aproximação com a vertente seguida por Jodelet, por acreditar que suas concepções teórico-metodológicas contribuam positivamente à proposta da pesquisa.

Direcionando nossa atenção para o objeto de pesquisa – a internet – como não tentar tornar familiar aquilo que já está implícito na vida particular e no convívio social contemporâneo? Por estarmos cada vez mais conectados a outros grupos e instituições, independente da proximidade física, e principalmente por essa conexão se dar via internet, parece necessário melhor compreender as modificações e impactos nas formas de contatos interpessoais, assim como as concepções que emergem desse fenômeno.

1.3. Pensando a internet a partir da Teoria das Representações Sociais

Rapidamente adaptamos nossas atividades diárias às demandas da sociedade digital e, reciprocamente, esta se acomoda naturalmente em nosso cotidiano. As aplicações da computação à informática, os meios de comunicações e os diversos conteúdos emergentes aproximam-se vertiginosamente. O computador funciona como TV, a foto, antes impressa, passa a estampar as páginas de redes sociais, e o *smartphone* serve de ferramenta para administrar qualquer tipo de atividade diária. Diante dessas transformações, não temos noção da dimensão do fenômeno com que estamos lidando e da forma como ele nos toma. Somos usuários de ferramentas e serviços dos quais não percebemos a complexidade de seu funcionamento.

Levy (2010) aponta que, com as transformações implantadas pela cibercultura, também modificamos nossa relação com o saber. De acordo com o autor, algumas funções cognitivas poderiam até ser repensadas mediante esse novo cenário, como a noção de memória ou imaginação. A memória encontra-se tão objetivada em dispositivos tecnológicos que a reconhecemos cada vez mais “fora” do corpo do indivíduo ou de seus hábitos coletivos. O mesmo se dá com a imaginação, que amplia suas experiências sensoriais através de simuladores, de realidades virtuais e de sensores digitais. Para Levy, nesse espaço virtual encontramos um suporte tecnológico intelectual que exterioriza, amplifica e modifica diversas funções cognitivas.

Subjacente a todas as atividades habituais do homem, encontramos um complexo sistema que permite a materialidade da cibercultura. São computadores, de diversas naturezas, que codificam informações e controlam transmissões de dados em incontáveis aparelhos sincronizados em rede (Neves & Couto, 2012). Entretanto, salvo especialistas nessas áreas, não temos a menor ideia de como tudo isso acontece, e não saber como se dá a complexa malha das TIC interligadas pela internet, não impede nosso envolvimento com suas ferramentas. Nem mesmo que estructuremos dinâmicas de relacionamento a partir desses aparatos. Muito pelo contrário, é por não termos o conhecimento técnico/científico que nos organizamos em volta deles para torna-los “familiar”, já que nos tornarmos tão dependentes. É aqui que situamos os “sábios amadores”, apontados por Moscovici (2012/1961).

A internet modificou em pouco tempo a forma como interagimos e nos comunicamos. Vivendo profundamente essa “era da informação”, pouco nos questionamos: Como percebemos essas mudanças? Como ela se insere em nossas relações do cotidiano? De que forma essa revolução digital vem ocorrendo? Quais as consequências de sua difusão? São perguntas de grande relevância que nós, “sábios amadores” usuários da internet, pouco temos nos preocupado em compreender.

Em menos de duas gerações, a cibercultura se desenvolve e se instala de rompante. Pensemos: se perguntarmos a uma geração anterior se o mundo de hoje corresponde ao que imaginavam anos atrás, dificilmente eles responderão que sim. É uma época inimaginável para muitos, com transformações numa velocidade vertiginosa, dificilmente acompanhadas pelo homem, seja na dimensão cognitiva ou afetiva. Exigimos, então, que indivíduos e sociedade se adaptem o mais rápido possível às inovações, pois quem não se renova corre o risco de exclusão tecnológica/digital. Essas alterações tendem a provocar a sensação de se estar sempre correndo atrás de algo que se está perdendo, se esvaindo; de um tempo – ou evento – que rapidamente se foi. Aqui, acúmulo, descarte e renovação de informação tornam-se fatores primordiais do convívio na sociedade atual (Wulfhorts, 2004).

Nesse cenário, as representações sociais acerca dos fenômenos relacionados às TIC mostram-se menos estáveis em relação a uma ordem vigente, o que permite a preocupação e desconfiança daqueles mais reticentes em relação às transformações digitais. Nesse contexto, é perceptível uma tensão constante entre vertentes tradicionais e emergentes, que as ameaçam. Levy (2010) afirma que o processo de descentralização cultural é parte constituinte da cibercultura, e que este ocorre por meio da desterritorialização do acesso à informação, disseminada de forma transversal. Desse modo, a interpretação de determinado objeto ou manifestação cultural depende de um sistema de representações. Este, por sinal, está vinculado diretamente às relações sociais que o sustentam, sendo impossível compreendê-lo de modo descaracterizado de um contexto particular que lhe sirva como referência (Moscovici, 2003, 2012/1961). Por isso, propomos nessa pesquisa, a investigação do objeto –internet – tal como é representado por duas gerações distintas, nos interessando saber como cada geração representa socialmente a *internet* mediante seus sistemas de representações – ou seja, como ancoram.

Assim como a hipótese levantada por Diniz (2005), compartilhamos da ideia de que a convivência entre elementos tradicionais e fenômenos tecnológicos atuais é tanto condição necessária quanto situação histórica. No contexto onde transitam o novo – e consequentemente ele se coloca em rota de colisão com o já estabelecido – encontramos tendências que apontam tanto para uma tecnofilia² quanto uma tecnofobia³, algo que, segundo Lemos (2003) divide de modo simplista grupos entre otimistas e pessimistas frente a tal fenômeno. A questão deve avançar essas segregações e, segundo o autor, fomentar construções críticas na compreensão das potencialidades e negatividades que dizem respeito à natureza das tecnologias contemporâneas.

Levy (2010) também compartilha de tal ideia, alegando que “a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural” (p. 12). Uma coisa é inegável, a cibercultura não se refere a um modismo. Não manifesta um caráter de fenômeno passageiro; logo, revela um profundo processo de modificações na organização da sociedade contemporânea. É um fenômeno global, mas que, cada vez mais, vem dando sinais de que segue uma dinâmica de se estruturar respeitando o fator social, histórico e cultural particular de cada região (Neves & Couto, 2012). Quanto menos

² Aplica-se um neologismo para designar um comportamento de adesão, geralmente acrítica, às inovações tecnológicas.

³ Tecnofobia é termo cunhado para mencionar o medo e/ou rechaço de tecnologias modernas.

entendemos os significados emergentes desse fenômeno e como ele modifica o cenário social, mais estamos à mercê das consequências do seu desenvolvimento.

“Os limites de significação do ciberespaço estão diretamente relacionados com a inteligibilidade que a produção e o progresso técnico e científico têm no senso comum”, afirma Kim (2004, p. 214). Apesar do conceito de computador existir há mais de um século e o computador eletrônico ter surgido na década de 1940, a noção de ciberespaço e cibercultura carregam características de uma abstração quase sempre distante do senso comum. Os primórdios da cibernética ainda influenciam a cultura moderna e a produção tecnológica e científica através de resíduos que persistem, compondo fragmentos da cibercultura. Tais resíduos representam o deslocamento de compreensões oriundas do discurso técnico/científico para o plano do saber do senso comum:

Assim podemos, por exemplo, entender que o consenso social acerca do que é correio eletrônico (e-mail) está dentro dos limites de significações de “eletrônico” e “correio” (*electronic* e *mail*), sobre os quais já havia um consenso social. O mesmo ocorre com ciberespaço (*cybernetics space*) ou ciborgue (*cybernetics organism*). São exemplos onde os termos que sintetizam o discurso técnico-científico (“e” de *electronic* ou “cyber” de *cybernetics*) adquirem novas conotações e engendram significados inéditos na sua conjunção com antigos significantes (*mail*, *space*, *organism*), projetando o sistema antigo de interpretação da realidade sob novas formas, dentro das dadas possibilidades históricas e culturais de significação (Kim, 2004, p. 207).

E complementa:

O que comumente tem se chamado de “cibercultura” é uma resposta positiva da cultura na criação de uma “nova ordem do real” frente aos novos contextos práticos que desafiam as categorias tradicionais de interpretação da realidade (Kim, 2004, p. 207).

A forma como compreendemos e interpretamos o mundo vem sofrendo mudanças consideráveis não somente através das transformações tecnológicas, mas também na forma como interpretamos e reproduzimos essa ambientação, uma que vez que nossos sentidos se tornam cada vez mais extensões tecnológicas (Wulfhorst, 2004). Nesse momento, a existência do ciberespaço parece não mais depender de nossa própria volição. Chegamos num ponto em que sua existência independe de nosso desejo, sendo a oposição virtual *versus* real cada vez mais contraditória.

O fato é que todos os indícios levam a crer que somos cada vez mais “seres virtuais”, queiramos ou não. Estamos catalogados em incontáveis bancos de dados de instituições e corporações. E quando saímos de casa, consideramos carregar conosco “extensões” que auxiliem nosso convívio social: cartões magnéticos, *smartphones*, *tablets*, *notebooks*, etc., e

nesse convívio diário fica a certeza de que esses fenômenos virtuais têm representado para muitos a parcela da vida que mais vivenciam de real. Quanto mais “humanizamos” nossa relação com o mundo tecnológico através de simulações virtuais, mais estes elementos tornam-se familiarizados. Em contrapartida, “à medida que a virtualidade se transforma em campo de ação prática, cada vez mais a realização total do ser humano prescinde de sua inserção como coisa virtual do ciberespaço” (Kim, 2004, p. 216).

A este respeito, Mazzotti e Campos (2011) indagam:

Se as RS surgem como um fenômeno importante, dada a aceleração dos processos de criação e difusão da informação na virada da década de 50, o que dizer da cibercultura, quando essa aceleração torna-se exponencial? Não estaríamos vivendo uma nova inflexão, uma “mudança histórica decisiva” na construção do nosso senso comum? (p. 469)

A representação social, como objeto e expressão de um sujeito, não deve ser compreendida como mera reprodução, mas como construção. Não se trata apenas de mediações, mas elas correspondem a fatores de estímulo e modeladores de respostas. Elas também nos orientam a estabelecer foros de realidade ao que é representado. Uma representação sempre será a representação de alguma coisa (Vala, 1997).

Nessa perspectiva, sendo a representação uma expressão do sujeito, ela é produto de uma realidade construída, num diálogo constante entre o que lhe acontece e como este percebe o que acontece. Ao analisar as representações sociais procura-se revisitar a expressão do sujeito em contato com suas pertencas sociais, em processo de comunicação, e a própria representação enquanto elemento de uma funcionalidade social (Jodelet, 2001).

O estudo de representações sociais tem se relevado eficiente tanto na apreensão dos problemas emergentes da vida cotidiana quanto na compreensão aprofundada dos fenômenos sociais: em termos de estruturação, funcionalidade, comunicação e reprodução. Tais estudos pressupõem investigar a natureza das RS, ou seja, o que pensam os sujeitos a respeito de determinado objeto/fenômeno social, como também seus aspectos sociocognitivos; e por que os sujeitos pensam o que pensam acerca de determinado objeto (Almeida, 2005).

Sabemos que a escolha da metodologia e da abordagem a ser empregada na pesquisa depende das considerações empíricas (natureza do objeto, limitações de coleta, amostragem da população), mas também do sistema teórico que guiará os questionamentos e justificativas da pesquisa. A abordagem culturalista ou processual, de Jodelet, compreende que os estudos em RS fomentam elementos capazes de apreender a relação simbólica e prática entre o homem e os objetos que constituem seu meio social (Almeida, 2005). Assim como Moscovici apontou em suas obras, as RS das quais nos ocupamos neste trabalho não são das sociedades primitivas,

mas sim da nossa sociedade atual, do contexto contemporâneo, que muitas vezes não tem tempo suficiente para permitir a sua sedimentação.

Desde sua proposição inicial, a TRS tem demonstrado a capacidade de transitar tanto na dimensão dos contextos sociais sobre o indivíduo como na participação deste na construção da realidade social (Trindade, 1996). Desse modo, consideramos que a *internet* representa um objeto construído culturalmente, transformado incessantemente em um curto prazo de tempo na história, e que tem modificado e organizado diferentes contextos sociais. Conhecê-lo, através de tal perspectiva teórico-metodológica, pode ser importante por nos fornecer um entendimento, mesmo que parcial, de suas características, representações e transformações envolvidas nas relações contemporâneas.

2. Objetivos

2.1. Objetivo geral

O objetivo desse estudo é identificar e explorar as representações sociais da *internet*, assim como seu conteúdo, por meio do discurso de sujeitos de duas gerações.

2.2. Objetivos específicos

- 1 - Identificar o conteúdo da representação social de *internet* para adolescentes de uma mesma faixa etária e nível escolar;
- 2 - Identificar o conteúdo da representação social de *internet* para adultos – no caso, pais/responsáveis dos adolescentes participantes;
- 3 – Comparar as representações sociais de *internet* entre as duas gerações;
- 4 – Compreender os discursos e percepções dos adolescentes e adultos participantes a respeito da *internet* no cotidiano.

3. Estratégias metodológicas

O rigor metodológico é característica indispensável à pesquisa científica. Aqui, entendemos o rigor não apenas como o cumprimento de regras e etapas, mas, principalmente, quanto à adequação das mesmas ao objeto investigado e ao referencial teórico de sustentação (Almeida, 2005). Como nossos objetivos propõem a apreensão dinâmica dos processos que envolvem a compreensão de sujeitos de duas gerações acerca da *internet* e das TIC, optou-se por uma pesquisa qualitativa exploratória, desenvolvida sob o enfoque teórico-metodológico

da Teoria das Representações Sociais (TRS). Espera-se que com esse estudo intergeracional seja possível uma aproximação a elementos como as experiências, sentimentos, crenças e valores dos participantes, elucidando suas representações em relação ao objeto de pesquisa.

Cabem aqui, algumas considerações a respeito da proposta do estudo intergeracional. De acordo com Ruiz Correa (2000), a família pode ser considerada como uma instituição histórico-social constituída através de aspectos singulares e plurais, englobando elementos de continuidade que envolve filiação, fraternidade e laços de aliança. Dentro desse vínculo existe uma herança intergeracional, transmitida na dinâmica familiar e referente à propagação de crenças e valores e à convivência entre os membros.

Essa concepção de transmissão intergeracional compreende a travessia de um legado, tradição, conduta de uma geração à seguinte. Ela possibilita a continuidade de uma identidade familiar através de normas e costumes entre gerações (Ruiz Correa, 2000). Mas, e quando alguns elementos tradicionais são conflitantes com outros consolidados recentemente? Quando estes elementos que outrora não estavam disponíveis para gerações anteriores entram de rompante na vida dos membros mais novos?

O desenvolvimento e crescimento da internet parece estar permeado por esse conflito. É na relação entre gerações que estamos expostos às tradições familiares ancoradas, por vezes, nos costumes e hábitos mais inflexíveis do cotidiano. Contudo, nem toda tradição é possível de ser garantida pelos membros da família, perpetuando as práticas herdadas pelos parentes e ancestrais. O que permite uma liberdade, cada vez maior, dos membros mais novos traçarem caminhos não necessariamente atrelados ao que é transmitido entre gerações, pois, dependendo do contexto que se encontram, torna-se fundamental conciliar valores e condutas tradicionais com modelos contemporâneos.

3.1. Participantes

Buscar definições e conceitos que delimitem um estudo é princípio básico de qualquer pesquisa. Existem inúmeras definições sobre adolescência/juventude. São muitos os ângulos pelos quais podemos olhar a temática, ou os recortes que podemos fazer, destacando uma ou outra dimensão; biológica, cronológica, psicológica, social, por exemplo. Não há de fato uma única definição, universal (Sposito & Carrano, 2003). Ao abordar o conceito de juventude, torna-se indispensável considerar questões fundamentais como aspectos históricos, ideológicos, sociais e culturais. É o que se pretendeu nessa pesquisa.

Participaram da pesquisa 10 adolescentes, sendo 5 meninas e 5 meninos, que cursavam o ensino médio. Também participaram 10 pais desses mesmos adolescentes, divididos entre 4

homens e 6 mulheres, faixa etária entre 45 e 55 anos. A compreensão da faixa etária dos participantes adolescentes adotada nesta pesquisa baseia-se em critérios compartilhados por instituições como Organização Mundial da Saúde (World Health Organization [WHO], 2012), Ministério da Saúde do Brasil (Brasil, 2010a, 2010b) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2013), estimando um período cronológico entre 10 e 19 anos. Entretanto, a pesquisa incluiu apenas adolescentes na faixa etária entre 15 e 19 anos, idade correlacionada ao período educacional do ensino médio.

De acordo com Pais (2009), é importante considerarmos a dimensão cronológica, pois ela legitima direitos e deveres aos indivíduos. Contudo, ele aponta ser um equívoco considerar essa dimensão como forma única de caracterizar as fases da vida. Por sua vez, Abramo (1997) também aponta que mesmo que se utilize de uma delimitação etária em marcos da vida, são as histórias pessoais de vida que impulsionam trajetórias diversificadas.

Desse modo, os participantes foram constituídos por 10 díades de pais e filhos adolescentes de classe média. Para os respectivos pais dos adolescentes não foi delimitada faixa etária. Para constituição do grupo de participantes, adotou-se um critério fundamental: utilizar a internet em seu dia a dia e ter conta e/ou ser usuário de ao menos uma rede social *online* ou aplicativo de bate-papo (Ex.: *Facebook*, *Whatsapp*, *Twitter*).

Cabe ressaltar que, no caso dos pais admitiram-se apenas aqueles com até uma geração antecedente aos adolescentes, não sendo viável a participação de responsáveis legais com grau de parentesco como avôs e avós. Tal medida visa garantir maior probabilidade de acesso à internet por esse grupo e maior homogeneidade.

3.2. Instrumentos

No presente estudo foi utilizada para a coleta de dados uma entrevista semiestruturada em profundidade, norteadas por um roteiro previamente definido (Apêndice A). Este incluiu algumas questões sociodemográficas (relacionadas ao sexo, idade, escolaridade, escolaridade dos pais, profissão dos pais), bem como questões que objetivaram o acesso às representações sociais de internet, uso de internet e redes sociais, vantagens e desvantagens das novas TIC, entre outras. Foram realizadas duas entrevistas-piloto onde foi possível averiguar a aplicabilidade e a adequação do instrumento frente aos objetivos propostos.

3.3. Procedimentos de coleta de dados e aspectos éticos

O procedimento metodológico para definição dos participantes utilizado na pesquisa foi o *snowball* (“bola de neve”), também conhecido como *snowball sampling*, que se configura por

uma técnica de amostragem não-probabilística utilizada com frequência em pesquisas sociais. Ela consiste num procedimento em que participantes selecionados no início da coleta de dados indiquem possíveis novos participantes e assim sucessivamente, até que o objetivo proposto seja atingido. Portanto, é uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência em uma espécie de rede (Albuquerque, 2009).

Albuquerque (2009) destaca que a técnica de cadeia de referência visa à coleta do máximo de informações de uma amostra aleatória de participantes. De acordo com a autora, os primeiros participantes selecionados – que devem ter conhecimento sobre o fenômeno/objeto pesquisado – são considerados como “sementes”, que por sua vez, indicaram posteriormente outros sujeitos da sua rede de relacionamento (ou conhecidos) que possam vir a participar da amostra da pesquisa, estes são considerados os “filhos das sementes”.

A amostragem em bola de neve recorre, então, às ligações entre os membros de uma população. Desse modo, a partir do primeiro informante, tivemos acesso a outros sujeitos da pesquisa, e assim sucessivamente, até atingirmos um total de 20 participantes (sendo 10 adolescentes e seus respectivos pais). O primeiro passo consistiu em encontrar adolescentes pertencentes à população-alvo da pesquisa. Esses primeiros sujeitos, tidos como “sementes”, foram pessoas mais acessíveis aos pesquisadores (Dewes, 2013). A técnica bola de neve é um procedimento consideravelmente barato, sem maiores complicações e não requer tanto planejamento, se comparado a outros métodos de recrutamento de sujeitos (Salganik & Heckathorn, 2004).

Os participantes adolescentes menores de dezoito anos assinaram um Termo de Assentimento (TA) (Apêndice B). Já os pais que participaram da entrevista assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C), demonstrando sua concordância em participar conjuntamente a seus filhos, haja vista que este era um critério fundamental. Ou seja, somente participaram da entrevista aqueles adolescentes cujos pais também declararam concordância em participar.

Todas as entrevistas foram realizadas nas residências das famílias participantes. Essas mesmas entrevistas individuais também foram gravadas em áudio, sendo prerrogativa a aceitação de tal condição.

O projeto foi elaborado respeitando a Resolução n 466/2012 (Conselho Nacional de Saúde - CNS, 2012) e o código de ética profissional do Conselho Federal de Psicologia (CFP), preconizando que todas as medidas éticas e científicas foram tomadas com relação à pesquisa. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (CEP-UFES), conforme número de processo 1.775.531.

4. Organização e análise de dados

Finalizada a coleta, as gravações em áudio das entrevistas foram transcritas na íntegra em documento de texto. Os dados textuais das entrevistas foram submetidos ao software IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) e posteriormente analisados de acordo com a metodologia de análise de conteúdo categorial, elaborado por Lawrence Bardin (2009).

4.1. A análise textual com auxílio do software IRAMUTEQ

A análise textual corresponde a uma forma específica de análise de dados, recorrendo especificamente à análise de material verbal transcrito, como textos originalmente escritos, documentos, entrevistas, redações, etc. Essas fontes de dados são usadas tradicionalmente nos campos das Ciências Humanas e Sociais (Nascimento & Menandro, 2006). Como apontam Camargo e Justo (2013), esse tipo de análise propõe que a dicotomia clássica entre qualitativo e quantitativo seja suplantada, na medida em que se permita o uso de cálculos estatísticos sobre variáveis de natureza qualitativa: os textos. Esses dados textuais são compostos essencialmente pela linguagem e carregam em si conteúdo simbólico produzido acerca dos fenômenos. Sua investigação mostra-se relevante na medida em que admite uma aproximação de pensamentos, opiniões e crenças que compõem o material.

Antes de falarmos especificamente sobre o *software* IRAMUTEQ, é preciso falar sobre o programa informático que influenciou diretamente seu desenvolvimento. Em 1990, buscando elaborar um *software* que auxiliasse na análise textual, M. Reinert desenvolveu um programa informático: *Analyse Lexicale par Context d'un Ensemble de Segments de Texte* (ALCESTE). O programa surge como uma proposta inovadora, pois possibilitou que os pesquisadores recuperassem o contexto em que as palavras se organizavam. O ALCESTE permite que se execute uma análise do tipo Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que possibilita tanto uma análise lexical do material textual investigado, como operar por diferença máxima entre dois conjuntos de segmentos de texto (classes lexicais). Ela se estabiliza quando as diferenças de vocabulário deixam de ser estatisticamente significativas (Camargo, 2005; Lima, 2008).

Esse programa informático tem se mostrado bastante pertinente à análise de dados advindos de material textual – em especial na análise de entrevistas. Tem sido empregado em diversos estudos no campo das RS, pois, além de otimizar o tempo de análise de estudos com *corpus* bastante volumoso, também permite uma aproximação ao conteúdo das representações

sociais e favorece a leitura do seu campo comum (Menandro, 2004; Nascimento & Menandro, 2006).

Recentemente tem sido desenvolvido e aprimorado constantemente um *software* chamado IRAMUTEQ, que se baseia no ALCESTE, mas se apresenta como uma alternativa ao programa francês. Desenvolvido por Pierre Ratinaud, em 2009, o *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ) – também voltado para a realização de análises textuais – possibilita os seguintes tipos de análises: estatísticas textuais clássicas; pesquisa de especificidades de grupos; classificação hierárquica descendente; análises de similitude e nuvem de palavras (Camargo & Justo, 2013).

Inicialmente, o IRAMUTEQ foi desenvolvido em língua francesa e começou a ser utilizado no Brasil em 2013. O dicionário em língua portuguesa vem sendo aprimorado e atualizado constantemente pela equipe do LACCOS (UFSC) em parceria com o Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade - Educação, da Fundação Carlos Chagas (CIERS-ed/FCC); e com o grupo de pesquisa Valores, Educação e Formação de Professores, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), permitindo análises suficientemente precisas e estáveis (Camargo & Justo, 2013).

Camargo e Justo (2013) ainda apontam que o *software* viabiliza o processamento de dados em grandes volumes de textos, o que permite o aprimoramento das análises. Desse modo, pelo rigor estatístico, por sua interface de fácil compreensão, pelas possibilidades diversificadas de análise e por seu acesso ser gratuito, o IRAMUTEQ pode ser utilizado como ferramenta de análise nos estudos em Ciências Humanas e Sociais, trazendo contribuições para pesquisas que buscam conteúdos simbólicos provenientes de materiais textuais. Entretanto, cabe a ressalva de que o *software* não se configura como método, e os relatórios por ele gerados não correspondem, em si, à análise dos dados.

4.2. A análise de conteúdo na perspectiva de Bardin

A difusão da Análise de Conteúdo (AC) na investigação qualitativa em Psicologia, no Brasil, tem sido grande, especialmente fazendo uso da obra de Lawrence Bardin (Gondim & Bendassolli, 2014). A AC, como método, constitui-se através de um conjunto de técnicas que permitem a análise das comunicações utilizando de procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição dos conteúdos das mensagens investigadas. De acordo com os pressupostos da interpretação das mensagens, e percorrendo caminhos de uma aplicabilidade coerente do método, a AC deve partir de um sistema de organização. Suas diferentes fases de análise do conteúdo organizam-se em torno de três dimensões: 1) pré-análise; 2) exploração do material e

3) tratamento dos resultados: inferência e interpretação (Bardin, 2009). Desse modo, os elementos metodológicos propostos por Bardin propiciam uma compreensão aprofundada do fenômeno/objeto estudado, como também, permite ao pesquisador reflexões acerca dos sentidos e significados emergentes.

A utilização da AC dispõe de amplo leque de técnicas integradas em seu escopo, incluindo de abordagens intuitivas e interpretativas a análises textuais sistemáticas e restritas. A vasta aplicabilidade e diversificada classificação da AC, por vezes, dificulta afirmar com exatidão o que seria de fato a AC. Entretanto, como apontam Gondim e Bendassolli (2014), existe um processo comum a todas as técnicas de AC, principalmente referente à AC categorial utilizada nesta pesquisa; que é o processo inferencial.

Conforme descrito por Bardin (2009), o processo de AC categorial segue os seguintes passos: 1) pré-análise, que é a etapa inicial de seleção e leitura do material (*corpus*) a ser investigado e analisado; 2) codificação, referente ao momento de transformação dos dados brutos obtidos do *corpus* em unidades de registros a serem agrupados posteriormente; 3) categorização, fase de organização e classificação do *corpus* em um conjunto de unidades de registro significativas com base em critérios e por fim, 4) interpretação, que consiste no processo inferencial.

As etapas metodológicas descritas acima demonstram que um princípio básico do funcionamento da AC categorial refere-se à redução de dados através de dois passos-chave: codificação e categorização do conteúdo do *corpus* de interesse da pesquisa. Dois elementos operam por detrás dos passos-chave mencionados: de um lado, a indução, e de outro, a dedução. Outro ponto que vale destaque acerca da metodologia envolve o trinômio teoria-fenômeno-dado. Quando se escolhe usar a AC como técnica de análise de dados, vale ter consciência do seu papel significativo no processo interpretativo da relação entre o dado, o fenômeno e o aporte teórico. É necessário um alinhamento entre os três elementos. Como ressaltam Gondim e Bendassolli (2014):

Os dados, sozinhos, são circunstanciais, e para interpretá-los é preciso orientar a análise pelo entendimento de qual seja o fenômeno investigado. Por sua vez, uma primeira forma de representar ou operacionalizar o fenômeno é adotar um modelo teórico que sirva de *proxy* (representante) da teoria mais ampla, abstrata (p. 197).

Assim como destacado por Gondim e Bendassolli (2014), gostaríamos de argumentar a favor da compreensão da AC como um recurso de análise de dados que, para além da organização e descrição dos dados, deve tomar como perspectiva a teorização do fenômeno investigado. Esta é uma consideração que nos parece fundamental, pois, em sua ausência, o

pesquisador pode estar diante de dados que, de modo bruto, não são capazes de expressar muita coisa acerca do fenômeno ou objeto investigado.

Desse modo, ao fazermos uso da AC categorial, buscamos compreender o fenômeno investigado para além do controle dos dados, considerando quais contribuições teóricas venhamos a acrescentar para a compreensão desse fenômeno. Como afirmam os autores, “esta é a principal contribuição da análise qualitativa de dados: oferecer novas possibilidades interpretativas que vão além das inferências estatísticas” (Gondim & Bendassolli, 2014, p. 198).

5. Resultados

5.1 Resultados obtidos a partir do IRAMUTEQ (CHD)

O material textual das transcrições das entrevistas foi agrupado em um *corpus* e submetido ao procedimento de análise de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) do *software* IRAMUTEQ. A análise através da CHD visa à obtenção de classes de segmentos de texto que apresentam tanto vocabulários semelhantes entre si, quanto vocabulários diferentes dos segmentos das outras classes. A partir dessas análises do *corpus* textual o *software* organiza os resultados obtidos em forma de dendrograma, que representa as relações entre as classes. Através de cálculos diversos o programa fornece resultados que nos permitem a descrição e interpretação de cada uma das classes. Os cálculos se baseiam no percentual de palavras compartilhado entre duas classes específicas e concede a retomada dos segmentos de texto associados a cada classe, o que permite uma contextualização e interpretação mais segura dos conteúdos de cada classe (Camargo & Justo, 2013).

Além de possibilitar análise lexical do material textual, a CHD oferece a leitura de contextos de sentidos das palavras organizadas em classes lexicais, caracterizados por um vocabulário específico e por segmentos de texto associados a tais classes. Compreende-se que estas classes podem caracterizar representações sociais ou expressar elementos de representações sociais associados ao objeto em estudo (no caso, a internet), o que justifica o uso do programa enquanto instrumento complementar na análise dos dados (Camargo, 2005). Apresentaremos agora os resultados obtidos através da análise da CHD de cada grupo de entrevistados separadamente: dos adolescentes e de seus pais.

5.1.1 CHD dos adolescentes

Como já especificado, participaram da pesquisa 10 adolescentes com faixa etária entre 15 e 19, sendo 5 meninas e 5 meninos de classe média, todos cursando o ensino médio e moradores das cidades de Vila Velha e Vitória-ES.

O IRAMUTEQ dividiu o *corpus* em 183 segmentos de texto, dos quais 162 foram aproveitados no procedimento de CHD, representando 88,5% de aproveitamento do *corpus*. Este percentual corresponde a um aproveitamento eficiente, tendo em vista que o percentual suficiente para o processamento eficiente do material textual é de 75% (Camargo & Justo, 2013).

Como podemos ver na Figura 1, o *corpus* foi separado em sete classes. Para a análise dessas classes utilizamos a sugestão de adoção de dois critérios apontados por Camargo e Justo (2013): 1) a ênfase nas palavras não instrumentais, como verbos e substantivos, com frequência maior que a frequência média do conjunto de palavras total do *corpus* e 2) a consideração das palavras com qui quadrado (X^2) de associação à classe $\geq 3,84$.

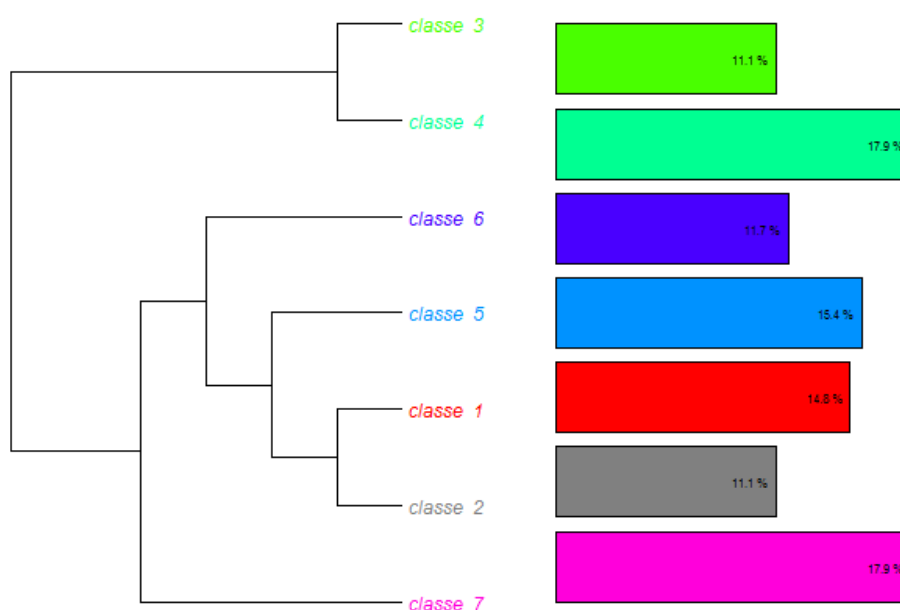


Figura 5. Dendrograma da CHD dos adolescentes

Na Figura 1 acima podemos verificar o dendrograma que apresenta as partições que foram feitas no *corpus* até resultar nas classes finais. Em uma primeira etapa de processamento (1ª partição), o *corpus* foi separado em dois subcorpora. Num segundo momento (na parte inferior) um subcorpus foi dividido em dois (2ª partição), obtendo-se a classe 7. O subcorpus inferior divide-se em dois, formando uma 3ª partição (Classe 6), uma 4ª partição (Classe 5) e estabiliza, por fim, com uma partição final que dá origem as Classes 1 e 2. Na parte superior tivemos apenas uma partição originando as Classes 3 e 4. De acordo com Camargo e Justo (2013), a CHD é concluída quando as classes se apresentam estáveis, compondo segmentos de

texto com vocabulário semelhante. Abaixo, podemos visualizar na Figura 2 a alguns exemplos de vocabulário encontrado em cada Classe.

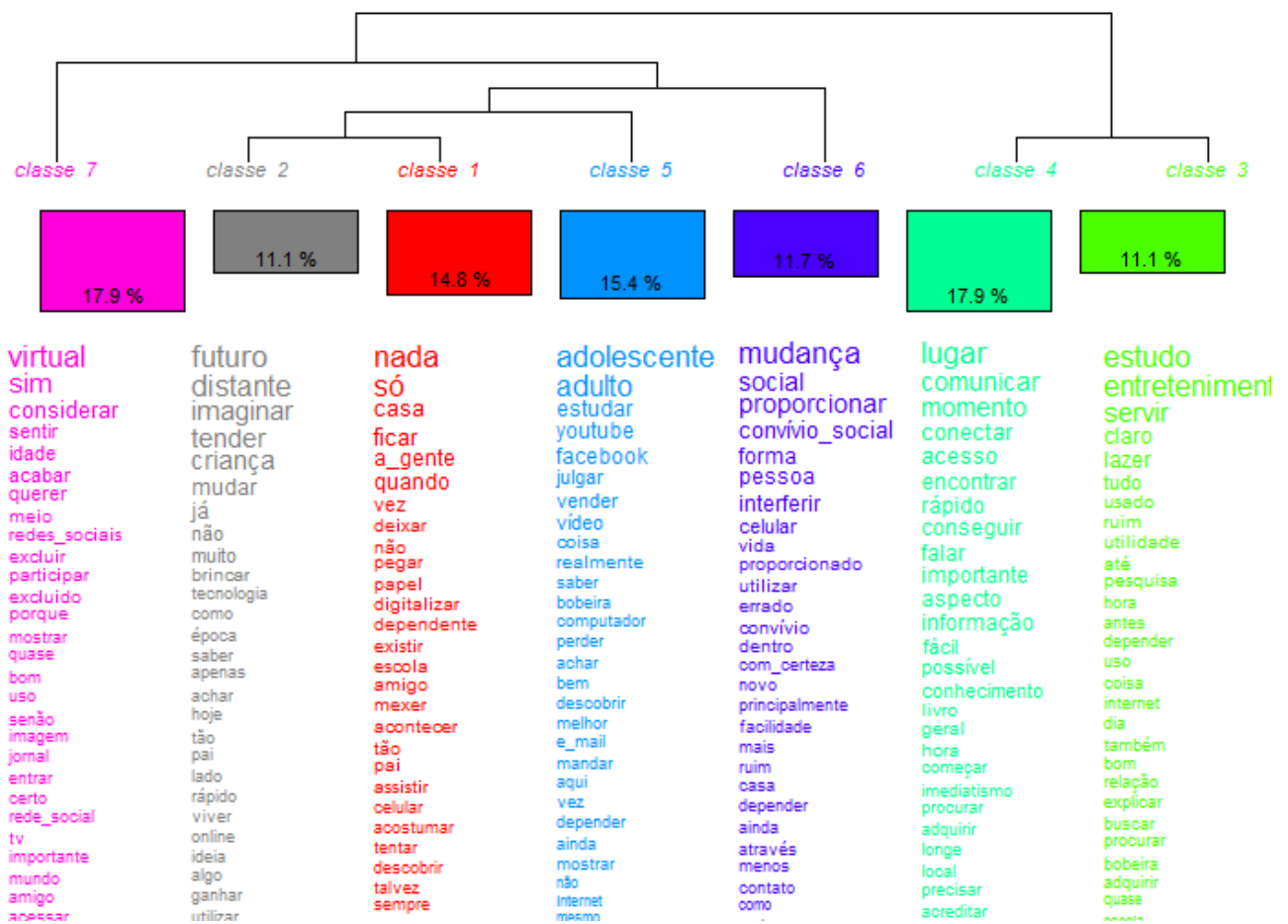


Figura 6. Dendrograma lexical da CHD dos adolescentes

Moscovici (2003) acreditava que existiam formas diferentes de conhecer e de se comunicar, guiadas por objetivos diferentes, dinâmicos. Buscando operacionalizar um conceito para compreender a mobilidade do pensamento social e sua diversidade, propõe então a concepção de **universos consensuais e reificados**. O universo consensual expressa o senso comum e as teorias formuladas que serão usadas no cotidiano. Ele se constitui principalmente na conversação informal, objetivando explicar o mundo sem necessariamente usar conceitos científicos/especializados. Já no universo reificado se manifestam os saberes e conhecimentos científicos, elaborados com rigor lógico e metodologia específica. É um universo que se cristaliza no espaço científico.

A divisão entre esses dois universos dos quais nos falava Moscovici parece estar evidenciada na Figura 2. A primeira partição revela a separação entre dois blocos principais, um agrupando as Classes 7, 2, 1, 5 e 6, possivelmente referente ao universo consensual e o outro as Classes 4 e 3, relativo ao universo reificado. O bloco que representa o universo

consensual demonstra a prática dos participantes perante a internet. São as experiências e vivências dos participantes diante do objeto investigado. É também onde a dimensão da representação social se consolida, no cotidiano, pois nele, aparentemente, não há fronteiras e todos podem falar e esboçar opiniões sobre o objeto. Já no bloco que representa o universo reificado encontramos a tentativa de discursos especializados sobre a internet. São discursos elaborados que buscam uma aproximação da narrativa especializada. É onde os participantes destacam a internet como deveria ser; ou seja, existe a intenção de esboçar um ideal de internet ou, ao menos, como ela deveria ser, segundo parâmetros técnicos. A divisão, entretanto, não é resultado de uma hierarquia, nem significa isolamento entre elas, apenas propósitos diversos. Ambas, portanto, apesar de terem propósitos diferentes, são eficazes e indispensáveis para a vida social. A seguir, apresentaremos separadamente cada Classe.

A Classe 1, aqui denominada *A internet no cotidiano dos adolescentes*, constitui um conteúdo lexical que, após análise, interpreta-se como referente ao uso habitual e ao grau de intensidade do uso da internet no cotidiano dos adolescentes, tal qual aos locais mais recorrentes onde ocorre esse uso. Palavras como *fazer, mexer, ficar, escola, amigo e casa* remetem a ideia de que o uso habitual da internet se dá principalmente na escola e em casa, enquanto as palavras *celular, amigo e dependente* complementam o entendimento da naturalização do uso da internet, tanto na escola quanto em casa. O acesso à internet e o contato com os pares (amigos de sala) e, por vezes, com os familiares, ocorre muito através do celular (e *smartphones*). Fica evidente o reconhecimento de que o cotidiano e as atividades dos adolescentes envolvem diretamente o uso da internet, de modo que dificulte a imaginação de como fariam muitas das atividades do dia a dia sem a internet. Algumas falas, destacadas pelo programa como segmentos de texto (ST) representativos da classe, ilustram bem essa percepção de depender da internet (e do celular) no convívio do dia a dia:

“Eu uso a internet em **casa** e quando não estou em casa eu ligo o 3G na **escola**. Normalmente eu uso a internet mais em **casa** para assistir Netflix na TV”
(Participante 6, sexo feminino)

“Sem a internet eu não saberia o que está acontecendo no resto do mundo. Poderia estar acontecendo uma catástrofe e eu não saberia. Nem precisa ser algo tão grande, por exemplo, algum desentendimento na **escola** que poderia estar acontecendo e eu não saberia” (Participante 6, sexo feminino)

“Eu não consigo nem imaginar como a internet vai estar no futuro. A gente vai estar cada vez mais **dependente** da internet e as pessoas vão saber mexer mais com a internet” (Participante 12, sexo masculino)

“Se você me falasse que não tem internet só na minha **casa** eu iria surtar. Assim como eu já cheguei em **casa** e não tinha wi-fi e eu surtei. Meu Deus, eu não posso ficar sem wi-fi” (Participante 14, sexo feminino)

“Sem a internet eu teria muita dificuldade em saber o que meus **amigos** estão fazendo, de pesquisar sobre alguma matéria ou trabalho da **escola**” (Participante 18, sexo feminino)

O conteúdo da Classe 2, intitulada *Internet e futuro*, compartilha elementos com a Classe 1, mesmo que a reunião de seus elementos expresse conteúdo específico. A interpretação permite identificar alguns aspectos correlatos à incapacidade de conceber um mundo e seu funcionamento sem internet. Palavras como *saber*, *mudar*, *imaginar*, *tecnologia*, *futuro* e *distante* ganham destaque na Classe 2. Nessa classe é possível notar que, mesmo os adolescentes, considerados “filhos” da geração tecnológica, têm dificuldades em levantar possibilidades plausíveis de como a internet vai se desenvolver no futuro e o que ela poderia oferecer. A imprevisibilidade de como a internet possa estar num futuro próximo se expressam em reflexões ora otimistas, ora pessimistas. Alguns ST destacados pelo software contribuem para o entendimento dessa classe:

“**Imagino** num **futuro** não muito **distante** uma internet melhor, com mais pessoas acessando, com mais expectativa com mais meios” (Participante 3, sexo masculino)

“Mesmo eu tendo nascido na época de **tecnologia**, quando criança eu não tinha *tablete*, porque eu realmente brincava de boneca [...] Eu **imagino** que num **futuro** não muito **distante** não vai existir mais áreas que não tenha internet. Eu acho que provavelmente quando eu já tiver meus filhos todos os lugares terão internet” (Participante 6, sexo feminino)

“Eu não sei nem o que **imaginar** da internet no **futuro**. Eu nunca iria imaginar que hoje a gente estaria com o *smartphone*” (Participante 14, sexo feminino)

“Infelizmente eu não **imagino** algo muito bom para o **futuro** da internet, porque a internet foi apenas jogada para nós. A gente está no mesmo imediatismo das próprias **tecnologias** e não aprendemos de forma adequada como utilizar” (Participante 16, sexo feminino)

O conjunto de termos reunidos na Classe 3, nomeada *Finalidades da internet*, indica como os adolescentes compreendem a internet, para o que acreditam que ela serve e como

acreditam que ela deveria ser usada. É a compreensão da internet em sua representação ideal. Palavras como *servir*, *pesquisa*, *entretenimento*, *estudo* e *tudo* ganham destaque nessa classe e deixam evidente alguns aspectos ideais da internet, além de reforçar seu caráter de centralidade, dado o grau de intensidade e presença na vida dos adolescentes. Aspecto importante que aparece nos discursos é a noção de que a internet carrega uma finalidade ambivalente, podendo ser usada tanto para “o bem” como para “o mal”. Os ST abaixo manifestam o caráter prático dado à internet por essa geração:

“A internet é um meio de **pesquisa** que você pode procurar o que quiser a internet **serve** para basicamente **tudo**, trabalho escolar, jogo, **pesquisa**” (Participante 3, sexo masculino)

“A internet **serve** para várias coisas. A internet pode ser usada para **estudo**, lazer, **entretenimento**, até para o governo. Acho que é uma coisa que todo mundo pode usar para várias coisas [...] Claro que pode ser usada para coisas boas e coisas ruins, mas a internet pode ser usada para **tudo**. Dificilmente eu fico o dia inteiro sem mexer na internet” (Participante 6, sexo feminino)

“Vídeos, diferentes assuntos acadêmicos, bobearias. A internet **serve** para tantas coisas, depende da intenção. A gente pode usar a internet para **estudar**, **entretenimento** [...] Antes eu ficava quase 24 horas na internet. Eu chegava da escola meio dia ficava até às 10 horas na internet. Fazia **tudo** na internet” (Participante 9, sexo feminino)

“A internet é um lugar que você pode obter qualquer tipo de informação, boas e ruins [...] A internet serve para adquirir conhecimento e informação. A internet é uma fonte de **pesquisa** que também serve para o **lazer**, para **entretenimento** e comunicação [...] minha vida está na internet, eu **estudo** pela internet, meu e-mail é na internet, as pessoas que eu me comunico são pela internet, **tudo** que eu faço é pela internet” (Participante 14, sexo feminino)

“A internet pode ser usada para **estudo**, **lazer**, **entretenimento**. A internet também pode ser usada para coisas maiores, como para empresas e escolas [...] a internet pode **servir** tanto para coisas ruins como boas, mas a internet pode ser usada para **tudo**” (Participante 18, sexo feminino)

A Classe 4, denominada *A internet do ponto de vista técnico*, apresenta alguns elementos que se correlacionam à Classe 3. Ela também diz respeito ao cenário ideal considerado pelos

adolescentes sobre a internet. Entretanto, mantendo algumas especificidades, a Classe 4 expressa o foco voltado à característica de comunicação e informação. Os entrevistados apontaram como a internet modificou o modo como nos comunicamos, produzimos e trocamos informações, não só nas relações pessoais, mas também na forma como nos relacionamos com os meios de comunicação. Também destacaram como a comunicação, hoje, parece não encontrar fronteiras, reduzindo as distâncias entre as pessoas e os lugares. É um discurso tecnicamente elaborado, como se os entrevistados se posicionassem como especialistas do que dizem. Destacam-se nas falas dos participantes palavras como *falar*, *comunicar*, *informação*, *lugar*, *importante*, *acesso* e *rápido*. Abaixo, alguns recortes das afirmações que ilustram esse aspecto:

"A internet trouxe ***informação***, trouxe ***acesso*** à pesquisas, imagens, vídeos, trouxe ***informação*** geral de tudo" (Participante 3, sexo masculino)

"Internet é uma tecnologia que liga pessoas de diferentes ***lugares*** [...] é uma forma de se ***comunicar*** com todo mundo de qualquer ***lugar***. Eu tenho uma amiga que mora nos EUA e eu consigo falar com ela a qualquer momento, a mensagem chega ***rápido***" (Participante 6, sexo feminino)

"Internet é um banco de dados ligados mundialmente com ***informações*** compartilhadas simultaneamente. A internet serve para deixar os ***lugares*** mais próximos, mais conectados, diminuir as distâncias entre os ***lugares*** [...] com a internet é muito ***rápido***, muito fácil você se conectar, então, diminui as distâncias entre as pessoas entre os ***lugares***" (Participante 8, sexo masculino)

"O aspecto mais importante da internet é ter esse compartilhamento de ***informação*** a todo o momento [...] Uma pessoa menos favorecida pode ter ***acesso*** a todas as ***informações*** através da internet. A internet promove uma inserção muito grande das pessoas em todos os aspectos" (Participante 9, sexo feminino)

"Você encontra muito mais coisas na internet do que assistindo um jornal na TV. A internet é um ***lugar*** que você tem ***acesso*** à ***informação*** na hora que você quiser e pode rever ***informações*** antigas [...] eu nunca iria imaginar que teríamos Whatsapp, que ***falaríamos*** com a pessoa tão rápido. Eu nunca iria imaginar que você ia mandar mensagem de voz, nunca iria imaginar que você iria se ***comunicar*** por Skype, há pouco tempo atrás" (Participante 14, sexo feminino)

"A internet é o novo modo das pessoas se **comunicarem**. A internet também possibilita adquirir novos conhecimentos de uma forma nova. A internet é como se fosse um **local** que é possível **falar** com outras pessoas e também é possível procurar e encontrar coisas de fácil **acesso**" (Participante 16, sexo feminino)

A Classe 5, aqui nomeada *Confrontações entre grupos geracionais*, que forma um subgrupamento com as Classes 1 e 2, traz as diferenças entre o uso que os adolescentes e os adultos fazem da internet. O campo temático que caracteriza essa classe diz respeito à avaliação que os adolescentes fazem do uso da internet e como, conseqüentemente, comparam com o uso que os adultos fazem. As palavras destacadas nessa classe são *usar, saber, achar, estudar, adulto e adolescente*. Elas sugerem uma diferenciação quanto à natureza das relações estabelecidas entre sujeito-objeto entre gerações. Também se sobressalta a expressão *ver*, como aspecto que revela o lado de espectador nesse campo relacional (homem-internet). Comparece nas falas dos adolescentes, por fim, a compreensão de que o uso excessivo configura um mau aproveitamento do tempo diário. Os seguimentos textuais abaixo apontam as avaliações que buscam as diferenças entre os grupos geracionais:

"Os **adultos** usam a internet para conversar, **ver** vídeo, para pesquisa principalmente [...] Os **adolescentes** usam a internet para conversa, jogo, trabalho de escola, pesquisa para algum curso, para **estudar** melhor, perguntas e respostas" (Participante 3, sexo masculino)

"A maioria dos **adultos** usam a internet para trabalho, para **ver** e-mail, mas também para **saber** das notícias. Eu acho que **adolescente** usa a internet mais para **perder** o tempo [...] Os **adolescentes** usam a internet para ficar **vendo** algumas coisas sem sentido, mas eu não vou julgar, porque eu também faço isso [...] Eu fico **vendo** umas coisas inúteis, tipo Twitter, coisas que eu acho bem desnecessárias. Acho que o **adulto** usa a internet para fazer coisas precisas, necessárias realmente" (Participante 6, sexo feminino)

"Tem **adulto** que usa a internet para as mesmas coisas que os **adolescentes**, mas eu acho que os **adultos** usam a internet para tentar se inteirar mais com os filhos" (Participante 12, sexo masculino)

"Mamãe usa a internet só para Whatsapp, Facebook e Instagram, para vigiar a vida dos outros. A maioria dos **adultos** que eu vejo é só trocando mensagem de bom dia, boa tarde e boa noite no Whatsapp e grupo de família [...] a maioria dos **adultos** não

usam a internet para uma coisa produtiva realmente [...] E os **adultos** julgam como os **adolescentes** usam a internet. Eu acho que os **adolescentes** usam a internet muito por esse lado do exibicionismo, de mostrar foto pela internet, mostrar que tem bens materiais, exibir a vida na internet" (Participante 14, sexo feminino)

"Os **adultos** usam a internet para se distraírem com vídeos no Youtube. Os **adultos** usam o Google para **saber** de algumas coisas que ainda não **sabem** [...] não acredito que os **adultos** usam a internet muito para se comunicar. Os **adolescentes** usam mais a internet como forma de comunicação" (Participante 16, sexo feminino)

"Mas é claro que eles também usam para se divertir, eu vejo meus pais aqui em casa mandando vídeos do Youtube. Eu acho que o adolescente muitas vezes **perde** muito tempo na internet com coisas que não deviam [...] Essas coisas que a gente **perde** muito tempo, mas não dá para fugir, é inevitável, tem que fazer parte das redes sociais" (Participante 18, sexo feminino)

Na Classe 6, intitulada de *A internet e o “novo” convívio social*, também encontramos conteúdo lexical que se diferencia das demais classes. Seu conteúdo pode ser interpretado como referente às mudanças proporcionadas pela internet no modo como convivemos socialmente. Fica evidente a compreensão de que o advento da internet e o desenvolvimento tecnológico (principalmente o celular) interferem, direta e indiretamente, no modo como as pessoas se relacionam. Palavras como *mudança*, *interferir*, *convívio social*, *vida*, *pessoa*, *forma*, *celular* e *social* ganham destaque na Classe 6. Algumas falas ilustram bem o reconhecimento de interferência da internet no convívio social das pessoas:

"Se a **pessoa** usa a internet em excesso afeta o **convívio social**, afastando a família, pode ocorrer mais brigas" (Participante 3, sexo masculino)

"A internet realmente **interfere** no **convívio social**. As pessoas param de interagir para ficar mexendo no **celular**, ficam em casa, trancadas, mexendo no **celular**, o que eu acho errado, mas é inevitável [...] Eu consigo comparar mais ou menos as **mudanças** proporcionadas pela internet, eu acho que agora que tem internet as **pessoas** estão muito antissociais, preferem ficar em casa mexendo no **celular**, assistindo série" (Participante 6, sexo feminino)

"A internet **interfere** no **convívio social**, com certeza. As **pessoas** estão menos próximas umas das outras, toda interação ocorre muito pela internet e pelo **celular**.

As *peessoas* estão mais distantes umas das outras, de todas as *formas*" (Participante 9, sexo feminino)

"Com certeza a internet *interfere* no *convívio social*. Também *interfere* na *forma* de *mudar* o *convívio social*. As *peessoas* não estão parando mais para conversar, para perguntar da vida dos outros, essas coisas [...] a internet proporcionou *mudanças sociais* principalmente no aspecto do diálogo e a *forma* de conversar das *peessoas*" (Participante 12, sexo masculino)

"A internet *interfere* muito no *convívio social*. Acho que a internet interfere no *convívio social* de todas as *formas*. A internet é boa e ruim, boa pela facilidade e praticidade no uso [...] mas é ruim porque tira a privacidade das *peessoas*. Eu acho que a falta de privacidade é o lado ruim da internet [...] sem a internet a gente iria recuperar alguns valores, por exemplo, de contato *social*. Sem internet a gente iria dar mais atenção a quem está por perto" (Participante 14, sexo feminino)

"Para a vida *social* a *mudança* proporcionada pela internet seria essa questão de poder entrar em contato com as *peessoas*, mesmo estando na sua particularidade, mesmo estando sozinha [...] com a internet você não depende da presença física para se *socializar* com as *peessoas*, basta saber utilizar a internet de uma *forma* adequada [...] nós utilizamos a internet da *forma* como ela veio, sem ter um jeito certo ou errado de usar. As *peessoas* estão muito mais ligadas à internet do que a própria vida real" (Participante 16, sexo feminino)

"Com certeza a internet *interfere* no *convívio social*. A internet *interfere* na *forma* como as *peessoas* passaram a se relacionar [...] as *peessoas* parecem estar sempre ocupadas, mas com o *celular* na mão. O novo convívio social é muito mais virtual, talvez mais até do que deveria, mas não tem como ir contra esse *convívio social* virtual [...] a internet proporcionou *mudanças* no trabalho, na escola, dentro de casa e vai *mudar* mais ainda. Na medida em que a internet vai avançando as coisas vão *mudando*. Também para acompanhar nós vamos *mudando* junto à internet" (Participante 20, sexo masculino)

O conjunto de elementos textuais reunidos na Classe 7, chamada de *O sujeito virtual*, que se separa das demais Classes, demonstra que os adolescentes se consideram “pessoas virtuais”. O campo temático que configura essa classe é a relação “visceral” existente entre a vida desses adolescentes e as redes sociais. Estas compõem parte essencial da identificação dos

adolescentes no mundo virtual. Por vezes, a participação nesse mundo virtual pode despontar como obrigatoriedade, pois não estar inserido nesse contexto virtual pode acarretar a sensação de exclusão e isolamento. Destacam-se nas falas dos participantes palavras como *considerar, querer, uso, meio, mundo, redes sociais, virtual e importante*. A seguir, alguns ST que ilustram a compreensão de que o meio virtual é parte fundamental da vida desses adolescentes:

"Sim, me **considero** uma pessoa **virtual**. Porque estou dentro da internet, no **meio** disso. Eu acabo me prendendo a isso, não é que eu estou preso, eu fico muito ligado [...] eu faço bom **uso** da internet. Às vezes posso perder muito tempo com isso, ao invés de fazer outra coisa, de aproveitar o tempo. Eu gasto muito tempo na internet" (Participante 3, sexo masculino)

"Me **considero** uma pessoa **virtual** sim, porque eu tenho quase todas essas **redes sociais**. Eu estou online a maior parte do meu tempo [...] acho que sem a internet eu me sentiria isolada" (Participante 6, sexo feminino)

"Me **considero** uma pessoa **virtual**. Se a gente não for **virtual** na minha idade acaba sendo excluído do meio social [...] mesmo que você não queira **usar** a rede **virtual** você tem que entrar nesse **mundo**, senão você se exclui das outras pessoas. A gente é quase jogado para esse **mundo virtual**, então, sim, eu me **considero** uma pessoa **virtual** [...] **considero** que faço bom e mal **uso** da internet, porque eu vejo na internet as coisas que devem, que são úteis para mim e coisas que não devem [...] até quem tem meia idade, quem é velho, está **usando** a internet. Ninguém quer ficar excluído socialmente" (Participante 12, sexo masculino)

"Tudo meu é pela internet, não queria admitir não, mas eu sou uma pessoa **virtual**. Faço bom uso da internet. Eu acho que eu erro no uso da internet na questão de relacionamento pessoal" (Participante 14, sexo feminino)

"De certa forma, me **considero virtual** sim. É uma forma de dependência da internet no **meio** social de hoje. A gente se sente **virtual** [...] **considero** que faço bom **uso** da internet, sim, mas de certa forma, a internet me prende também [...] As **redes sociais** servem muito para se mostrar, para criar uma imagem sua. Usam uma imagem **virtual**, mas que você acaba acreditando nela também. Os adolescentes **usam** a internet com o intuito de querer que o outro tenha maior acesso a você" (Participante 16, sexo feminino)

"Me **considero** uma pessoa **virtual**, sim, porque eu faço parte de quase todas as **redes sociais** [...] as pessoas interagem mais com o celular do que com as pessoas mesmo. Eu me sentiria isolada, porque quase tudo que eu tenho contato é através da internet, seja para conversar ou se informar, tudo é pela internet" (Participante 18, sexo feminino)

"Me **considero** uma pessoa **virtual**. Na minha idade não tem muita escolha, ou você faz parte do **mundo virtual** das **redes sociais** ou você acaba sendo excluído [...] na verdade, os adolescentes nem pensam à respeito disso, eles apenas participam. Estranho na minha idade é não fazer parte das **redes sociais**, a pessoa pode se sentir excluída [...] me **considero** uma pessoa **virtual**, porque participo desse **mundo virtual**, convivo nas **redes sociais**, senão eu me sentiria excluído" (Participante 20, sexo masculino)

5.1.2 CHD dos adultos (pais)

Participaram da pesquisa 10 adultos, sendo eles pais dos adolescentes participantes da entrevista, com faixa etária entre 45 e 60 anos, sendo 5 homens e 5 mulheres de classe média, em sua maioria com o ensino superior completo e moradores das cidades de Vila Velha e Vitória, ES.

O IRAMUTEQ dividiu o *corpus* analisado em 238 segmentos de texto, dos quais 187 foram aproveitados no procedimento de CHD, representando 78,5% de aproveitamento do *corpus*. Assim, como ocorreu com os dados dos adolescentes, este percentual obedece a um aproveitamento satisfatório segundo Camargo e Justo (2013).

Como é possível observar na Figura 3, o *corpus* foi separado em cinco classes. Para a análise dessas classes, assim como no caso dos adolescentes, também utilizamos a adoção dos dois critérios sugeridos por Camargo e Justo (2013), já apresentados anteriormente.

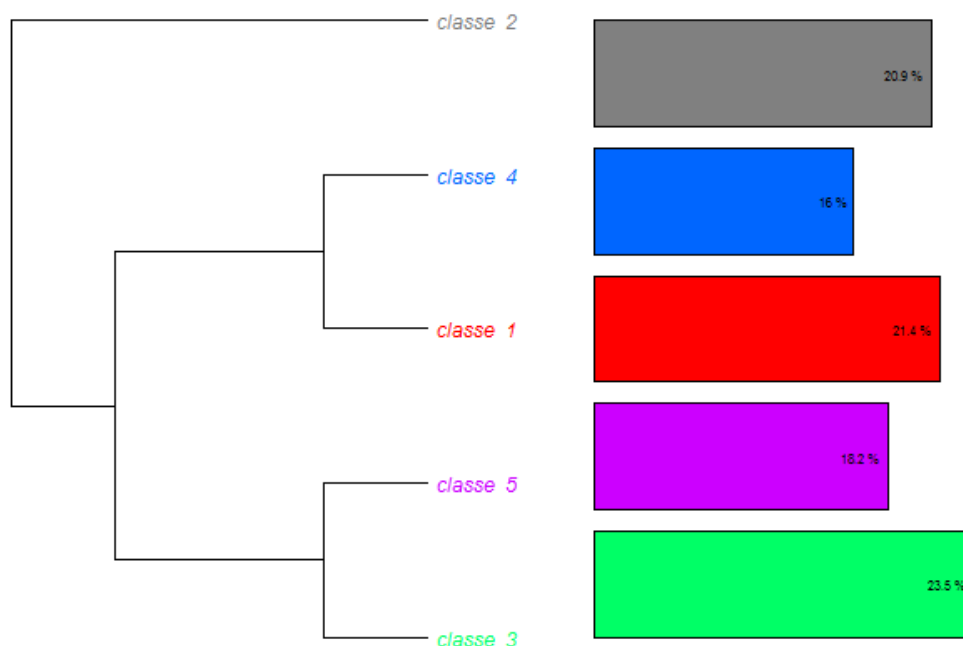


Figura 3. Dendrograma da CHD dos adultos (pais)

Na Figura 3 podemos observar a CHD em forma de dendrograma representando as partições que foram feitas no *corpus* até a estabilidade final das classes. Inicialmente, na primeira etapa de processamento (1ª partição), o *corpus* foi separado em dois subcorpora, originando, no topo da Figura 3, a Classe 2. Na parte inferior do dendrograma, numa segunda etapa de processamento, um subcorpus foi dividido em 2 (2ª partição) que, posteriormente, numa terceira etapa de processamento (3ª partição) divide-se em mais dois, dando origem as Classe 4 e 1 e 5 e 3, separadamente. Nesse ponto, compreende-se que a CHD está concluída, pois as classes se apresentam estáveis, compondo segmentos de texto com vocabulário semelhante (Camargo & Justo, 2013).

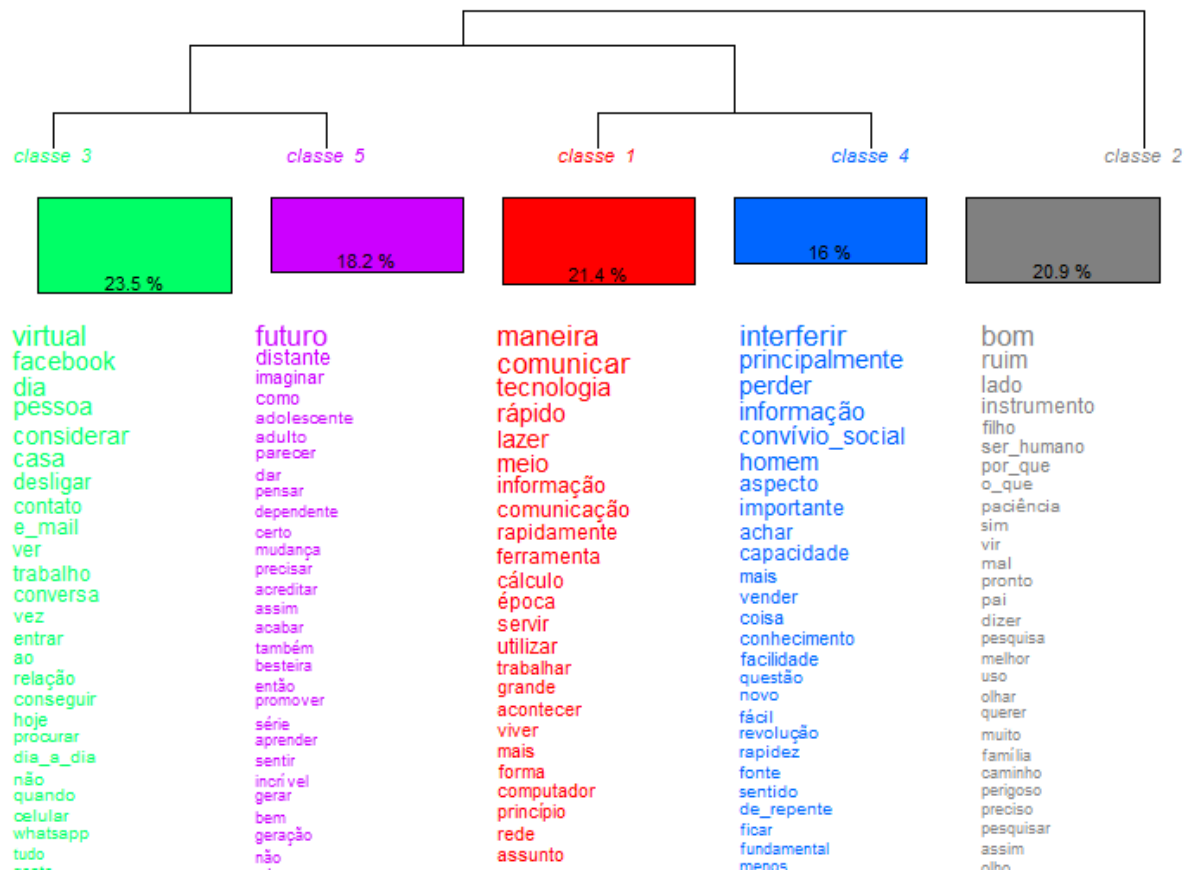


Figura 4. Dendrograma lexical da CHD dos adultos

Assim como destacado no dendrograma dos adolescentes, e balizado pelos conceitos de **universos consensuais e reificados** elaborados por Moscovici (2003), podemos perceber através da Figura 4 uma possível diferenciação de formas de conhecer um mesmo objeto (a internet), guiada por objetivos dinâmicos. Entretanto, diferente do dendrograma do grupo dos adolescentes, não percebemos uma distinção nítida entre universos consensuais e reificados. A primeira partição da Figura 4 não demonstra a separação clara entre os dois universos, sendo possível inferir que os conceitos e linguagens empregados por este grupo objetiva a aproximação e transmissão de discursos supostamente “técnicos”. Ou seja, há uma tentativa de organizar o discurso consensual, mas de modo que contenham elementos que lhe garantam a percepção de “conhecedores” sobre o que estão falando. A conversação informal (universo consensual) parece ser elaborada com maior rigor (universo reificado). Do mesmo modo, a Figura 4 detalha o que os adultos entendem por internet, mas também demarcam os posicionamentos de confrontação de ideias perante os mais jovens. São contrapontos que aparecem em forma de coocorrência diferencial, revelando que as representações podem ser compreendidas como eventual coevolução de sistemas simbólicos e de relações sociais. A seguir, discutiremos as particularidades de cada Classe.

Após análise, o conteúdo lexical encontrado na Classe 1, aqui intitulado *A influência da internet no espaço de trabalho*, permite interpretar que trata-se de uma classe referente ao entendimento que os adultos dão a internet e como esse entendimento auxilia na utilidade dada a esse objeto no cotidiano. Palavras como *utilizar*, *servir*, *trabalhar* e *comunicar*, juntamente a *informação* e *comunicação*, expressam o entendimento dado a internet e o modo como ela é utilizada no dia a dia, tendo destaque a relação apontada ao trabalho. Além de outras palavras, como *computador*, *tecnologia*, *forma* e *maneira* apontarem os instrumentos tecnológicos utilizados como mediadores nas tarefas diárias, em que, novamente, a ênfase está no âmbito do trabalho. Também são destacados os atributos e benefícios proporcionados pela internet, manifestos nas palavras *acesso*, *rápido* e *preciso*. Cabe também uma ressalva aos receios em relação à interferência da internet na dimensão do trabalho no futuro. Alguns ST demonstram a utilidade dada a internet (e seus benefícios) no cotidiano desses adultos:

"A internet é uma **forma** de **acesso** à **informação** através do **computador**, da **tecnologia**. A internet **serve** para fins de **informação**, lazer, **comunicação** [...] o aspecto importante da internet é a que eu tenho no meu **trabalho**: o **acesso** a **informações** passadas, a todas as **informações** de uma maneira bem prática" (Participante 2, sexo masculino)

"A facilidade de **comunicação** no seu setor de **trabalho**, as **informações**. Mas alguns adultos também usam de forma indiscriminada, acaba até com o casamento" (Participante 4, sexo feminino)

"A internet é uma rede mundial de **computadores** sem começo, meio e fim, onde todas as pessoas podem se falar e as **informações** se cruzam sem ter uma ordem, com **informação** de todo o tipo e toda qualidade" (Participante 5, sexo feminino)

"A internet é um sistema de **comunicação** via **computador**, a princípio, ou smartphone. Para ter acesso à internet tem que ter um **computador** e estar ligado a uma rede para ter acesso a internet e ao mundo [...] sem a internet eu perderia mais no **trabalho**, seria muito mais **trabalho**" (Participante 7, sexo masculino)

"A internet é um recurso que temos para acessar vários sites que possibilitam a gente ter **informação** de vários assuntos [...] eu **utilizo** muito a internet para acessar **e-mail** e fazer pesquisas, não tenho usado a internet para assistir filmes, não tenho usado para mais nada além de **trabalho**. Eu uso a internet diariamente para **trabalhar** [...] outro aspecto que considero importante da internet é a socialização

da **informação** muito **rápida**, a gente consegue rapidamente aprofundar um assunto" (Participante 10, sexo feminino)

"A internet é uma **maneira rápida** de se **comunicar** com qualquer parte do globo terrestre. Com a globalização a internet se tornou uma ferramenta fundamental, a **informação** chega **rápido** e, hoje em dia, os jovens têm muito mais **informação** com a internet do que eu tinha na minha época sem internet [...] eu **utilizo** também como ferramenta de ensino e também para me **comunicar** por **e-mail** [...] eu sou atualizado com a **tecnologia**, porém, **utilizo** de **maneira** moderada, mais para **trabalhar** e me **comunicar**, não uso a internet para me divertir [...] a internet faz parte da doutrina neoliberal para atingir os mercados mais rapidamente. Tem que ter um instrumento mais **rápido** de **comunicação**. A **tecnologia** evoluiu **rápido** e boa parte da nossa população não tem condição de assimilar rapidamente essas **tecnologias** [...] esse equipamento **tecnológico** vai gerar desemprego" (Participante 11, sexo masculino)

"Para mim a internet **serve** porque **trabalho** com ela. A internet é uma armação tão grande que ninguém consegue viver sem ela. Eu uso a internet para **trabalhar**, para bate papo, mas eu desconfio muito da internet" (Participante 13, sexo feminino)

"A internet **serve** para ter acesso a muitas **informações** do mundo e para se **comunicar** com **rapidez**. A internet **serve** para pesquisar qualquer coisa, serve para pesquisar sobre qualquer tema a qualquer momento" (Participante 17, sexo feminino)

"A internet se tornou uma ferramenta fundamental. A **informação** e a **comunicação** viajam o mundo, hoje em dia, muito **rápido**, o que não acontecia na minha época [...] sem a internet também seria mais lento no aspecto da **comunicação** e do **trabalho**. A gente iria regredir uns 30 anos" (Participante 19, sexo masculino)

Os elementos textuais reunidos na Classe 2, denominado *Internet e ambivalências*, apresentam a auto avaliação que os adultos fazem do uso da internet e a compreensão de que a internet se trata de um objeto de caráter ambivalente. A maioria dos entrevistados considerou fazer bom uso da internet. Acerca do entendimento de seu caráter ambivalente, fica o entendimento da internet como um objeto que tem seu caráter definido a partir do uso e finalidade que lhe é dado, podendo ser positivo ou negativo, bom ou ruim. Palavras como *lado*, *bom* e *ruim* revelam esses contrastes de compreensão que podem parecer opostos, mas que

na sua essência se complementam no aspecto avaliativo. Destaca-se também na fala dos participantes palavras como *uso*, *dizer*, *olhar*, *pesquisar*, *pesquisa* e *instrumento*. Abaixo, algumas falas que ilustram o entendimento da dualidade do objeto da internet:

"Porque eu acesso muito pouco a internet. Eu **uso** estritamente para aquilo que preciso e não preciso tanto, consigo viver sem a internet. Faço **bom uso** da internet, com certeza [...] a internet trará muitos benefícios no que se refere a aquilo que eu disse anteriormente, mas no que se refere à convívio social eu acho que será **ruim**" (Participante 2, sexo masculino)

"Mas eu acho um caminho muito **bom**, sabendo **usar** a internet é um caminho de **pesquisa** [...] sabendo **usar** com inteligência é um **bom instrumento** [...] considero que faço **bom uso** da internet, sim. Porque eu **digo** que procuro o que quero, o que eu tenho dúvida [...] eu acho que cria uma distância, é muito quarto, muito celular, sempre na mão, sempre conversando com alguém, mas, assim, por outro lado, eu acho que é uma via de acesso boa para quem sabe **usar** direito" (Participante 4, sexo feminino)

"Na minha visão a internet tem um **lado** muito positivo e um lado muito negativo, por exemplo, eu acho que a internet serve para estudar, para **pesquisa** [...] eu acho que eu ainda perco muito tempo com a internet. Acho que essa é uma das características da internet, você se perde muito" (Participante 5, sexo feminino)

"Sim, considero que faço **bom uso** da internet. Eu não sou viciada em internet, eu passo muito bem sem a internet. Porque tem gente que não consegue viver sem internet" (Participante 10, sexo feminino)

"Faço **bom uso** da internet, sim. Não gosto de socializar a minha vida pela internet. Eu utilizo a internet como **instrumento** de comunicação, de informação e de processamento de dados para minha particularidade [...] tem duas coisas, o bem e o mal. A gente pode usar a internet tanto para o **lado bom** como para o **lado ruim** [...] o problema não é a internet, o problema é o ser humano, é o **uso** que o ser humano vai fazer desse **instrumento** de comunicação e **pesquisa** que é a internet [...] o **lado bom** ou **ruim** da internet não está no **instrumento**, está no ser humano, que pode **usar** para tanto para o **lado bom** quanto para o **ruim** [...] o ser humano tem o **lado bom** e o **lado ruim**, mas tem uma tentação muito grande de **usar** a internet para o **lado ruim**, e a internet é um **instrumento** de domínio" (Participante 11, sexo

masculino)

"Eu faço **bom uso** da internet. Essa bobeira de **pesquisar** o nome das pessoas não é **mau uso**, porque eu não vou fazer nada de **ruim** com essa **pesquisa**, é apenas uma curiosidade [...] Eu não indicaria a internet para ninguém. Se eu pudesse eu destruiria a internet. Eu entendo o **lado bom** da internet, mas eu acho que se pegar 100 pessoas, todas que **olharam** o **lado bom** da internet também **olharam** o **lado ruim** [...] a internet serve para todos os tipos de **pesquisa**, a **boa** e a **ruim**. Eu **vejo** muita coisa **boa** na internet, mas não adianta, o ser humano é tentado a **ver** as coisas **ruins** [...] o **lado ruim** da internet é uma tentação que te puxa. Na minha geração era muito melhor sem internet" (Participante 13, sexo feminino)

"É preciso ter cuidado com o que se **vê** na internet. Os adolescentes **usam** a internet com muita criatividade, isso às vezes é **ruim**, às vezes **é bom** [...] os adolescentes e as crianças acabam se encantando demais pela internet, o que pode ser **ruim**, porque, se os pais não impõem limite aos filhos se não ensinam a melhor forma de usar a internet é muito perigoso [...] esse é o lado perigoso, porque eles não sabem até onde podem ir, a internet não vem com um manual de instrução de como fazer **bom uso**" (Participante 17, sexo feminino)

"A gente precisa ter conhecimento do que pode ser **bom** ou **ruim** na internet [...] parece que você é bombardeado o tempo inteiro com besteiras da internet. Por isso que falei que o **uso** e o que cada um vai fazer com a internet é bem particular. Como eu disse, considero que faço **bom uso** da internet, sim [...] a internet é uma **instrumento** que é manuseado pelo ser humano e o ser humano pode fazer o **uso** correto ou não. Assim como qualquer coisa no mundo a internet depende do significado que nós damos" (Participante 19, sexo masculino)

Na Classe 3, nomeada de *O sujeito não virtual*, encontramos questões relacionadas ao cotidiano dos adultos mediado pela internet. O foco dessa classe está relacionado a se considerar ou não uma “pessoa virtual” mediante a avaliação do uso que faz da internet. Destacam-se nas falas dos participantes palavras como *conseguir*, *ver*, *considerar*, *e-mail*, *trabalho*, *relação*, *contato*, *casa*, *pessoa*, *não* e *virtual*. Podemos dizer que todos os participantes adultos afirmaram não se considerar “virtual”. Mesmo reconhecendo e apontando diversos elementos do cotidiano, onde novamente o trabalho ganha destaque, eles não conseguem se enxergar enquanto pessoas virtuais. Afirmaram serem usuários da internet e de tudo a ela relacionado,

mas enfatizam não depender estritamente dela para viver. O receio de demonstrar dependência os afasta, consequentemente, de se considerar virtual. Um fator utilizado para sustentar que não se consideram virtuais diz respeito à compreensão dada aos contatos sociais; à forma como se relacionam com as pessoas. Mesmo com a facilidade da comunicação através da internet, valorizam o contato presencial. Abaixo, alguns ST que ilustram esse aspecto:

"*Não* me *considero* uma *pessoa virtual*. Às vezes eu uso a internet para fazer *contato* telefônico, uma chamada ou uma coisa que você recebe via Whatsapp de conhecidos [...] eu acho que em relação ao social a internet distancia as *pessoas*, ela promove relacionamentos esquisitos entre as *pessoas*. A internet não é capaz de firmar um relacionamento duradouro. O relacionamento na internet é passageiro" (Participante 2, sexo masculino)

"Eu *não* gosto de Facebook. *Não* tenho costume, fico 4, 5 meses sem olhar o Facebook, *e-mail*. Eu acho que olho uma vez ou outra por mês [...] acho que por um lado é uma via de acesso muito boa, por outro lado prende um pouco as *pessoas* e também a questão de *contato*, a conversa entre as *pessoas* passou a ser muito pela internet" (Participante 4, sexo feminino)

"*Não* sei se me *considero* uma *pessoa virtual*, porque eu acho que *não* sou tão conectada. Eu gosto da internet, mas *não* dependo, por exemplo, eu consigo me desligar da internet [...] no *trabalho* a gente faz tudo o tempo todo utilizando a internet e em *casa* é para falar com as *pessoas*. Eu uso rede social muito pouco [...] Você tem esse *contato* através de rede social" (Participante 5, sexo feminino)

"*Não* me *considero* uma *pessoa virtual* [...] Eu tenho Facebook que eu já perdi a senha, *não* sei mexer, a *não* ser o Whatsapp, *e-mail* pessoal. Eu uso muito pouco, é mais *trabalho*. Eu uso a internet todo dia. Eu uso a internet no escritório, *não* uso smartphone, mas dia de sábado e domingo a primeira coisa que eu faço aqui em *casa* quando acordo é ver jornal na internet" (Participante 7, sexo masculino)

"*Não* me *considero* uma *pessoa virtual*, porque eu acho que uma *pessoa* virtual faz tudo pela internet e eu *não* faço. Meu uso da internet fica muito restrito ao *trabalho*. *Não* me *considero virtual* [...] agora, com o smartphone a gente tem acesso ao *e-mail* pelo celular, por exemplo, semana passada eu estava em São Paulo, aí eu recebia tudo pelo smartphone, respondia *e-mail* do *trabalho* [...] no dia que eu esqueci meu celular em *casa* e fui *trabalhar* foi um alívio" (Participante 10, sexo

feminino)

"*Não me considero uma pessoa virtual*, eu utilizo o mundo *virtual* [...] eu *não* gosto de Facebook, também não critico quem utiliza o Facebook. Eu *não* gosto de ninguém sabendo da minha vida particular através da internet. Eu *não* gosto de nenhum tipo de comunicação que seja estritamente *virtual* [...] eu vejo a internet como uma droga, tem *pessoas*, hoje, que não conseguem ficar sem a rede, sem a internet. Eu acredito que algumas *pessoas* poderiam entrar em depressão sem a internet" (Participante 11, sexo masculino)

"*Não me considero uma pessoa virtual*. Eu acho que sou *virtual*, mas *não* me considero, porque *não* concordo com o aspecto *virtual*. Eu *não* me aceito *virtual* [...] a internet é uma porcaria. A internet é uma coisa que as *pessoas* se sentem corajosas e estão cada vez mais covardes. Na internet as *pessoas* acham que têm muitos amigos e estão cada vez mais sozinhas" (Participante 13, sexo feminino)

"*Não me considero virtual*. Mas todos os dias eu entro no Whatsapp pela internet para saber o que alguém mandou para mim [...] eu *não* me considero *virtual*, porque essas *pessoas* que eu tenho *contato*, muitas vezes, eu estou com elas no dia a dia. Para ser *virtual* eu iria procurar *pessoas* que eu nunca vi, não conheço" (Participante 15, sexo feminino)

"*Não me considero uma pessoa virtual*. Porque, mesmo usando a internet para falar com quem está distante, eu prefiro encontrar as *pessoas* pessoalmente, prefiro a presença física, o papo ao vivo. Mas todos os dias eu sigo essa rotina, celular para Whatsapp e computador para *trabalho*. Eu também uso a internet para me comunicar com quem está distante e até mesmo quem está perto" (Participante 17, sexo feminino)

"Mas eu *não* me considero *virtual*, por mais que eu sei que muitas das coisas que eu faço dependem da internet, a gente precisa saber separar as coisas, a vida real e a virtual" (Participante 19, sexo masculino)

A Classe 4, chamada de *A interferência no convívio social*, apresenta elementos que se correlacionam à Classe 1. Assim como nesta, destaca-se a importância da internet no aspecto da informação. Porém, nessa classe, as questões centrais também estão voltadas às interferências sociais causadas pelo uso habitual e naturalizado da internet. O conteúdo

encontrado, por vezes, remete ao entendimento de que, juntamente aos avanços tecnológicos, também regredimos ou nos afastamos de outros aspectos. Segundo os entrevistados, as principais dimensões afetadas pela internet foram as relações sociais e as práticas diárias. A palavra *perder* e *convívio social* estão relacionadas tanto ao contexto de perda da proximidade no convívio social, quanto à perda da praticidade sem a internet. Palavras como *achar*, *ficar*, *coisa*, *aspecto*, *interferir*, *informação* e *importante* também se sobressaem na Classe 4. Alguns trechos das entrevistas destacam essa sinalização de interferência da internet na dimensão do convívio social:

"Eu acho que a internet só é *importante* se for para a *informação* [...] naturalmente, a *informação* para esclarecimento de dúvidas e a *informação* a respeito de pessoas [...] Sem dúvida a internet *interfere* no *convívio social*. Você *perde* o contato com as pessoas, você *perde* o vínculo afetivo com as pessoas, você *perde* o estímulo de interagir com as pessoas [...] e *perdendo* essas coisas você *perde*, para mim, aquilo que é mais *importante*; saber estar com as pessoas [...] eu imagino a internet substituindo as ações naturais do homem. O homem está *perdendo* a criatividade, a capacidade de se expor, de compreender o outro, de se fazer compreendido, de se relacionar, de ter um *convívio* duradouro. Eu acho que o homem está *perdendo* essa capacidade por causa da internet [...] cada vez mais o homem está se tornando mais vazio, menos criativo, mais distante, mais vulgar" (Participante 2, sexo masculino)

"A internet *interfere* no *convívio social*, sim. Acho que a internet *interfere* principalmente nos meninos mais novos [...] Eu acho que a internet, num futuro não muito distante, olhando de uma forma geral, que as *coisas* vão *ficar* mais complicadas daqui para frente [...] porque se faz um uso muito indiscriminado. Acho que as *coisas* tendem a piorar, principalmente os mais jovens, usando a internet demais" (Participante 4, sexo feminino)

"O *aspecto* mais *importante* da internet é a *informação* na hora, instantânea [...] hoje, se uma bomba explode no Japão, em um minuto a *informação* está aqui [...] Eu acho que a internet *interfere* um pouco no *convívio social*. A internet afasta o homem" (Participante 7, sexo masculino)

"Eu acho que a internet só *interfere* no *convívio social* se a pessoa deixar, só se a pessoa for muito ligada na internet [...] Tem que saber equilibrar o uso da internet. Se a internet não existisse eu *perderia* essa facilidade de acesso à *informação*. Sem

a internet eu *perderia* a capacidade de obter *informação*" (Participante 10, sexo feminino)

"Observo que as pessoas ficaram mais preguiçosas, no seguinte sentido, basta você dar uns *clicks* na internet e você passa a *informação* à diante. A internet está *influido* em muitas coisas, na maneira do aluno na escola, na profissão" (Participante 11, sexo masculino)

"A internet *interfere* muito no *convívio social*. Eu acho que com a internet o mundo *ficou* uma coisa só [...] O *aspecto* mais *importante* da internet é essa *informação* de tudo" (Participante 13, sexo feminino)

"O *aspecto* mais *importante* da internet para mim é que a internet é uma fonte de pesquisa, *informação*, podendo virar conhecimento [...] Com certeza a internet *interfere* no *convívio social* [...] Sem a internet eu *perderia* a praticidade do meu cotidiano, principalmente no trabalho" (Participante 15, sexo feminino)

O conteúdo da Classe 5, denominada *Avaliação e comparação entre grupos geracionais*, compartilha elementos com a Classe 3, mesmo que seu conjunto textual expresse conteúdo específico. O campo temático observado nesta Classe apresenta a avaliação que os adultos fazem do modo como utilizam a internet. Em consequência, ao avaliaram o uso que fazem, acabam por comparar a forma como os adolescentes usam a internet. Nesse aspecto, a proximidade do convívio diário com os filhos influencia no julgamento revelado pelos pais. A classe também se refere à capacidade de imaginar como a internet pode evoluir nos próximos anos e, conseqüentemente, o que acarretaria na vida desses adolescentes. As palavras destacadas nessa classe são *poder, usar, ir, acabar, adulto, adolescente, imaginar, internet, futuro e distante*. Os seguimentos textuais abaixo ilustram as distintas avaliações apontadas entre os grupos geracionais, pelos adolescentes:

"Os *adolescentes usam* a *internet* para encher a cabeça de bobagem, porque eles acessam tudo e grande parte das coisas que eles acessam não serve para nada, não os servirá para nada" (Participante 2, sexo masculino)

"Eu acho que os *adultos usam* mais para o trabalho e para pesquisa [...] Os *adolescentes usam* para jogo, para bater papo, pouco para pesquisa, a pesquisa vem em último plano, quando precisa" (Participante 4, sexo feminino)

"Os **adultos usam** a **internet** para trabalho e rede social, basicamente. Os **adolescentes usam** a **internet** só a parte social, só para brincar [...] Não **imagino** como a **internet** estará num **futuro** não muito **distante**. Não consigo **imaginar**, não tenho noção, assim, do que vai ser a **internet** no **futuro**" (Participante 5, sexo feminino)

"Acaba que para as mudanças sociais a **internet** trouxe uma série de vantagens. Não dá nem para **imaginar** hoje sem a **internet**, sem a **internet** seria uma catástrofe, um caos, não se conseguiria produzir o que se produz hoje [...] O **futuro** agora é smartphone pelo o que tenho lido [...] Os **adultos usam** a **internet** pela facilidade em tudo, não tem outro caminho a não ser a **internet**" (Participante 7, sexo masculino)

"Eu nunca parei para pensar como vai estar a **internet** no **futuro** não muito **distante**, mas não tem como a **internet** regredir [...] Agora, as **pessoas** que têm um nível de escolaridade mais baixo tem essa possibilidade de aprender através da **internet**. Esse acesso à **internet** democratizou o conhecimento" (Participante 10, sexo feminino)

"Eu tenho certeza que num **futuro** não muito **distante** a tecnologia vai evoluir tanto que as pessoas vão ter que elaborar algoritmos [...] a globalização foi cruel com os países subdesenvolvidos, porque a **internet** foi uma transformação muito rápida, que gera desemprego, inflação, uma série de consequências indesejáveis. A **internet** num **futuro** não muito **distante** vai juntar tudo, informação rápida [...] tem **adultos** também com outro tipo de comportamento diante da **internet**. Tem **adulto** que é escravo da **internet**, que não consegue ficar sem a **internet**, é pior até do que alguns **adolescentes** [...] acredito que exista uma tendência de que os **adolescentes** teriam mais problemas com a dependência da **internet** do que uma pessoa que não nasceu com a **internet**. Os **adolescentes** são uma geração diferente, a minha preocupação é o domínio dos princípios" (Participante 11, sexo masculino)

"Sem **internet** todo mundo teria que abrir a boca e falar. Eu nem consigo **imaginar** direito como a **internet** vai estar num **futuro** não muito **distante**, porque hoje já é uma coisa tão absurda. Eu acho que vai evoluir sempre para pior [...] tem muito **adulto** que eu conheço que não **usa** a **internet** [...] O **uso** da **internet** para os **jovens** é determinada pelo medo. Os **adolescentes** têm medo de se aproximar, tem medo

de conversar, tem medo de olhar. Eu acho que o *jovem usa a internet* por medo de ficar excluído" (Participante 13, sexo feminino)

"Não dá para *imaginar* como a *internet* vai estar no *futuro*, são coisas que só um futurista pode dizer [...] Os *adolescentes* estão tão *distante* das descobertas da vida. Os *adolescentes* entram na *internet* para descobrir temas de interesses variados. Se uma pessoa é bem dedicada aos estudos vai *usar a internet* para poder se aprimorar nos estudos" (Participante 15, sexo feminino)

"Num *futuro* não muito *distante*, eu *imagino* que a *internet* vai ampliar nossas sensações nossos sentidos. Pode parecer besteira, mas eu acredito que a *internet* vai modificar a forma como sentimos as coisas [...] e a *internet* faz parte do *futuro*. O *uso da internet* muda de pessoa para pessoa [...] Os *adultos* precisam orientar os *adolescentes* dos perigos da *internet*. Eu sei que o perigo não está só na *internet*, é claro, mas os *adolescentes* acabam *usando a internet* de modo muito ingênuo [...] mas também sempre tem aquele momento do dia que a gente *usa a internet* para se divertir, assim como os *adolescentes*" (Participante 17, sexo feminino)

"Os *adultos usam a internet* para questões profissionais, até porque não dá para fugir disso. Mas também têm *adultos usando a internet* para outras coisas. Tem *adulto* que *usa a internet* como se fosse um *adolescente*. É só observar o comportamento de alguns *adultos* no Whatsapp, dá até vergonha [...] Eu acho que os *adolescentes* estão bem divididos. Tem *adolescente* que vai aprendendo aos poucos a *usar a internet*, na medida em que vai amadurecendo ele vai ficando mais crítico a respeito da *internet*. Mas também tem aquele *adolescente* que se torna dependente da internet, que só sabe *usar a internet* para procurar e fazer besteira [...] Não posso ser dependente da *internet*, o que eu percebo que é bem diferente dessa geração dos *adolescentes*. Que tem se tornado cada vez mais dependente, refém da *internet*. Parece que os *adolescentes* não sabem fazer mais nada se não tiverem a *internet*. Provavelmente os *adolescentes* se consideram virtuais e devem estranhar quem não se considera [...] a tendência é que a *internet* num *futuro* não muito *distante* se desenvolva mais ainda, que fique mais rápida, mais acessível [...] mas nós sabemos que não é bem assim, que a *internet* cada vez mais tem sido disputada pelos *poderes*, porque eles sabem do poder que a *internet* tem, sabem de tudo que a *internet* pode gerar no *futuro*" (Participante 19, sexo masculino)

5.2 Resultados obtidos a partir da Análise de Conteúdo temática

Em um processo de análise de conteúdo temática que se utiliza de dois princípios básicos para interpretação de dados (codificação e categorização do conteúdo de determinado corpus), esperamos apresentar alguns resultados baseados na compilação de dados que compuseram categorias temáticas substancialmente representacionais à compreensão do objeto de estudo. Algumas temáticas – presente nas classes obtidas através do IRAMUTEQ - reaparecem nesta etapa da análise de conteúdo, reforçando/consolidando alguns conteúdos de RS identificados. Outros resultados referentes ao objeto/fenômeno puderam ser organizados de modo original, ou seja, a incidência de alguns elementos ganhou corpo de forma mais expressiva apenas nesta etapa da análise de conteúdo.

Para tanto, fez-se necessário apresentar algumas articulações com a teoria que embasa este estudo para melhor situar o processo de categorização empreendido, assumindo que, neste caso, tal opção acaba implicando em certa discussão/análise conjuntamente com a apresentação dos resultados.

Como deve ter ficado claro, partimos da proposição moscoviciana de que toda representação social é sempre uma representação de alguém (sujeito) e de alguma coisa (objeto). Ambas as características, do sujeito e do objeto, terão incidência sobre o que a representação é. Toda representação também constitui uma forma de saber sobre algo. Esse conhecimento apresenta-se como uma apreensão do objeto diretamente legível em suas demais formas (linguística, comportamental, material, etc.) (Jodelet, 2001, 2005). Os estudos em representação social passam, necessariamente, por uma análise dessas características que expressam certa forma de conhecimento.

A representação social também expressa uma função de saber prático. Qualificar esse saber de “prático” diz respeito à experiência proporcionada através da vivência representacional. Sobretudo, a experiência que a representação produz revela de que forma ela serve para agirmos sobre o mundo e o outro, esclarecendo, assim, sua função e eficácia social.

Sendo assim, a articulação desse conjunto de elementos tende a nos levar aos apontamentos de *quem sabe sobre o que, como sabe e o que sabe*. Essas indagações – não necessariamente abordadas de maneira estrita – abrem caminhos para compreensão dos discursos dos participantes entrevistados acerca da representação social de internet em três grandes eixos temáticos, pensados de forma articulada ao referencial teórico da TRS: 1) Significações sobre a internet e o papel da comunicação, 2) o sujeito social e sua participação na vida coletiva: a internet e a dinâmica inclusão-exclusão e 3) A internet, sua função social e

as (re)configurações das noções de interação no tempo e espaço. Tais eixos englobaram categorias, conforme figura a seguir.

Eixos temáticos	Categorias analíticas
1. Significações sobre a internet e o papel da comunicação	a) Comunicação, interação e conhecimento
	b) Incorporação da cultura digital
	c) Mídia e informação
2. O sujeito social e sua participação na vida coletiva: a internet e a dinâmica inclusão-exclusão	a) Adesão, partilha e pertença social
	b) Afiliação social mediada pelas tecnologias
	c) Estratégia frente ao isolamento/solidão
	d) Interferências nas práticas cotidianas
	e) Aspectos ambivalentes sócio-afetivos
3. A internet, sua função social e as (re)configurações das noções de interação no tempo e no espaço	a) Relações imateriais e atemporais
	b) Realidades virtuais
	c) Formas contemporâneas de relação entre o real e o virtual
	d) Impasses entre passado e futuro

Figura 5: Eixos temáticos e categorias definidas na AC

Nessa etapa, os dados obtidos a partir do discurso dos adolescentes e dos pais serão abordados em cada eixo temático conjuntamente para que a comparação de suas representações sociais seja apresentada de maneira mais clara.

5.2.1 Significações sobre a internet e o papel da comunicação

Em suas obras principais, Moscovici (2003; 2012/1961) deu grande atenção ao papel da comunicação social no estudo da representação social por compreender que nela estavam

expressos os fenômenos de pertencimento social e de influência determinantes na elaboração dos processos intelectuais e suas formas. Ele examinou a incidência da comunicação em três níveis.

Primeiramente, no nível da emergência das representações onde as condições sociais afetam os aspectos cognitivos. Entre essas condições se destacam: a dispersão e a distorção das informações concernentes ao objeto representado e que são desigualmente acessíveis segundo os grupos; a focalização em certos aspectos do objeto em função dos interesses e da implicação dos sujeitos; e a pressão à inferência devida à necessidade de agir, tomar posição ou obter o reconhecimento ou adesão de outros. Da mesma maneira, os elementos que vão diferenciar o pensamento natural em suas operações, sua lógica e seu estilo.

Na categoria “*Comunicação, interação e conhecimento*” destaca-se o papel da comunicação na construção da representação social da internet para ambos os grupos (não só no sentido de permitir sua emergência e/ou manutenção, mas de fazer parte de seu conteúdo). Como podemos notar, o entendimento sobre o que é a internet e para que ela serve é quase unanimemente focalizado nos aspectos da *comunicação, conhecimento, aprendizagem e pesquisa*, o que justifica a denominação dada a essa categoria. De formas distintas, as características supracitadas foram mencionadas por ambos os grupos entrevistados (jovens e adultos), conforme ilustram os trechos a seguir.

"A internet serve para obter informação, para pesquisa. É uma fonte de pesquisa para várias utilidades, sem restrições" (Participante 10, sexo feminino, adulto)

"A internet faz parte de uma evolução tecnológica que ajudou a desenvolver a informação, a comunicação imediata. O que antes não se tinha, hoje, com a internet, é muito mais fácil para estudar, pesquisar e se comunicar" (Participante 17, sexo feminino, adulto)

"A internet muda a forma de trabalhar, de estudar, de buscar informação e adquirir conhecimento [...] Eu uso a internet como instrumento de trabalho, comunicação e informação" (Participante 19, sexo masculino, adulto)

"A internet é uma rede de compartilhamento de dados que qualquer um pode ter acesso, contanto que tenha computador, celular ou *smartphone*. Hoje em dia está bem fácil de acessar a internet e tem os mais diversos assuntos" (Participante 09, sexo feminino, adolescente)

Nesses aspectos focalizados, os discursos estão voltados ao interesse e às implicações da apropriação do objeto representado – a internet – na dimensão da comunicação moderna. As

características citadas acima (comunicação, conhecimento, aprendizagem e fonte de pesquisa) apontam uma centralidade tanto na concepção dos jovens quanto na dos adultos. Ou seja, quando necessário formular explicações sobre o que é a internet focalizamos em elementos centrais que representem majoritariamente o objeto em função das implicações sociais que advém do seu uso cotidiano.

Outro aspecto amplamente compartilhado entre as distintas gerações é a compreensão da internet como instrumento fundamental para praticidade e facilidade da comunicação social atual. Novamente, a comunicação é elemento e função acessível à grande maioria dos entrevistados, constituindo fundamentalmente o objeto. Os discursos analisados também expressam a importância da internet na adaptação dos novos meios de comunicação e de obtenção de informação, sendo eles mais rápidos, maiores em quantidade, qualidade e mais precisos.

"Diferentemente de outra forma onde eu precisava estar revisando folhas, buscando prontuários, eu tenho isso hoje informatizado que me facilita. Eu chego com facilidade aonde quero, em prontuários, códigos, em informações à respeito de determinadas doenças" (Participante 02, sexo masculino, adulto)

"A internet possibilitou falar com pessoas que estão distantes, conversar em grupos, mandar e receber informações a todo instante, acessar todo tipo de conteúdo" (Participante 17, sexo feminino, adulto)

"Antes, o trabalhador rural não tinha nem telefone. Telefone, antigamente, era coisa de rico. Não se tinha essa informação, essa precisão, essa rapidez da informação [...] Hoje, o trabalhador rural está lá com a informação no *smartphone*. Olha a informação favorecendo" (Participante 07, sexo masculino, adulto)

"A internet é fruto de uma evolução tecnológica que nos facilita ter acesso à informação, poder se comunicar com as pessoas rapidamente. O que antes era difícil, hoje, com a internet ficou tudo mais fácil [...] para as pessoas pesquisarem, estudarem" (Participante 15, sexo feminino, adulto)

"Vamos fazer uma pesquisa na internet, pelo menos dos hotéis, do local, do trajeto que faremos. A internet tem tudo. Vai no Google e traça quantos quilômetros de viagem, qual hotel se hospedar" (Participante 07, sexo masculino, adulto)

Referente a esse aspecto adaptativo às novas formas de agir, de tomar posição, a internet não somente ganha destaque como ferramenta que permite acompanhar o ritmo frenético das

mudanças contemporâneas, mas é ela própria o agente primordial das mudanças. A internet interfere e altera o modo de agir no mundo, as condutas e ações e, conseqüentemente, as formas de interação e comunicação social. Ela se configura como meio e forma tanto dos relacionamentos modernos como da adesão e participação no meio social.

"Sem dúvida a internet interfere no convívio social. Você perde o contato com as pessoas, você perde o vínculo afetivo com as pessoas, você perde o estímulo de interagir com as pessoas. E perdendo essas coisas você perde, para mim, aquilo que é mais importante, saber estar com as pessoas" (Participante 02, sexo masculino, adulto)

"Eu tinha um convívio com um grupo de 100 pessoas. Eu passei a conviver com um grupo menor, fruto da internet e passei a criar meu mundo num grupo também pequeno, que são de pessoas novas, que a internet me proporcionou estar junto" (Participante 01, sexo masculino, adolescente)

"As mudanças que a internet proporcionou no convívio social foram muito boas. A internet possibilitou falar pelo Whatsapp, grupos que você pode contatar, formar grupos de muitas pessoas, acessar várias pessoas" (Participante 15, sexo feminino, adulto)

"Às vezes eu deixo de ligar para uma pessoa e bater um papo porque eu falo direto com ela no Whatsapp" (Participante 14, sexo feminino, adolescente)

"É como se a internet afastasse as pessoas que estão perto e aproximasse as que estão longe" (Participante 16, sexo feminino, adolescente)

No segundo nível destacado por Moscovici (2003), o nível dos processos de formação das representações, a objetivação e a ancoragem pressupõem a interdependência entre a atividade cognitiva e suas condições sociais na elaboração dos conteúdos, das significações e da utilidade que lhes são conferidas. Na categoria "*Incorporação da cultura digital*" destacamos a complexa tarefa de definição e especificação do objeto da internet. Entretanto, isso não inviabiliza uma forma de saber prático ligando sujeito ao objeto tecnológico. As pessoas formulam "teorias" apoiando-se nos dados que dispõem sobre internet e seus usuários. Por mais que os entrevistados tenham noção da amplitude tomada pela internet e as TIC (pois elas são mencionadas e correlacionadas aos mais diversos temas), ela fora referenciada, quase estritamente, vinculada ao uso de computadores e *smartphones*.

Os dados revelam a incorporação e uso de termos advindos de uma cultura digital (*login, wi-fi, stream, e-mail, wireless, app, download, Facebook, Instagram, Twitter, Snapchat, Skype*) mesmo que, por vezes, o sujeito nunca tenha manejado os elementos mencionados (ferramentas e serviços). Desse modo, os entrevistados mencionaram alguns aspectos técnicos, por diversas vezes, sem domínio e/ou familiaridade com os princípios técnicos e de funcionamento dos aparatos tecnológicos relacionados à internet.

"Eu uso a internet no computador, no trabalho e em casa. O celular eu acabo usando porque estou envolvido em alguns grupos que me colocaram e aí a gente tem que olhar, abrir para ver os grupos" (Participante 01, sexo masculino, adolescente)

"Eu uso a internet no celular, computador, *notebook, smartphone* [...]" (Participante 05, sexo feminino, adulto)

"Eu quase não uso a internet, tenho Facebook, mas quase não utilizo. Às vezes até saio como mau educada, porque não tenho tempo para ficar visitando o Facebook todo dia e respondendo" (Participante 10, sexo feminino, adulto)

"A internet nunca iria me fazer falta, agora, se o Whatsapp parasse de funcionar, se o Facebook parasse de funcionar, se o Google parasse de funcionar, realmente seria um desastre" (Participante 15, sexo feminino, adulto)

"Uso a internet no celular, Playstation e computador [...] Uso para falar com meus amigos pelo Snapchat, Whatsapp" (Participante 03, sexo masculino, adolescente)

A comunicação tem também a capacidade de liberar sentimentos disfóricos que surgem em situações coletivas ansiogênicas (Jodelet, 2001). Entre os participantes, notou-se a existência de uma desconfiança a respeito da internet. Primeiramente, pela não familiaridade com o objeto (pelo menos por parte dos adultos, em comparação ao grupo dos adolescentes), mas muito também por causa da dificuldade em filtrar e avaliar as informações. Há um compartilhamento quase irrestrito de dados e informações, sejam eles privados ou públicos, pessoais ou institucionais. Porém, esse acesso variado e irrestrito à informação não garante sua legitimidade e veracidade, segundo os entrevistados. Ao invés disso, a internet pode promover a sensação de vulnerabilidade de seus usuários.

"Tem muita coisa boa e muito lixo na internet. Tem que saber filtrar, pra não se expor ou expor alguém" (Participante 05, sexo feminino, adulto)

"Tem muito adulto que tem medo da internet, não gosta nem de chegar perto. Teve gente do meu trabalho que eu tentei ensinar a mexer na internet, mas que tem bloqueio, não quer aprender a mexer" (Participante 13, sexo feminino, adulto)

"Eu vejo muita informação permeada pela internet, agora, conhecimento é de outra forma. Não dá pra confiar no que se lê na internet [...] Eu vejo chegar muita informação, agora, como cada um processa isso é que é uma coisa bem particular" (Participante 11, sexo masculino, adulto)

"A administração dessas informações que chegam de modo incessante depende de cada um, como que cada um vai aproveitar essas informações e se elas vão se tornar conhecimento ou não. É preciso cautela, senão acaba sendo enganado" (Participante 19, sexo masculino, adulto)

No terceiro nível, Moscovici (2003; 2012/1961) observa a comunicação nas dimensões das representações que têm influência na edificação das condutas: opinião, atitude, estereótipo, sobre os quais intervêm os sistemas de comunicação midiática. Estes, segundo os efeitos pesquisados sobre a audiência, apresentam propriedades estruturais diferentes correspondentes à difusão, à propagação e à propaganda. A difusão é relacionada com a formação das opiniões, a propagação com as atitudes e a propaganda com os estereótipos. Tais aspectos estão sendo englobados na categoria que denominamos “*Mídia e informação*”, apresentada a seguir.

Os participantes entrevistados não deixaram de mencionar o papel exercido pela mídia e sua influência ativa na construção das significações sobre a internet. A mídia, que manifesta concepções de que não deveria ser compreendida como unilateral ou unimodal, permite a distribuição de informações a respeito da internet e, principalmente, através dela. Ou seja, seus vários meios, criam uma rede que auto impulsiona informações próprias. Até mesmo os veículos mais tradicionais (TV e rádio) buscam uma adequação aderindo aos pressupostos e padrões de comunicação estabelecidos pela internet.

Por vezes, a internet é citada como ferramenta de democratização da informação, rompendo uma barreira de seu domínio. Nesse aspecto, ela é compreendida pelos participantes como alternativa mais “democrática” ao modelo de mídia tradicional. Os entrevistados reconhecem, também, que o monopólio da informação é menor na internet, pois ela se dá de todos para todos, rompendo a lógica da comunicação midiática tradicional “de um para todos”. Mesmo assim, os sujeitos entrevistados apontaram compreender que essa não é uma característica imutável da internet, e receiam que, de algum modo, ela se torne um meio de comunicação tradicional monopolizado; uma mídia unilateral.

"Através da internet você tem contato com tudo que está acontecendo no mundo, não fica preso só à informação do jornal local, ou ao que você está vendo na TV, que de repente aquela mídia te influencia do jeito que ela quer [...] Com a internet você tem opções de vários canais e colher informações diferentes. Você pode montar sua opinião, você não está direcionado a opinião que a mídia normal quer te passar" (Participante 14, sexo feminino, adolescente)

"Aconteceu o que mais ou menos veio antes da internet, com a TV. Antes se tinha uma TV na sala e todo mundo assistia à mesma programação. Hoje, tem uma, duas, três, quatro TVs e cada um fica na sua" (Participante 07, sexo masculino, adulto)

"A internet é mais um pêndulo de um relógio que fica distraindo a população. Agora, num nível mundial, por trás desses instrumentos da internet, tem instrumentos de domínio [...] Eu vejo a internet sendo usada como instrumento de domínio" (Participante 11, sexo masculino, adulto)

"A internet, para determinados países, pode servir como forma de proteção, de busca e apreensão, de vigilância" (Participante 1, sexo masculino, adulto)

"Mas, nós sabemos que não é bem assim. Que a internet cada vez mais tem sido disputada pelos poderes, porque eles sabem do poder que ela tem. Sabem de tudo que ela pode gerar no futuro. E quem tiver o domínio da internet vai estar a frente de todos os outros" (Participante 19, sexo masculino, adulto)

Desse modo, a internet também é apontada por alguns entrevistados como potencial instrumento de dominação e doutrinação, através da formulação de uma teoria que implica causalidade. Ou seja, mesmo sendo mencionada como instrumento mais democrático que as mídias tradicionais, ela também é compreendida como potencial ferramenta de exclusão e opressão, sendo seu caráter usual determinado pelas pessoas e grupos. O que reforça sua capacidade de operar nos processos de inclusão e exclusão social, segundo a aplicação de teorias implicadas em aspectos de causalidade, a serem abordadas no eixo temático seguinte.

5.2.2 O sujeito social e sua participação na vida coletiva: a internet e a dinâmica inclusão-exclusão

De fato, como já apontava Jodelet (2001), não se partilha uma mesma representação como se partilha um mesmo destino. Justamente porque as conotações sociais de determinada representação não se devem tanto à sua magnitude entre muitos sujeitos e sim a sua

concordância e congruência coletiva. E eis aqui a relevância da partilha social das representações. Pois, tal qual ocorre com as crenças, as representações também pressupõem adesão e participação. E se não estivermos atentos à dinâmica social subentendida em seu caráter, corremos o risco de estabelecer critérios puramente formais e redutores.

De todo modo, é certo que há representações condizentes com a ideologia dominante que chegam até nós já prontas. São elas pertencentes a uma categoria definida no interior da estrutura social. Entretanto, mesmo nessas condições, exige-se uma dinâmica social do compartilhar que considere as particularidades das representações. Por exemplo, o compartilhar de uma mesma condição social não caminha separadamente de uma relação com o mundo, com padrões de vida, seus valores, desejos e angústias, o que, conseqüentemente, interfere no modo de conceber a cultura ao redor.

A categoria “*Adesão, partilha e pertença social*” se refere a um esquema de confluências relacionadas à dinâmica de vínculo social e às relações sociais mediadas pelas tecnologias. Mesmo em casos onde percebemos que o partilhar de determinada representação precede à sua comunicação, como mencionado anteriormente, podemos notar como fator determinante na adesão a coerência do pensamento e sentimento de pertencimento a um grupo ou classe, em razão da reciprocidade e da afiliação social. Assim, partilhar uma representação, seja ela pré-existente à comunicação ou não, também configura ato de afirmar vínculo social e identidade.

Ainda a respeito da adesão e partilha social, ressaltamos as indicações de RS do objeto internet tanto como elemento de inclusão como de exclusão no cenário social atual. Os dados das entrevistas realizadas revelam particularidades no uso da internet como forma de inclusão e/ou exclusão, sendo relacionados de maneiras distintas entre jovens e adultos. Os jovens apontam que o uso da internet como instrumento de inclusão social ocorre, principalmente, através das redes sociais e ferramentas de entretenimento. Desse modo, não estar conectado virtualmente às outras pessoas via redes sociais soa, para estes jovens, como sinônimo de exclusão social. Já para os adultos, a inclusão e/ou exclusão social virtual está relacionada à necessidade e capacidade de acompanhar os avanços tecnológicos na dimensão laboral. Por vezes, estes adultos se disseram reféns da constante atualização tecnológica e do receio da exclusão no trabalho. Tais características estão englobadas na categoria que denominamos como “*Afiliação social mediada pelas tecnologias*”. Os trechos a seguir são ilustrativos do conteúdo desta categoria.

"Não tem como hoje, profissionalmente, um adulto não usar a internet. O profissional vai ficar travado se não souber trabalhar com internet. Eu tive que me

adaptar, quem não acompanhou a evolução da internet está defasado" (Participante 11, sexo masculino, adulto)

"Se não souber mexer com a internet e com as tecnologias o adulto vai ficando defasado no mercado. Quem não acompanha essa evolução corre o risco de ficar fora do mercado de trabalho" (Participante 19, sexo masculino, adulto)

"Os adolescentes usam a internet, principalmente, para ser incluído socialmente. Ele acha que é legal essa inclusão virtual, porque todo mundo quer ser incluído socialmente [...] eles querem ser incluídos para conviver na sociedade" (Participante 12, sexo masculino, adolescente)

As vias de inclusão e exclusão podem ser diferentes, entretanto, a noção de “obrigatoriedade” (e necessidade) na adesão, participação e partilha da internet é sentimento evidente em ambos os grupos. É necessário falar sobre o que todos estão falando. As duas dimensões centrais apontadas pelos jovens e adultos (redes sociais e campo do trabalho) revelam que a não adesão e participação de uma cibercultura específica confere sentimento de exclusão social. É preciso, ao menos, que se tenha conhecimento sobre o que está sendo falado acerca da internet, na internet, e sobre o manuseio de suas funções primordiais, seja na dimensão das redes sociais, seja nos instrumentos tecnológicos que auxiliam o cotidiano do trabalho.

"Eu vejo o jovem hoje o dia todo com o aparelho na mão. O sentimento que tenho é que eles são obrigados a estar com ele na mão" (Participante 02, sexo masculino, adulto)

"Os jovens falam sobre a internet e o espaço virtual, mas não pensam sobre eles" (Participante 12, sexo masculino, adolescente)

"A gente está no mesmo imediatismo das próprias tecnologias, somos obrigados a usar sem nem mesmo pensar o porquê [...] não aprendemos de forma adequada como utilizar" (Participante 16, sexo feminino, adolescente)

"Os adolescentes só vivem hoje nas redes sociais deles, mas não param pra pensar a respeito. Nem prestam atenção no que estão fazendo, só querem participar, curtir, dar *like*. Cada um cria seu grupo e se distancia." (Participante 07, sexo masculino, adulto)

Quanto à reflexão dos adultos sobre o processo de inclusão no “mundo virtual” percebe-se o discurso de obrigatoriedade, de esforço contínuo para acompanhar os avanços tecnológicos,

para não ficarem defasados principalmente no campo do trabalho. Já para os adolescentes, o espaço virtual representa a dimensão – senão a maior – da convivência social. Mesmo diante da falta de domínio dos aspectos teóricos e técnicos acerca da internet, o sentimento de obrigatoriedade impulsiona à adesão, em ambas as gerações. A questão é que, nesse mesmo movimento são apontados fatores socioculturais que reforçam e contribuem para o processo de dependência da internet.

“O sentimento que tenho é que os adolescentes são obrigados a estar com o celular na mão. Eles precisam responder aquilo que chega para eles. E digo mais, os grupos te discriminam, os grupos acabam te discriminando se você não for da forma como o grupo deseja” (Participante 02, sexo masculino, adulto)

"Acredito que exista uma tendência de que os adolescentes tenham mais problemas com dependência à internet [...] Eles são uma geração diferente. A minha preocupação é o domínio dos princípios. O adolescente está com a máquina na mão, mas se cair a rede ele não consegue fazer mais nada" (Participante 19, sexo masculino, adulto)

"A gente vai estar cada vez mais dependente da internet e as pessoas vão saber mexer mais com a internet. Mas ao mesmo tempo as pessoas vão ser cada vez menos úteis. Se um dia a gente precisar fazer alguma coisa manual não vai ter técnica nenhuma, só vamos saber manusear aquilo que já estiver pronto” (Participante 12, sexo masculino, adolescente)

Por vezes, a dependência foi citada como decorrente do receio da solidão. Quando os entrevistados falaram da representação da internet no processo de inclusão e/ou exclusão no meio social atual emergiram questões relacionadas à solidão e ao medo. Segundo eles, as motivações (tidas como negativas) para o uso da internet entre jovens e adultos se diferenciam. Para os adultos, os jovens aderem à internet devido ao medo. Para os adolescentes, os adultos aderem pela solidão. Porém, em ambos os discursos pode-se perceber a relação desses dois fatores como determinantes da adesão à internet, o que compõe a categoria “*Estratégia frente ao isolamento e a solidão*”.

"Eu acho que muitos adultos usam a internet por causa da solidão. A solidão engloba tudo, falta de companheiro, falta de namorado, falta de marido, falta de conversa em casa [...] O uso da internet, para os jovens, é determinada pelo medo. Eles têm medo de se aproximar, têm medo de conversar, têm medo de olhar. Eu

acho que o jovem usa a internet por medo de ficar excluído" (Participante 13, sexo feminino, adulto)

"Estranho na minha idade é não fazer parte das redes sociais. A pessoa pode se sentir excluída, eu imagino" (Participantes 20, sexo masculino, adolescente)

"Sem a internet eu me sentiria isolada, porque eu não vejo jornal na TV, todas as notícias que acontecem no mundo eu vejo pela internet, então, se acabasse a internet agora eu me sentiria isolada [...] Eu não saberia nada que está acontecendo no resto do mundo" (Participante 06, sexo feminino, adolescente)

"Sem a internet eu me sentiria isolada, porque quase tudo que tenho contato é através da internet, seja para conversar ou me informar, tudo é pela internet [...] Eu teria muita dificuldade de descobrir as coisas, de saber o que meus amigos estão fazendo, de pesquisar sobre alguma matéria ou trabalho da escola" (Participante 18, sexo feminino, adolescente)

Outro aspecto que ganha destaque na representação social da internet para os grupos entrevistados é a compreensão unânime de que essa necessidade de pertença ao meio cibercultural acaba por configurar uma dinâmica de interação que modifica incessantemente as práticas do cotidiano e, conseqüentemente, acaba por afetar a dimensão interacional entre sujeitos e instituições sociais (ensino, saúde, trabalho, lazer, comunicação, entre outros). Tais conteúdos estão sendo compreendidos na categoria denominada *"Interferências nas práticas cotidianas"*, na qual, novamente, comparece a noção de internet como agente de transformação. Uma transformação que ocorre desde a dimensão mais particular (como, por exemplo, a forma de buscar informação e conhecimento) até a mais ampla e pública (como, por exemplo, as mudanças que as novas formas de buscar informação e conhecimento afetam os modelos de ensino). Abaixo, alguns trechos que refletem essa interferência na relação com as instituições sociais.

"A internet vai juntar tudo, informação rápida. Dentro da sua casa, você vai ter um botão que te permite mexer numa cortina. Vai poder influenciar a distância no espaço físico [...] Imagina um equipamento que a pessoa coloque, fale em inglês e você entenda em português" (Participante 11, sexo masculino, adulto)

"Em relação à saúde, à segurança, em relação à pesquisa, se perderia muito sem a internet. Se perderia o avanço de novas descobertas, de novos alcances, de novas

formas de tratamento, novas formas de conhecimento. A internet aprimorou tudo isso" (Participante 02, sexo masculino, adulto)

"Eu preciso de um site para trabalhar, se o site estiver fora do ar eu não trabalho. Aonde eu trabalho os processos operacionais ainda são feitos no papel, mas está ficando cada vez mais digitalizado. Vai chegar um tempo que vai ficar tudo digitalizado [...] A ideia no futuro é trabalhar em casa" (Participante 14, sexo feminino, adolescente)

"Sem a internet eu não saberia como seria meu dia. Se todas as ferramentas e aplicativos parassem de funcionar, se o Google parasse de funcionar, seria um caos. As pessoas iriam ficar loucas, porque elas não sabem viver sem a internet" (Participante 17, sexo feminino, adulto)

"A internet muda, com certeza, a forma da gente se relacionar, seja dentro de casa com a família, num relacionamento amoroso, ou na escola e no trabalho [...] A internet está influenciando em muitas coisas na maneira do aluno na escola. Está influenciando positivamente e também negativamente" (Participante 19, sexo masculino, adulto)

Tomando de forma breve a escola como exemplo, podemos inferir que a internet não modifica somente a maneira como adquirimos conhecimento (dimensão sócio-cognitiva), mas como a própria instituição escolar compreende o conhecimento e como ele se dá atualmente (dimensão institucional). Neste caso, por exemplo, a dinâmica entre ensino e aprendizagem amplia suas possibilidades e a internet passa a ser agente mediador entre aluno e escola.

Um dado referente à valoração da internet mediante os tipos de interações que ela pode proporcionar aponta para seu caráter ambivalente, ou seja, objeto que comporta tanto aspectos positivos quanto negativos. Tais conteúdos foram contemplados na categoria que denominamos de *“Aspectos ambivalentes sócio-afetivos”*. E aqui destacamos uma polarização: grande parte dos adultos e dos jovens mencionaram que: 1) usar a internet apenas para entretenimento e lazer configura mau uso, enquanto 2) usar para trabalho e pesquisa representa bom uso. Entretanto, o julgamento e auto avaliação de “bom” ou “mau” uso da internet não beneficia a maior adesão para o trabalho em detrimento do entretenimento, muito pelo contrário, sendo o recurso da internet para o entretenimento mais usado. Numa clara ambivalência, é notório o sentimento de mal estar de alguns entrevistados ao mencionarem que costumam utilizar a internet mais para questões de entretenimento e lazer. As falas a seguir exemplificam o conteúdo dessa categoria.

"Eu enxergo mais o lado bom da internet do que o ruim, apesar de ter muita coisa ruim, que eu acabo usando. Mas acho que sem internet perderíamos informação, estudo, pesquisa" (Participante 14, sexo feminino, adolescente)

"Eu digo que procuro o que quero, o que eu tenho dúvida. O que for pesquisa para um filho [...] Eu não trabalho fora, não tenho porque ficar olhando e-mail diariamente. Whatsapp eu uso um pouco mais, porque tem a família, mas não perco muito tempo com isso" (Participante 04, sexo feminino, adulto)

"Eu entendo o lado bom da internet, mas eu acho que se pegar 100 pessoas, todas que olharam o lado bom também olharam o lado ruim" (Participante 13, sexo feminino, adulto)

"Considero que faço um uso regular da internet, eu diria. Nem bom, nem mal, regular. Porque eu acho que ainda perco muito tempo com besteiras na internet" (Participante 05, sexo feminino, adulto)

"Eu uso a internet para estudar e para saber de coisas. Mas vamos supor, se eu estou mexendo no Facebook e descubro uma coisa nova que antes eu não sabia, acho que isso é bom [...] Eu uso a internet para estudar também. Eu não uso toda hora para isso, mas, poderia usar mais" (Participante 06, sexo feminino, adolescente)

"Não faço bom uso da internet não, porque minhas atividades são meio fúteis, como jogos virtuais. Não tem muita utilidade, é mais uma distração" (Participante 08, sexo masculino, adolescente)

"A maioria das vezes que eu estou no computador, que estou na internet, é para estudar. Mas, tem sempre as bobagens que a gente assiste no Youtube e no Netflix" (Participante 09, sexo feminino, adolescente)

De todo modo, mesmo acreditando que poderiam fazer melhor uso da internet, para ambas as gerações tornou-se inimaginável a concepção de funcionamento do mundo – da vida em sociedade – sem o uso da internet. Como se não fosse possível conceber que o mundo, outrora, desenvolveu-se histórica, cultural e socialmente sem o advento da internet. Essa incapacidade é elemento expressivo na representação dos jovens.

"Meu Deus, eu não posso ficar sem *wi-fi*. Sem internet acontece de eu ficar mal-humorada, não conseguir fazer nada, de deixar atrasar matéria" (Participante 14, sexo feminino, adolescente)

“Sem internet eu perderia várias horas do meu dia de entretenimento. Teria que ir para a biblioteca para pesquisar os assuntos. Seria complicado. A comunicação ficaria muito mais complicada” (Participante 01, sexo masculino, adolescente)

"O aspecto mais importante da internet é a pesquisa, é o fundamental, que tudo mundo vai precisar algum dia para pesquisar, porque sem isso, pesquisar em livros fica impossível" (Participante 03, sexo masculino, adolescente)

"Sem a internet, estudar seria impossível, seria muito difícil [...] Esse método de ensino atual é totalmente voltado à internet" (Participante 09, sexo feminino, adolescente)

É compreensível tal dificuldade de reflexão hipotética, pois a internet é representada como um dos elementos sociais centrais na organização do conhecimento, informação, relações sociais e práticas atuais. Para esses jovens, imaginar um mundo sem internet seria desconstruir as bases de conceitos consolidados e ancorados, tanto no modo como entendem o funcionamento do mundo como na maneira como agem sobre ele. Para os adultos, em específico, as modificações proporcionadas pela internet estão mais voltadas à relação do homem com seu ofício, ampliando rapidamente seguimentos de trabalho e extinguindo, na mesma velocidade, muitos outros.

Em síntese, este eixo temático demonstra a necessidade de adesão à internet como objeto que auxilia no vínculo, partilha e pertença social dos sujeitos de nossa época. Também revela como é considerado importante nas relações de afiliação e identidade social. Para os jovens, as redes sociais são espaços de exercer estes aspectos mencionados e, em contrapartida, combaterem o isolamento. Para grande parte dos adultos, existe uma obrigatoriedade de adaptação aos avanços tecnológicos, o que, consequentemente remete a uma relação de dependência. Todavia, mesmo para eles, é também uma forma de afiliação social e combate ao isolamento, à exclusão tecnológica e ao que eles chamam de “defasagem social”, principalmente quando se trata de mercado de trabalho.

"No trabalho, quando falta internet vai todo mundo para o corredor, porque sem internet ninguém trabalha. Tem até a frase: *no net, no work*. Parou a internet, para tudo. A gente faz tudo, o tempo todo utilizando a internet" (Participante 05, sexo feminino, adulto)

"Não se consegue fazer nada hoje sem internet. Eu trabalho com seguros, tem vez de chegar ao escritório e a internet estar fora do ar, não se faz nada, não tem o que fazer, dependemos da internet" (Participante 07, sexo masculino, adulto)

"A globalização foi cruel com os países subdesenvolvidos. Porque a internet foi uma transformação muito rápida, que gerou desemprego, inflação, uma série de consequências indesejáveis" (Participante 11, sexo masculino, adulto)

5.2.3 A internet, sua função social e as (re)configurações das noções de interação no tempo e no espaço

Compreendemos, portanto, que a representação constitui determinadas funções de organização e manutenção da identidade social e de equilíbrio sócio-cognitivo (Jodelet, 2005; 2001). Esse movimento também ocorre como mobilização defensiva às vertigens causadas pelas novidades. É de se imaginar que, quando surgiu, a internet foi sentida com estranhamento e desconfiança, pois, ao mesmo tempo em que oferecia possibilidades nunca antes imaginadas, também nos direcionava para um caminho incerto e colocava em risco modelos tradicionais vigentes.

Entretanto, quando a novidade se mostra incontornável – como o foi a internet –, sendo impossível evitá-la, um movimento de ancoragem é posto em prática, visando familiarizar aquilo visto como ameaça. Essa integração do até então não familiar a um universo do pensamento pré-existente corresponde a um processo formador sócio-cognitivo fundamental da representação, pois, desse modo incluímos elementos desconhecidos no meio social. Percebemos, por exemplo, que a RS de internet no grupo dos adolescentes está ancorada nas RS da adolescência, contribuindo para a construção da identidade social como sujeito virtual. Em contrapartida, a RS de internet dos adultos está ancorada principalmente nas RS do trabalho e também contribuem para a construção da identidade social dos adultos-trabalhadores.

Estes dados evidenciam como as RS construídas garantem valoração positiva das identidades sociais dos grupos que as constroem. Elas atendem também a um princípio de economia sócio-cognitiva, satisfazendo funções de proteção e legitimação social. De acordo com Trindade, Santos e Almeida (2011), Jodelet associa o processo de ancoragem ao enraizamento social da representação e de seu objeto, ao passo em que seu desvelamento permite atribuir ao objeto de representação significado. Este processo também permite acessar como a representação é utilizada como um conjunto de interpretação do mundo e como ela integra supostas novidades em sistemas de pensamentos pré-existentes.

Estes princípios – de economia, proteção e legitimação – nos aproximam de dois aspectos decorrentes do caráter social das representações. O primeiro diz respeito ao estudo das representações: sendo o social multidimensional nas representações, é indispensável referir suas características específicas de compartilhamento e determinações, além das funções sociais. O

segundo concerne ao estatuto epistemológico da representação: daquilo que apreendemos da representação destaca-se seu caráter prático dirigido à ação e a gestão da relação com o meio social (Jodelet, 2001).

Um saber manifesta caráter prático quando retrata experiências que ele próprio produz, a inserção coerente ao contexto específico e, principalmente, a capacitação que ele permite de interação com o mundo e com o outro. Em *Introdução a dialética transcendental*, Kant (citado por Heidegger, 1998/1927) já afirmava que “a verdade ou a aparência não estão no objeto intuído, mas no juízo que recai no objeto enquanto pensado” (p. 236). São essas funções que esclarecem a eficácia social da representação. É este nível de eficácia social da internet vinculada a uma nova proposição de temporalidade e espacialidade que abarcamos na categoria nomeada de “*Relações imateriais e atemporais*”.

A internet, ao promover novas formas de interação social através da imaterialidade e da virtualidade, reconfigura, conseqüentemente, nossa noção de interacional no plano tempo-espço. Em nossa pesquisa, todos os entrevistados, independente da geração, compreendem e concordam que a internet interfere no convívio social. E não só no convívio social, mas em como passamos a nos posicionar nos espaços de convívio social (físicos ou não). As distâncias diminuíram para uns, aumentaram para outros. De acordo com alguns discursos, não é preciso estar presente fisicamente em determinado local para considerar-se “presente”.

"A internet interfere no convívio social. A gente se fala muito por Whatsapp, com amigos e às vezes se vê menos [...] Se você tem muito contato virtual acaba tendo menos contato presencial" (Participante 05, sexo feminino, adulto)

"Hoje os amigos se encontram menos, os filhos se fecham mais, a exposição ao lazer diminui, a busca por atividades naturais desaparecem, o convívio com a natureza não importa, o abraço não faz falta" (Participante 01, sexo masculino, adolescente)

"As pessoas parecem estar sempre ocupadas, mas com o celular na mão. O novo convívio social é muito mais virtual. Talvez mais até do que deveria. Mas não tem como ir contra esse mundo atual" (Participante 20, sexo masculino, adolescente).

"Você não depende da presença física para se socializar com as pessoas, basta saber utilizar a internet de uma forma adequada" (Participante 16, sexo feminino, adolescente)

Entre todos os participantes, de todas as gerações, há a compreensão da necessidade de firmarem um posicionamento diante dessa nova concepção de tempo e espaço, cada vez mais dinâmica, que se desenha diante dos olhos. A representação de um tempo e espaço dinâmico, destituído de linearidade e materialidade (por mais que muitas vezes apareçam de forma velada nos discursos) toma novos contornos com o desenvolvimento dos celulares/*smartphone*, das realidades virtuais e das redes sociais.

"Está tendo uma tendência de realidade virtual [...] Eu acho que vai muito partir para essas coisas de realidade virtual. As pessoas vão conseguir se ver nela e essa relação interpessoal vai aproximar as pessoas mais ainda, pela internet" (Participante 09, sexo feminino, adolescente)

"Eu imagino que no futuro a internet tome conta de vários campos da nossa realidade. Eu acho que o ensino vai ser bem online, vai ser digital, as diversões serão apenas virtuais [...] Eu acho que vai ser algo que vai dominar a nossa realidade, mudando mais o jeito como a gente interage com as coisas" (Participante 16, sexo feminino, adolescente)

"Sem falar das tecnologias e dos equipamentos que vão evoluir ainda mais, eu acho que principalmente na questão do entretenimento e das redes sociais. A gente já vê protótipos que oferecem realidade virtual para isso" (Participante 19, sexo masculino, adulto)

"Eu quase sempre estou online, usando as redes sociais para conversar. Existem redes sociais que não faço mais parte hoje, mas que já fiz um dia. A gente só muda de rede social, passa de uma para outra. Vai saber se o Facebook ainda vai existir daqui uns 3 anos" (Participante 18, sexo feminino, adolescente)

A possibilidade de mobilidade do uso da internet através dos celulares e *smartphones* modificou drasticamente a organização dos espaços (sejam eles públicos ou privados) e as formas de interação social. A internet, atrelada a essas ferramentas tecnológicas, desponta como um objeto de desterritorialidade. A socialização não mais depende da presença física, do deslocamento, da locomoção ou do dispêndio de energia para o encontro – para uns, felizmente, para outros nem tanto. A categoria “*Realidades virtuais*” aborda especificamente estes aspectos relacionados a novas formas virtuais de contato social.

Podemos imaginar que as novidades trazidas com a internet soaram com espanto e desconfiança para aqueles de gerações mais antigas. E é de fato o que percebemos em nossos

resultados. Os adultos entrevistados demonstraram desconfiança diante dessas novas formas de contato social virtual. Apontaram sentir falta de tempos em que os encontros aconteciam na rua, “cara a cara”. Já os jovens demonstraram estar bem familiarizados com essas novas formas de socialização virtual. Ou seja, enquanto os adultos apontam maior resistência ao relacionar-se socialmente utilizando a internet, os jovens parecem ter esse tipo de contato social muito bem legitimado e protegido em suas concepções.

"A internet é uma armação tão grande que ninguém consegue viver sem ela. Eu uso para trabalhar, para bater papo, mas eu desconfio muito da internet, desses relacionamentos virtuais" (Participante 13, sexo feminino, adulto)

"Acho que, por um lado, a internet é uma via de acesso muito boa. Por outro lado, prende um pouco as pessoas [...] E também a questão de contato, a conversa entre as pessoas passou a ser muito pela internet. Eu acho que cria uma distância. É muito quarto, muito celular, celular sempre na mão, sempre conversando com alguém" (Participante 04, sexo feminino, adulto)

"Com a internet, muitas vezes através do *Whatsapp*, as pessoas têm apenas digitado o que elas pensam e as conversas têm sido escritas. Antigamente, era falado, era o som da voz da outra pessoa, era a presença física, de gestos e o contato físico mudou com a rede social" (Participante 16, sexo feminino, adolescente)

"Antigamente eu gostava de escrever carta, hoje, a gente troca mensagem por Facebook, tem contato com parentes de Belo Horizonte, do Rio de Janeiro. Você tem esse contato através de rede social" (Participante 05, sexo feminino, adulto)

"Ao invés de me comunicar com alguém no local de trabalho, eu uso o *Spark*, que é um sistema de comunicação da empresa [...] Tirando as pessoas que estão ao meu redor, que eu converso, eu passo o dia inteiro me comunicando pela internet" (Participante 14, sexo feminino, adolescente)

Em articulação com o conteúdo abordado na categoria anterior, é possível então destacar nos discursos dos indivíduos sobre a internet conteúdos ambivalentes em relação a três aspectos: 1) a aproximação e o distanciamento, 2) o público e o privado e 3) o real e o virtual. Esses foram englobados na categoria denominada “*Formas contemporâneas de relação entre o real e o virtual*”, que abarcou conteúdos que apontam a noção de que a internet promove, ao mesmo tempo, a aproximação do que está distante e o distanciamento do que está próximo, a publicização de aspectos privados da vida individual e a apropriação de conteúdos públicos

numa escala nunca antes imaginada, o que implica novas formas de relação entre o real e o virtual na atualidade.

"Sem a internet eu perderia contato com pessoas de longe, mas aumentaria o contato com as pessoas que estão mais próximas" (Participante 05, sexo feminino, adulto)

"A internet deixa os lugares mais próximos, mais conectados, diminui as distâncias entre os lugares [...] Porque antes era muito mais difícil se conectar com uma pessoa que está longe. Agora com a internet é muito rápido, muito fácil você se conectar, então, diminui as distâncias entre as pessoas, entre os lugares" (Participante 08, sexo masculino, adolescente)

"As pessoas estão menos próximas umas das outras, toda interação ocorre muito pela internet e pelo celular. Mas também, as pessoas estão mais distantes umas das outras, de todas as formas. Não sei, é muito contraditório, mas são tipos de relações diferentes" (Participante 09, sexo feminino, adolescente)

"Eu acho que a internet vai ser algo que vai dominar a nossa realidade no futuro [...] As pessoas estão muito mais ligadas à internet do que a própria vida real" (Participante 16, sexo feminino, adolescente)

"Por mais que eu sei que muitas das coisas que faço dependam da internet a gente precisa saber separar as coisas, a vida real e a virtual" (Participante 19, sexo masculino, adulto)

Mediante essas novas possibilidades de relação entre o real e o virtual, os participantes jovens expressaram uma espécie de “angústia” (pouco percebida entre os adultos) ao considerar a simples hipótese de estarem/ficarem fora do espaço da internet e redes sociais digitais. Imaginar tal hipótese revela-se tarefa difícil enquanto todos estariam “conectados”. Entretanto, estes mesmo adolescentes apontaram que se o espaço cibercultural não fosse acessível a todos, se não estivesse disponível para ninguém, seria tolerável não fazer parte da rede. Uma vez inserido no espaço cibercultural, seja adolescente ou adulto, fica difícil imaginar-se fora dele. Os dados também permitiram perceber certo desconforto dos participantes adultos ao se admitirem “virtuais”. Nenhum entrevistado adulto considerou-se uma “pessoa virtual”. Considerar-se virtual correspondia quase à negação da vida concreta. Em contrapartida, os jovens – todos os entrevistados – consideraram-se “virtuais” com extrema naturalidade.

"Me considero uma pessoa virtual. Porque estou na internet todo dia. Todo dia estou participando de alguma coisa, estou no Facebook. Com certeza me considero uma pessoa virtual" (Participante 01, sexo masculino, adolescente)

"Não me considero uma pessoa virtual. Porque eu acesso muito pouco a internet. Eu acesso estritamente para aquilo que preciso, e não preciso tanto. Consigo viver sem a internet" (Participante 02, sexo masculino, adulto)

"Acho que me considero uma pessoa virtual, sim. Porque eu tenho quase todas essas redes sociais. Eu estou online a maior parte do meu tempo [...] Acho que realmente estou em todas as redes sociais, ou já estive" (Participante 06, sexo feminino, adolescente)

"Não me considero uma pessoa virtual. Eu tenho Facebook, que eu já perdi a senha, não sei mexer, a não ser o *Whatsapp*. E mail pessoal eu uso muito pouco, é mais trabalho" (Participante 07, sexo masculino, adulto)

"Sim, me considero uma pessoa virtual. Se a gente não for virtual na minha idade acaba sendo excluído [...] A gente é quase jogado para esse mundo virtual, então, sim, me considero virtual" (Participante 12, sexo masculino, adolescente)

"Não me considero uma pessoa virtual. Porque eu preciso saber usar a internet até o ponto em que me é saudável [...] A gente precisa ter conhecimento do que pode ser bom ou ruim. E não me parece saudável me considerar uma pessoa virtual" (Participante 19, sexo masculino, adulto)

Na categoria que denominamos "*Impasses entre passado e futuro*" observamos dados que apontam para uma espécie de "disputa" entre as gerações. Cada qual buscando reivindicar quem se apropria e faz melhor uso da internet. Mas não só, parece existir uma disputa para quem lhe exprime melhor significado, buscando práticas que legitimem suas apropriações. Porém, os dois grupos geracionais se aproximam em certos pontos, nesta etapa, principalmente quando convidados a pensarem sobre o futuro da internet. Nessa questão, para ambas as gerações, qualquer previsão plausível adquiriu ares de enorme incerteza, sendo sua concretude de difícil imaginação; tanto a forma quanto o conteúdo da internet. A imprevisibilidade é elemento de representação social compartilhado por todos.

"Não consigo imaginar. Antigamente a gente assistia filme de 007 e falava: o cara tem um telefone no solado do sapato, não é possível. E é possível, muito possível

hoje. Não consigo imaginar, não tenho noção do que vai ser" (Participante 05, sexo feminino, adulto)

"Não imagino como vai estar a internet no futuro [...] Não acho que tem muita coisa para mudar, porque não consigo imaginar outros avanços da internet" (Participante 09, sexo feminino, adolescente)

"Eu não faço ideia de como a internet vai estar no futuro. Eu não imaginava esse negócio do *Iphone*, então eu não consigo nem imaginar o que vem por aí" (Participante 12, sexo masculino, adolescente)

"Nem consigo imaginar direito como a internet vai estar no futuro, porque hoje já é uma coisa tão absurda. É uma coisa tão galopante, tudo que eles vão evoluindo. Hoje você entra num negócio, está lá, amanhã você vai entrar e já é outra coisa" (Participante 13, sexo feminino, adulto)

"Eu não sei nem o que imaginar da internet no futuro. Eu nunca iria imaginar que hoje a gente estaria com o *smartphone*, que teríamos *Whatsapp*, que falaríamos com a pessoa tão rápido, que você ia mandar mensagem de voz. Eu nunca iria imaginar que você iria se comunicar por Skype há pouco tempo atrás" (Participante 14, sexo feminino, adolescente)

"Quem diria que hoje as pessoas seriam tão dependentes de ficar andando com o celular [...] Com certeza meus pais nem imaginavam a existência do celular. Então, é difícil imaginar a internet no futuro" (Participante 20, sexo masculino, adolescente)

Os entrevistados também argumentaram sobre as mudanças entre o mundo do passado e o atual decorrentes da chegada da internet. Os dados levantados apontam que a internet – e os avanços tecnológicos – são elementos fundamentais na mudança de pensamentos, práticas e interação social de um determinado período ao atual. O interessante é que essa discrepância de um modo de viver no passado e atualmente é bem reflexivo no imaginário dos adolescentes. Ou seja, a internet aparece como elemento importante na reflexão da transição de um período a outro.

"Eu consigo comparar mais ou menos as mudanças proporcionadas pela internet. Eu acho que agora, que tem internet, as pessoas estão muito antissociais, preferem ficar em casa, mexendo no celular, assistindo série. Na época da minha avó, que

não tinha nada disso, ela descia para brincar, fazia várias coisas e hoje em dia as pessoas não fazem mais isso" (Participante 06, sexo feminino, adolescente)

"Sou da geração que lembra quando começou o computador. Naquela época não tinha perigo. Hoje em dia as pessoas entram na sua conta virtualmente, roubam seu dinheiro, eles fazem tudo através da internet" (Participante 13, sexo feminino, adulto)

"Mesmo não tendo vivido no passado eu sei que a internet mudou quase tudo no mundo [...] Eu não brinco como meu pais brincavam, e eu sei que a internet ajudou a mudar isso. As crianças hoje já nascem sabendo usar *Ipad*. Eu acho que essas coisas nem passavam pela cabeça dos meus pais naquela época" (Participante 18, sexo feminino, adolescente)

"Quando a internet começou, em 2011, mudou tudo. As pessoas mudaram, o comportamento delas mudou, a conversa mudou [...] Quando eu era mais novo não era assim, e não tem muito tempo, até 3 anos atrás, para mim, as coisas eram totalmente diferentes" (Participante 12, sexo masculino, adolescente)

Mesmo diante das incertezas e imprevisibilidades, os entrevistados, principalmente os adultos – talvez como forma de conformismo – compreendem que não existe retorno para um mundo sem internet, desconectado, que não opere em rede. A desconfiança e o receio são sentimentos naturais diante do novo, porém, o caminhar do homem ao lado das tecnologias é tanto imprevisível quanto inevitável e necessário.

"Não tem volta, está certo que tem muita coisa ruim se desenvolvendo na internet, mas precisamos entender também as coisas incríveis que ela nos proporciona [...] Hoje em dia não podemos prever como vai ser o futuro, mas acho que precisamos entender o presente para pensar no futuro. E a internet faz parte do futuro" (Participante 17, sexo feminino, adulto)

"Normalmente a gente tem um pouco de resistência ao progresso, ao desenvolvimento, mas, paulatinamente, isso vai entranhando na nossa mente, a necessidade de nos aprimorar para poder acompanhar o desenvolvimento tecnológico" (Participante 15, sexo feminino, adulto)

"A tecnologia vai avançando violentamente, graças ao advento da revolução da informação, e eu vejo o futuro da internet influenciando até as políticas de países,

que vai estar interligado em uma rede mundial" (Participante 11, sexo masculino, adulto)

6. Discussão dos resultados

Não se pretende que essa pesquisa tenha apenas caráter descritivo. Neste sentido, primeiramente, consideramos a existência material do fenômeno histórico, ou seja, o uso concreto da internet por pessoas da sociedade contemporânea. Isso envolve apreender e compreendê-lo no contexto do mundo pós-moderno⁴ e na composição e organização social atual. Desse modo, há um elemento empírico aqui que é baseado na construção de um objeto representado socialmente – a internet.

Em segundo, adotamos a premissa de que existe também um elemento conceitual, ou, um elemento de pensamento envolvido na elaboração e constituição dessa representação dinâmica. A trajetória que proporciona o surgimento ou não de determinada representação não pode ser compreendida meramente como um catálogo de dados brutos que se replicam. Antes, as fontes precisam ser interpretadas. Situações e eventos devem ser revisitados, reconstruídos e conexões devem ser inferidas. Certos eventos e/ou fenômenos são considerados centrais e importantes, enquanto outros, consequentemente, são desconsiderados ou não compatíveis à reflexão que se busca (Gondim & Bendassolli, 2014). Esse é o trabalho da seleção e análise de dados para além de seu conteúdo bruto.

Para realizar este trabalho, é preciso invariavelmente usar certos conceitos, ideias ou esquemas organizacionais para facilitar a interpretação do objeto/fenômeno e eventos relacionados. Ambos os elementos (conceitual e prático) são necessários para abordar objetos dessa natureza representacional. Como apontam Gondim e Bendassolli (2014), seria equivocado se a análise se fundamentasse apenas nos elementos empíricos e a eles se limitasse, já que isto não traria maiores esclarecimentos acerca de sua natureza. Os dados empíricos precisam de interpretação que suscitem sentido. Igualmente, seria incoerente enfatizar exclusivamente o aspecto conceitual sem ao menos observar os dados empíricos, pois isto resultaria em completa abstração, e a análise iria, por assim dizer, pairar no ar distante da realidade e da existência real. É preciso tanto os dados empíricos brutos da trajetória histórica do objeto/fenômeno, quanto sua composição em ideia e conceitos.

⁴ Segundo Michel Maffesoli (2011) a pós-modernidade é um conceito da sociologia histórica que designa a condição sociocultural e estética dominante no capitalismo após a queda do Muro de Berlim (1989), o colapso da União Soviética e a crise das ideologias nas sociedades ocidentais no final do século XX, com a dissolução da referência à razão como uma garantia de possibilidade de compreensão do mundo através de esquemas totalizantes.

Dito isso, afinal, do que estamos falando quando discorremos sobre a internet? Como ela orienta/organiza muitas de nossas práticas atualmente?

Destacamos que, para responder a tais questões, na construção deste capítulo optamos por considerar os resultados provenientes do processamento do software Iramuteq e da Análise de Conteúdo de forma articulada, entendendo que assim é possível nos aproximarmos melhor da dinâmica que caracteriza as RS da internet para os grupos investigados.

A Teoria das Representações Sociais é uma abordagem atenta tanto à influência dos aspectos sociais sobre os sujeitos como à relação e participação destes na constituição de sua realidade social. Desde sua proposição inicial, Moscovici ressaltava tratar-se de um conceito teórico importante na compreensão de processos de conhecimento de fenômenos sociais e das implicações do contexto social na sua construção (Trindade, 2002; Jesuino, 2011).

As representações sociais seriam, então, uma forma de conhecimento social que nos possibilita apreender, organizar e interpretar os fenômenos e eventos do cotidiano. Mas não somente uma *forma*, como aponta Jesuino (2011), elas também remetem a uma ideia de *imagem*, introduzindo uma dimensão dinâmica às unidades de elementos sociais, unificando tensões internas que emergem entre conceitos e percepções. As RS configuram um conjunto de conhecimentos de caráter comum, elaborados e partilhados socialmente, constituídos a partir de experiências e informações a que temos acesso, compondo modelos de pensamento a serem transmitidos em nossa sociedade (Jodelet, 1986). Desse modo, entre *formas* e *imagens* resgata-se a importância de como o sujeito comum conhece seu mundo.

Em nossa pesquisa, foi possível observar que as significações (conteúdos e imagens) em torno do objeto de estudo (a internet) se consolidam objetivamente a partir de interações sociais travadas cotidianamente, de forma que o que se pensa sobre o objeto acaba por estar intrinsecamente associado, em grande escala, ao uso dado ao mesmo. Através da interpretação dos dados do Iramuteq, podemos observar que as Classes 1, 3 e 4 do dendrograma dos adolescentes aludem ao conteúdo citado acima. Isto é, estas classes indicam como os adolescentes pensam sobre a internet e como a composição entre conceito e imagem que compõe a RS do objeto influencia no reconhecimento da funcionalidade da internet, ou seja, ressoam no que acreditam ser sua utilidade.

Por exemplo, ao apontarem a relação que estabelecem no dia a dia com a internet é possível destacar que a centralidade em relação ao seu uso, por parte dos jovens, está direcionada à *pesquisa*, *entretenimento* e *estudo*. Estes elementos compõem principalmente nas Classes 3 e 4 do dendrograma dos adolescentes. Já para os adultos, o uso da internet está vinculado principalmente a *informação* e ao *trabalho*, elementos presentes principalmente na Classe 1. Essa associação auxilia a atribuição de utilidade ao objeto – objetivando de maneira

prática conceitos e imagens – principalmente como objeto primordial nas relações de trabalho e tarefas diárias.

Ao instituir *formas* e *imagens*, grande parte dos contornos que convergem sobre determinada RS trata-se de tornar familiar algum objeto estranho de difícil enquadre nas categorias disponíveis, conferindo-lhe inteligibilidade, seja pela ciência ou pelo senso comum. Ao torna-lo familiar, os sujeitos não apenas atribuem-lhe sentido, significação, tendo em vista que o conhecimento sobre o objeto é corrente, mas também emitem juízo de valor dificilmente relacionado à objetividade científica. Mesmo não sendo um fator aplicável à internet, pois no recorte de nossa pesquisa trata-se de um objeto familiar, observamos a necessidade, por parte dos adultos, de relacioná-lo de maneira concreta as suas práticas diárias.

As Classes mencionadas anteriormente também revelam como o conceito de internet se vincula à questão da *comunicação* e *informação*, elementos aos quais tal objeto se mostra caracteristicamente associado por ambas as gerações. O conteúdo encontrado nessas classes permite apontar que os adolescentes percebem o quão fundamental para suas vidas é a internet enquanto instrumento que os conecta com o mundo da comunicação e interação. Entre os adultos, como já apontado, ressoa a importância da internet em suas práticas laborais.

Jodelet (2001, 2005) nos ensina que o contexto em que os indivíduos estão inseridos influencia a compreensão da sua realidade e orienta as práticas em relação a um determinado fenômeno/objeto. O fato de os adultos estarem vinculados a um contexto de trabalho, com características específicas que refletem o funcionamento do mundo atual, influencia diretamente a RS que apresentam. Da mesma forma, o fato dos adolescentes estarem numa faixa etária onde a escola e o convívio com pares são predominante em suas vidas também interfere na composição da RS de internet que manifestam. As vivências, experiências e contextos particulares são fundamentais na perspectiva representacional que expressam.

Novamente, como destaca Jodelet (2001), precisamos saber o que temos a ver com o mundo que nos cerca. Precisamos entender o que compartilhamos e o que nos aproxima e/ou afasta do contexto cibercultural. Isto é necessariamente um exercício constante de ajuste, localização, identificação, adesão e propagação. É esta composição a responsável pela manifestação de RS caracteristicamente dinâmicas e complexas da vida social “em rede”. Complexas, pois asseguram sentido a elementos diversos, como ideológicos, cognitivos, informativos, valorativos, etc. Dinâmicas, pois estes elementos não se organizaram de maneira estática e isolada. Percebemos que ao investigar o objeto internet não falamos estritamente da sua natureza, pois a organização dos elementos expostos expressa um saber que diz algo sobre a realidade em que vivemos. Isto é, a construção dos discursos busca na apreensão de uma

realidade específica – cibercultural – elementos fundamentais que auxiliem na tarefa de descrição, explicação e análise do objeto.

Os conteúdos de RS evidenciados neste estudo formam um sistema pertinente à manifestação de teorias espontâneas sobre a internet. Não se trata de uma cópia exata do objeto e/ou contexto investigado, mas sim de versões da realidade condensadas em conceitos e imagens preenchidas de significados dinâmicos. São RS que ao traduzirem aqueles indivíduos ou grupos, forjam subsídios que fomentam a interação com o objeto representado. A partir do momento em que se passa a expressar e compartilhar significações da internet (como por exemplo, a ideia de *entretenimento*, entendido pelos adolescentes como algo positivo) tem-se uma visão consensual de determinada realidade. Vale frisar que a consensualidade não configura universalidade, podendo coexistir concepções conflitantes e/ou discordantes. O que fica como base para o pensamento do público jovem é que o aspecto de *entretenimento* é definitivamente elemento legítimo e natural. É elemento que tem função de guia para as ações e partilhas do cotidiano.

Em contrapartida, o aspecto de entretenimento associado à internet não é visto como algo valorizado positivamente pelos adultos. Este ato de representar-se ou representar algo, como lembra Jodelet (1986), configura movimento de como o sujeito entende-se relacionado com o objeto. Para os adultos, como a centralidade da internet parece relacionar-se ao aspecto do *trabalho*, devido ao contexto que estão inseridos, a função de entretenimento vinculada ao objeto relaciona-se ao entendimento de insignificância e frivolidade. Sendo assim, independentemente da apropriação que o grupo fará da internet, as RS comportarão aspectos materiais, psíquicos e sociais que apontam para uma relação entre sujeito, objeto (internet) e contexto.

A Classe 4 do dendrograma dos adultos expressa questões centrais voltadas às interferências sociais causadas pelo uso habitual e naturalizado da internet, principalmente por parte dos adolescentes. De acordo com os dados, as dimensões mais afetadas (negativamente) pela internet foram as relações sociais e as práticas diárias, onde imperam a naturalização e o uso excessivo da internet. Dois polos emergem da avaliação do objeto por parte dos entrevistados adultos. Primeiro, percebemos uma avaliação positiva da internet, baseada numa compreensão mais lógica e objetiva, vinculada às atividades práticas e concretas, como por exemplo, o trabalho. Em segundo, contrapõem-se uma avaliação negativa, pautada na compreensão de dimensão mais afetiva, colocando que o excesso e a naturalização da internet interferem negativamente nas relações sociais modernas. Como afirma um dos participantes adultos:

“Hoje, os amigos se encontram menos, os filhos se fecham mais, a exposição ao lazer diminui, a busca por atividades naturais desaparecem, o convívio com a natureza não importa. O abraço não faz falta, a lágrima não se encontra” (Participante 2).

Para os adolescentes, sua relação com o mundo cibercultural é interpretada como habitual e intensa. Como expõe a Classe 2 deste grupo, a relação tornou-se tão natural que é difícil imaginar qualquer instância da vida (material ou simbólica) sem o auxílio da internet. Nesta mesma Classe, em contrapartida, mesmo estes adolescentes – considerados “filhos” da geração tecnológica – têm dificuldades em levantar possibilidades plausíveis de como a internet pode se desenvolver num futuro próximo. A dificuldade de encontrar categorias representacionais em que se basear levam estes adolescentes a reflexões ambivalentes, ora otimistas, ora pessimistas, consistentemente associadas à representação material que conhecem hoje em dia. Por exemplo, acreditam que os aparelhos de *smartphones* irão evoluir, mas não cogitam possibilidades alternativas a essa.

De um lado, podemos observar que a representação em sua dimensão cognitiva, fornece uma visão particular da internet. É como se a RS tomasse seu lugar e reificasse sua forma e imagem mesmo quando a internet está ausente. Por exemplo, não é preciso que o sujeito esteja em contato com algum objeto tecnológico que possibilite o acesso a rede (*smartphone*, *notebook*, etc.) para acessar elementos cognitivos associados ao objeto. Nesse estado, percebemos a representação mental do objeto reconstituído simbolicamente. Do outro lado, o conteúdo pensado estrutura e organiza a ação concreta. A representação denota sua marca no ato dialógico e hermenêutico, onde se encontra a expressão do sujeito, tal como a reconstrução e interpretação da internet. Mais uma vez observamos que os elementos de pensar sobre a internet compõem o quadro de ações pertinentes a cada indivíduo e grupo.

A RS propicia, então, uma relação simbólica do sujeito com a internet. Ao apreender esse objeto, ela lhe proporciona um estado interpretativo, conferindo significações, resultado de uma construção e expressão do sujeito. Cabe ressaltar que a tecnologia avança mais depressa do que a velocidade do nosso próprio pensamento pode abarcar. Uma sociedade necessita de várias gerações para abranger uma mudança, e a tecnologia entrou de rompante num curto período de tempo, instalando-se comodamente, indiferente as consequências que isto possa acarretar cognitivamente e socialmente. Ademais, como destaca Jodelet (2001), sejam considerados os pontos de vista epistêmico (os processos cognitivos) e/ou o ponto de vista psicológico (processos intrapsíquicos), o que estamos procurando é integrar a análise do processo constitutivo, do pertencimento e da participação cultural do sujeito.

Todas as atividades humanas abrangem interações entre ideias e representações. Mas não dá para separar o homem de seu ambiente material. Do mesmo modo, é impossível separar o homem das imagens e signos através dos quais ele se relaciona e atribui sentido à vida e ao mundo (Bourdieu, 2013). Mundo material, ideias, signos e significados expressam relação inerente e indivisível por meio das quais os objetos tecnocientíficos são concebidos e utilizados. Essa relação entre sujeitos e objetos tecnológicos mediados através da internet, como exposto pelos entrevistados, nos coloca diante de relações ambivalentes, contraditórias.

Na verdade, como as informações chegam de modo variado para diferentes sujeitos, os conhecimentos básicos sobre um tema, neste caso a internet, promovem um modo de pensar e agir distintos, podendo ser de neutralidade, aceitação ou rejeição. São esses diferentes níveis de conhecimentos e práticas que contribuirão para a composição da imagem e forma do objeto intencionado (Jesuino, 2011). O que está em causa, quando abordamos o objeto da internet, é sua permanente oscilação, variável entre sujeitos e grupos, pois todo processo de RS é um processo criativo, traduzido na dialética entre conceito e percepção.

Como destaca Vala (1997), a concepção teórica que orienta a perspectiva da RS confere papel ativo aos atores sociais em sua produção. Todavia, esta orientação não deve suprimir a relação entre RS e configurações sociais dominantes, de um lado, e a dinâmica social, de outro. Da correlação destas perspectivas emergem elementos de força que auxiliam a compreensão do que o autor chama de pressões para a hegemonia e homogeneização de certas RS.

Assim, verifica-se uma permanência temporal de algumas representações como, por exemplo, a RS da internet como instrumento de *comunicação e informação*, atribuída a sua dimensão de ferramenta de comunicação, elemento este que possibilitou sua penetração nos padrões culturais e se mantém relativamente consistente. Do outro lado, assiste-se a transformação proeminente em certas representações, que tornam-se inteligíveis no contexto de transformações mais vastas como, por exemplo, a representação da internet como elemento de interatividade dinâmica, atemporal e desterritorializada. Elementos estes que também constituem nosso período social e ajudam-nos a compreender a inscrição das representações sociais como reflexos de uma ordem sociocultural dominante.

Diante desse contexto, é quase impossível caminhar sob essa “terra” cibercultural sem se deparar com alguma porta de entrada para a internet. Tropeçamos em meio aos dispositivos que se empilham em nosso caminho. Como destacam a Classe 6 do dendrograma dos adolescentes e a Classe 4 do dendrograma dos adultos, quando se trata das principais mudanças sociais proporcionadas pela internet, entende-se que nosso padrão de interação social com o outro e com o mundo modificou-se de modo drástico, e tem se dado prioritariamente por meio de “telas”.

Quando falamos sobre mudanças na forma de interação social, são notórios os novos contornos temporais e territoriais que as relações humanas adquiriram através das TIC e da internet, tanto nas esferas públicas quanto privadas. Mesmo que não apareçam de forma explícita, os resultados que comparecem na Classe 6 do dendrograma dos adolescentes e na Classe 4 daquele dos adultos permitem compreender que, além da dimensão materialista, essa interconexão de diversos atores e segmentos sociais aponta para a efervescência de múltiplas dimensões simbólicas, representadas tanto pela relação homem – máquina (computador, *smartphones*, etc.) quanto pelo intercâmbio cultural proveniente das trocas virtuais que promovem diferentes perspectivas, valores e anseios socioculturais. Nessa interação multiculturalista, contextualizada no “descentramento, de atopia, flexibilidade e dinamismo, emergem múltiplas vozes, compondo a ‘cacofonia’ [...] como expressão do exercício interacionista na esfera social da contemporaneidade” (Velloso, 2008, p. 108).

A expressão da internet carrega mais que um conceito delimitado, manifestando a ideia de uma visão de mundo. Como destaca Jodelet (2005), através da interpretação das palavras, das imagens e dos significados manifestos por cada participante da pesquisa, aproximamo-nos do conteúdo da RS do objeto (internet), que fornece meios e dá sentido ao pensar e agir do homem em relação ao mundo e suas instituições. Como aponta Latour (2011, 2013), as informações correspondentes aos discursos encontrados não carregam apenas um signo, mas referem-se primordialmente a uma relação. E nessa relação, percebe-se que os signos contidos nas informações são cada vez mais dinâmicos, fluidos e conectados a um número maior de representações.

As verdadeiras relações não se dão de maneira isolada, entre tecnologia de um lado e cultura de outro, mas sim na dialética entre diversos atores sociais que criam, produzem, utilizam, interpretam e (re)significam de diferentes formas as tecnologias. Os resultados da presente pesquisa revelam que o uso do termo internet se estende e se desdobra em incontáveis contextos. Ela é usada para se referir às mais variadas situações. Ela é referenciada, por exemplo, como *meio de comunicação, aglomerado de computadores, ferramenta que conecta o mundo, informação instantânea, banco de dados, evolução, praticidade e velocidade, tentação, passatempo, vício, instrumento que torna as pessoas corajosas*. Como destaca Moscovici (2003):

[...] as relações com os outros, as relações sociais, precedem de modo prático e lógico, as relações com os objetos. Em outras palavras, o que está em primeiro lugar, o que é até mesmo determinante, nos fenômenos que nos ocupam, não é agir sobre os objetos ou reagir a eles, mas interagir com um ou diversos sujeitos (p. 14)

Os termos e expressões corriqueiramente empregados pelos participantes revelam a dinâmica dos processos de ancoragem e de objetivação através do que podemos chamar de “figuras da internet”. São essas figuras expressões simbólicas baseadas em imagens, que condensam a abstração, ou seja, imagens que condensam a representação. Pensando a partir do conceito de ancoragem, estas figuras podem corresponder à incorporação ou assimilação de novos (e em constante mutação) elementos da internet em um sistema de categorias funcionais e familiares aos participantes, além de corresponder a conceitos acessados mais facilmente na memória. A ancoragem permite ao participante entrevistado integrar o objeto de representação a um conjunto de valores que lhe é particular, classificando e denominando-o em função da relação que este objeto mantém com sua inserção e adesão social (Trindade, Santos & Almeida, 2011).

Podemos dizer que a heterogeneidade é elemento presente e constituinte da internet, manifesta na argumentação e confronto de opiniões entre os entrevistados. É nela que registramos a plasticidade da representação. Como já situava Moscovici (1998), o pensamento social está ligado à polifasia cognitiva, que capacita aos sujeitos formas variadas e coexistentes de pensar e representar. Assim como a polissemia para a linguagem, a polifasia cognitiva seria significativamente importante para a prática da comunicação e adaptabilidade social.

O conjunto das relações intersubjetivas que observamos depende desta capacidade, pois ela lhe confere caminho pertinente à realidade social cibercultural. Podemos apontar que essa característica reflete a necessidade de adaptação a um meio social incessantemente mutável. Observamos também que reside nessa polifasia cognitiva referente ao objeto da internet a capacidade de interações múltiplas advinda dos sujeitos adolescentes. Ela demonstra como a adaptação a elementos periféricos torna a relação com a internet mais fluida, o que ocorre com maiores entraves para os indivíduos adultos. Isto é, a polifasia cognitiva é utilizada com maior facilidade pelos adolescentes como recurso para agrupar discursos que atendam a diferentes demandas do ambiente cibercultural. Esse movimento propicia, portanto, uma relação dinâmica das interações socioculturais.

A polifasia cognitiva também comparece como recurso adaptativo quando o pensamento lógico não consegue cumprir de forma efetiva suas funções. Observamos que o uso do pensamento lógico é mais preponderante nos adultos ao se referirem à internet. Entretanto, é na plasticidade dos argumentos dos adolescentes que percebemos a capacidade de resolver impasses e se adaptar rapidamente às demandas contextuais do objeto. Não se trata de afirmar rigidez no discurso dos adultos, mas de reconhecer que a versatilidade diante do objeto investigado é mais corrente entre os indivíduos adolescentes. O saber através do pensamento lógico, em determinados momentos, não favorece a pluralidade e polivalência representacional

do objeto. Por isso, em nosso contexto específico a capacidade do saber polifásico permite tantos pensamentos quantos se fizerem necessários, o que é pertinente as variedades situacionais características da experiência humana de nossa época.

Neste ponto, podemos inferir que a RS de internet é tanto adaptativa quando necessária à capacidade de flexibilidade do saber inferido sobre ela. Por se tratar de um objeto multifacetado, é que a forma dinâmica de contato favorece potencialidades. Moscovici (1998; 2001) já comentava as diferenças existentes entre uma representação dinâmica e estática. A dinâmica, explica, institui a representação como uma rede de ideias, imagens, metáforas, organizadas de modo mais flexível. Portanto, pode-se dizer que seu caráter é mais móvel e fluido que o pensamento de base lógico. A estática corresponderia à representação balizada em torno de uma temática, funcionando como uma teoria que permite classificar, descrever e/ou explicar objetos e fenômenos. O que notamos é que ao assemelhar a representação de internet como uma teoria – como ocorre, por vezes, entre os participantes adultos – impõe-se certa rigidez à RS, quando seu grande trunfo é não se ater ao discurso tecnicista e tomar corpo no discurso flexível do cotidiano. Ademais, apesar da ambiguidade demonstrada nos argumentos de ambos os grupos investigados, o que é relevante é que a fluidez e multifuncionalidade favorecem a mobilidade da RS da internet.

Não somente a polifasia contribui para o complicado delineamento do que a palavra internet expressa; essa dúvida é reforçada também pela pluralidade de metáforas que compõem sua noção e utilização, dando a impressão, muitas vezes, do esvaziamento de seu sentido. Entretanto, em sentido contrário, a adesão multifacetada de seu significado é prova de seu poder social. Sendo a internet, então, expressão receptora e cristalizadora de conhecimento, saber e experiência, eis porque o seu lugar de objeto estruturante de representações sociais. Todavia, Musso (2013) apresenta ainda um outro lado dessa conceitualização:

Essa sobrecarga de designação tem por efeito uma perda da unidade do conceito, isto é, de sua articulação interna numa teoria, em proveito de uma equivalência indefinida entre seus diferentes componentes. Quanto mais o conceito se deselitiza, mais o termo é convocado ou invocado nos discursos e representações contemporâneas. O conceito, desvalorizado em pensamento, supervaloriza-se em metáforas. (p. 29)

Os termos e expressões encontrados para localizar o real e o virtual, o tempo e espaço em que vivemos já é um demonstrativo representacional de que grande parte das mudanças contemporâneas são proporcionadas pelas novas TIC: “era da informação”, “era do virtual”, “mundo digital”, “sociedade em rede”, “era do simulacro”, “sociedade narcísica”, “era do controle e vigilância” (Kastrup, 2003; Parente, 2013). A internet, assim, catalisa uma gama imensurável de significados que, como diz Arruda (2011), se encontram nas características

atribuídas ao universo pertencente, às suas práticas sociais, culturais e econômicas, dando respaldo à forma como a sociedade se vê “culturalmente digital”.

De fato, a internet ilustra um período sociocultural, uma imagem da vida em determinado contexto. Ela se configura como uma rede de significados entrelaçados em imagens, conceitos e afetos. Não se representa socialmente aquilo que se tem como indiferente, diz Arruda (2011). Isto é, se representa aquilo que provoca desejo de comunicação; vontade de compreender e falar a respeito, mesmo que afetivamente discordante ou incomodado. Este é um ingrediente incontornável na dinâmica da RS, tal como a projeção dos significados da internet em sujeitos e grupos que se dizem alheios a seus efeitos. Assim como foi possível notar nos discursos daqueles entrevistados que se diziam indiferentes à internet, mas que tinham muito a dizer a respeito dela.

Cabe destacar, portanto, que o domínio da RS de internet nesse contexto cibercultural não conhece limites. Assim, considerando as infinitas possibilidades atreladas a uma rede de significados, propomos aqui quatro prismas de clivagem diversificados pertinentes à interpretação do conteúdo investigado. O primeiro prisma referente à RS da internet diz respeito às mudanças e avanços temporais. Neste estudo, percebemos como as representações foram sendo modificadas e novos elementos sendo incorporados com o passar do tempo. Este aspecto fica mais evidente nas variações entre gerações. O segundo diz respeito à capacidade da internet, como objeto de constante abertura à novidade, de ser capaz de reordenar e reorganizar espaços. O trabalho, a escola, o lazer, a economia, as relações, etc. As mudanças na realidade não param, ao ponto que a internet também não. Estes dois prismas repercutem a dimensão histórico-temporal da representação do objeto investigado. Demonstram seu desenvolvimento numa sequência não linear e sua justaposição aos elementos socioculturais.

O terceiro prisma confere à internet a capacidade de concentração e rede de articulação de muitos elementos. Seria, como aponta Jesuino (2011), o campo representacional imbricado nas camadas de contexto que o abrigam. Aqui, o objeto internet se encontra no fluxo de identidades, metáforas, imagens e afetos que permitem articular analogias referentes à internet. Por fim, o quarto prisma aponta a internet como um componente sempre presente nos veículos de comunicação, nas mídias, redes sociais, permeando e circulando o pensamento social. É como se as mídias propagassem a internet com a ideia de que é fundamental estar atento aos passos que ela pode vir a dar; quais as próximas novidades e consequências.

Cabe destacar que estes prismas não são isolados, mas coexistem num mesmo espaço, indicando a historicidade dinâmica da RS da internet. Por questão de propósito e espaço não nos aprofundamos na conceitualização mais detalhada de cada prisma, mas consideramos apropriado ao menos apontá-los.

Na dimensão exposta, a internet é objeto que nos modifica, altera nossas habilidades e capacidades. E se não nos damos conta destes processos de alterações é justamente porque já temos entranhado em nós o discurso da naturalização do virtual, fazendo com que, de fato, o virtual seja o “natural” da nossa época. Este contexto reflete, em primeiro lugar, a prevalência de uma nova forma de interação com o mundo e consigo próprio. Ela dá forma a novos modos de expressão. É o homem diante de um mundo informacional.

A linguagem precisa encontrar formas de adotar, sempre que possível, capacidades expressivas pautadas pela brevidade e transparência. Exemplos para esse tipo de interação não faltam. São os *emoticons/emojis*⁵ que visam transparecer de maneira rápida nossas expressões e sentimentos. *Hashtags*⁶ como os famosos “#somostodos”, sendo a forma atual de “adesão” às causas sociais e de outras naturezas. Esses fenômenos falam sobre o reconhecimento transparente do outro, sobre o imediatismo e fragilidade dos vínculos identitários, que por sua natureza nos mantêm distante daquilo com o que dizemos nos solidarizar. Aquilo que conhecíamos como um mero parágrafo de sete linhas, na rede toma proporções de “textão”. Escrevê-los é quase uma afronta aos padrões das expressões linguísticas da rede.

Nessa torrente de informações e numa modalidade de pensamento econômico a internet se localiza num contexto social de constante mutabilidade. Este cenário nos posiciona frente a um denso paradoxo, sendo a tecnologia mais elaborada aquela que nos impõe interações fugazes, simplórias, imediatistas, como apontam alguns participantes.

Os elementos/conteúdos que aparecem com menor pregnância seriam, assim, aqueles que dão caráter multifacetado à representação, sendo a dinâmica sua prerrogativa. Por carregarem aspectos mais individuais acerca da representação, acabam fugindo à constância e homogeneidade do conteúdo estrutural. Logo, através dos resultados obtidos, poderíamos inferir que as significações sobre a internet se desenvolvem nos arredores limítrofes a seu alicerce de sustentação. Sua composição *dinâmica, interativa, multifacetada, móvel, inovadora*, orquestrada pela *imprevisibilidade e instabilidade* lhe configura este status. Assim, de acordo com Arruda (2011), os arredores adjacentes constituem o *locus* onde as representações estão suscetíveis a transformações, seja por interferência do momento histórico, das circunstâncias ou de transações individuais e grupais de quem representa e o que representa.

⁵ Forma de comunicação paralinguística. Palavra derivada da junção dos seguintes termos: *emotion* (emoção) + *icon* (ícone). É uma sequência de caracteres tipográficos, ou, também, uma imagem que traduz ou quer transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial.

⁶ *Hashtag* é uma expressão derivada das redes sociais na internet. Consiste de uma palavra-chave antecedida pelo símbolo #. São utilizadas para categorizar os conteúdos publicados nas redes sociais, ou seja, cria uma interação dinâmica do conteúdo com os outros integrantes da rede social, que estão ou são interessados no respectivo assunto publicado.

A internet seria, então, objeto constituído apenas de elementos dinâmicos, mutáveis e circunstanciais? Onde repousa seu conteúdo estrutural, basilar? De acordo com nosso estudo, podemos inferir que são nos aspectos de *comunicação*, *informação* e *exploração* que se ancoram as RS de internet. São estes os fundamentos estruturais balizadores de todos os outros conteúdos. Essa ancoragem, portanto, comporta mais que um processo cognitivo ou semiótico, ou mesmo uma categoria integradora que favoreça uma leitura do mundo.

É fundamental buscar as regularidades presentes no conteúdo representacional da internet. O que confere especificidade às RS é, sobretudo, a função social que desempenha (Jesuino, 2011). Ou seja, não será a quantidade de sujeitos ou grupos que a partilham, nem mesmo o caráter coletivo de seu modo de produção, mas sim como orientam os processos de formação de condutas e comunicações sociais. Tomando os dados das duas etapas de organização e análise da pesquisa (IRAMUTEQ e AC), observamos algumas regularidades no modo como o conteúdo é apresentado, respaldando especificidades contextuais do *locus* onde foram produzidas. Como destaca Arruda (2011), a RS atua constantemente atualizando aspectos que compõe o entorno do objeto, dando-lhe novos contornos. Mas a base se mantém. E sobre a *comunicação*, a *informação* e a *exploração* são ancoradas novas categorias simbólicas, trazendo novos sentidos a antigas representações ou antigas disposições a novas representações.

Todo fenômeno representacional também se compõe da luta constante entre elementos sólidos e fluidos. Entre o tradicional e o novo. O familiar e o desconhecido. E assim o é com a noção de internet, entendida e composta pelos atores em suas contradições. Como afirma Musso (2013), a internet é signo e significado de uma era específica. Ela é lugar visível e vínculo invisível. Graças a ela, tudo parece estar conectado a ponto de não sermos capazes de definir o que é transição e o que é passagem, quais os limites de fronteiras. Os espaços se ampliam, pois a internet trouxe nova representação ao que entendíamos como tempo e como a ele nos dirigíamos. Os espaços se ampliaram e o tempo reduziu. Ou seria o inverso?

Além dos conteúdos representacionais citados acima, a internet também expressa potencial de palco de produção social e expressão de subjetividade. Como aponta Parente (2013), no princípio, certo pensamento social hierarquizado – de cunho científico e técnico – dominava a representação desse objeto e nos impedia de compreender tamanha potencialidade, com inúmeras possibilidades se pensado de modo rizomático⁷. Com a expansão e emergência dos meios de comunicação surge uma reciprocidade, não apenas entre os próprios objetos interligados através da internet, mas, sobretudo, entre as expressões subjetivas. Era como se, ao

⁷ Aludimos ao conceito de rizoma, proposto por Guattari (1992), como um conceito fractal. É a proposição de uma dimensão imagética e conceitual que nos faz pensar em alternativas às formas tradicionais de representar e organizar o conhecimento. Ou seja, uma forma onde o pensamento se abre como raízes.

nos apropriarmos de seu conteúdo, pudéssemos, então, explorar seu caráter multifacetado dando vazão a pluralidade das subjetividades, pois, pensar tornou-se substancialmente pensar em rede. Como destaca Parente (2013):

As redes tornaram-se ao mesmo tempo uma espécie de paradigma e de personagem principal das mudanças em curso justo no momento em que as tecnologias de comunicação e de informação passaram a exercer um papel estruturante na nova ordem mundial [...] A sociedade, o capital, o mercado, o trabalho, a arte, a guerra são, hoje, definidos em termos de rede. Nada parece escapar às redes, nem mesmo o espaço, o tempo e a subjetividade. (p. 92)

A rede é expressão maior que agrupa elementos dentre os quais a internet é estruturante. Essa concepção está bem estabelecida nos discursos dos participantes. Nos dados analisados, a palavra *rede* é quase em sua totalidade seguida pela palavra *social*. Pensar esse novo espaço em rede, não se restringe a pensar especificamente nos objetos que o compõe, mas também nas relações estabelecidas por meio deles. Não se trata apenas da ideia de um sistema operacional, mas, sobretudo, pensar esse novo espaço da comunicação e interação, de inovação e conhecimento. Afinal, são novas TIC que privilegiam certas formas de comunicação, em suma, as que dispensam o corpo e a palavra viva. Não seria este fator suficiente para merecer esforços de entendimento? Nesse ponto, o direcionamento é para que os elementos de domínio cibercultural caminhem para além do campo tecnológico, podendo vir a ser fundamento.

Outro aspecto que comparece nos resultados deste trabalho é a relação entre internet, novos meios de comunicação e dinâmica informacional. Os entrevistados, tantos jovens quanto adultos, apontaram que, do mesmo modo que as redes virtuais possibilitam antecipar-se às informações midiáticas, a velocidade com que elas circulam tem tornado o diálogo cada vez mais confuso – por vezes, até violento. As informações quando submetidas aos filtros das redes sociais virtuais tendem a seguir por dois caminhos: ou elas se perdem num mar de informações ou são transmitidas de maneira simplória para se tornarem populares. São os conhecidos *memes*⁸.

Compreendemos que uma RS adquire proporções em seu aspecto de veracidade e realidade no nível em que é compartilhada. Pois bem, a internet, em nossa pesquisa, desponta também como veículo midiático que consolida imagens e representações, pois uma vez veiculadas na internet tem-se a ideia de consenso, de partilha em larga escala, o que reflete e

⁸ *Meme* é um termo grego que significa imitação. É bastante conhecido e utilizado na rede, referindo-se ao fenômeno de "viralização" de uma informação. Ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc., que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade.

facilita uma adesão passiva e conformista. Em segundo lugar, a internet também configura espaço que representa imagens, ideias, conceitos, metáforas, signos. Desse modo, o caráter midiático da internet nos põe em contato com elementos abstratos que passam a ganhar materialidade através do momento em que os reproduzimos e tornamos realidade do cotidiano. Através dessa relação com a internet, o indivíduo tem acesso a experiências, emoções e comportamentos que, em determinadas condições, conferem o mesmo impacto que experiências diretas e que podem, por isso, legitimar, reforçar ou modificar representações.

A questão é que, como apontam os participantes, em ambos os caminhos que a informação pode seguir na rede temos sua confiabilidade e legitimidade colocadas à prova. São informações de consumo fácil, de economia simbólica, geralmente propagadas por uma condição mais efetiva do que lógica-racional. Como destaca um dos participantes: “*Chegamos num ponto em que nem verificamos mais as informações, apenas compartilhamos e passamos pra frente*” (Participante 01, adolescente).

Entretanto, esses novos espaços de comunicação também proporcionaram outras formas de mobilização social. Vejamos alguns exemplos. Sob impacto de movimentos sociais, como a Primavera Árabe e a revolta dos Indignados na Espanha, Castells (2013) anteviu a possibilidade de uma radicalização do sistema democrático e organização social, para a qual a internet seria instrumento essencial. Em 2011, houve um forte sentimento de que as redes sociais digitais poderiam trazer novos ares aos debates políticos. Era um fenômeno que há muito não se via. Movimentos sociais eclodindo de maneira simultânea e contagiosa em forma de protestos, mobilizados em reivindicações por diversas regiões do mundo: Tunísia, Egito, Líbia, Iêmen, Espanha, Grécia, Londres, Chile, EUA, dentre outros. Ocorreu a Primavera Árabe, os Indignados, o *Occupy*. Naquele momento as mídias sociais se revelavam plataformas essenciais para a mobilização e organização de grupos sem lideranças centralizadas, horizontais, sem sindicatos e/ou partidos políticos (Harvey, Teles, Sader, Alves, Carneiro, Wallerstein, Peschanski, Davis, Zizek, Ali & Safatle, 2012). Como aponta Toret (2013), as potencialidades das identidades coletivas na rede podem supor uma reorganização sócio-política em grande escala.

Em termos tecnológicos, econômicos e culturais, adentramos nessa “era virtual” faz tempo. Devemos agora nos atentar à nova era que precisa se desenhar à nossa frente; uma era tecnocientífica em termos políticos e institucionais (Castells, 2013). O signo do comércio e do mercado – transformando o fluxo de informações em ativos financeiros – coopta para si muitas das potencialidades da internet. Mesmo que não questionados diretamente acerca de tal temática, alguns poucos participantes esboçaram reflexões a respeito. Entre os adultos foi possível perceber, mesmo que de forma pouco expressiva, uma tentativa de articulação da

concepção da internet com conceitos como *neoliberalismo*, *ativismo virtual*, *globalização*, *livre comércio*, *revolução digital*. cremos que essa é uma dimensão da internet ainda pouco presente nas representações sociais partilhadas pelos entrevistados, não comparecendo no caso dos adolescentes participantes.

Relacionado a essa questão, é possível a consolidação do conceito de tecnopolítica (Lemos & Levy, 2014), por meio da qual expressões de anseios coletivos se alinham a ferramentas e espaços digitais na busca de novos canais de tomada de decisão. Castells (2013) tem tentando fazer entender a relevância do caminhar das tecnologias em direção às dimensões fundamentais da mudança de estruturas sociais. As experiências capazes de mobilizar milhões de pessoas, como as citadas anteriormente, são indicativas de como tais instrumentos tecnocientíficos podem desafiar regimentos burocráticos, fazendo-se repensar uma nova dinâmica de realidade sociopolítica. A tecnopolítica é real – mesmo que não tenhamos consciência –, carrega em si a capacidade política da sociedade de encontrar novas formas de organização em rede através das tecnologias.

Todavia, o aspecto tecnopolítico acima citado raramente comparece nos discursos dos entrevistados, tornando a rede de significados de RS a esse respeito nebulosa e de difícil leitura. Em contrapartida, para aqueles considerados filhos da geração digital, como é o caso de nossos participantes adolescentes, “navegar” na rede resume-se hoje, na maior parte do tempo, a transitar de uma rede social à outra. É um passatempo de fácil sedução, de pouco dispêndio de energia conforme amplamente referenciado nas Classes 1 e 4 do dendrograma dos adolescentes; é a primazia de “pensamento fácil” (Levy, 2015). O fato é que, cada vez mais, esse tráfego despretenso tem sido monitorado – e manipulado – e os passos deixados na rede servem de dados para o mapeamento dos nossos supostos desejos, deduz-se, de consumo. *Monitoramento* e *vigilância* são elementos relacionados à RS de internet quando emergem aspectos que tratam sobre a confiabilidade em rede.

Depois da caixa de pandora aberta por Edward Snowden⁹ ficou claro – até mesmo para os mais leigos em conhecimentos técnicos – como a internet tem servido a interesses (de instituições públicas e privadas) de vigilância e monitoramento. Não se trata apenas de monitoramento puro, mas de uma máquina de vigilância e mapeamento com fins econômicos. Percebeu-se que dados e informações pessoais usados nas interações sociais através da internet tornou-se moeda valiosa em nosso tempo. Não por acaso, mesmo sem conhecimentos técnicos, grande parte dos nossos entrevistados, principalmente os adultos, expressaram o receio da

⁹ Analista de Sistemas, ex-administrador de sistemas da CIA e ex-contratado da NSA (Agência de Segurança Nacional) que tornou públicos detalhes de vários programas que constituem o sistema de vigilância global da NSA norte-americana.

vigilância e monitoramento constante pelos rastros deixados na rede. Assusta, assim como o panóptico¹⁰ de Foucault (2013), causando desconforto pela sensação de onisciência invisível. Se a legitimidade do conteúdo das informações disponíveis na internet é algo questionado, o cuidado com o monitoramento dos dados pessoais preocupa mais ainda, como apontado por alguns participantes. A internet, ao mesmo ponto em que oferece espaço para a expansão da liberdade e da criatividade, também é citada como espaço propício às estratégias de exploração informacional, sejam elas pessoais ou de grupos.

A suposta passividade em rede (o internauta como mero consumidor) contribui para a conversão das pessoas em mercadorias aos olhares de grandes empresas ou mesmo daqueles que seguem nossos perfis em rede. Evangelista (2014) acredita que ainda não atentamos para a internet como um possível território de emancipação e articulação da sociedade. Como destacou Moscovici (1998), os grupos e indivíduos se apropriam de uma ideologia dominante, imposta e reproduzida por uma ordem social. Entretanto, também reitera que isso não necessariamente implica a condição arbitrária do contexto social sobre os sujeitos. Os indivíduos, longe da passividade, pensam, elaboram e comunicam suas próprias representações, sendo as ideologias vigentes um substrato que alimenta o pensar. Uma vez reconhecido o papel ativo do indivíduo, fica em aberto o questionamento quanto à condição das pertencas sociais que compõem as novas redes de interação. Ou seja, trata-se de entender como os grupos sociais articulam suas representações sociais à intensidade de inclusão nesse contexto cibercultural.

Os indivíduos compõem representações mediante suas estruturas e clivagens sociais específicas. As representações, então, fornecem quadros de categorias que permitem aos sujeitos se auto posicionarem e desenvolver redes de relações, de onde partem, também, as produções e transformações das RS. Ou seja, por um lado, as RS suscitam sistemas de categorização como variável independente da estrutura social, à medida que, por outro lado, são constituídas no interior dessas categorias como variável dependente. Esses pressupostos, como apontou Vala (1997), mobilizam dois processos básicos: o de categorização social e o de comparação social.

O primeiro, de categorização social, fomenta uma abordagem sociocognitiva acerca da identidade social e dos conceitos de grupo. Este processo se refere à percepção e organização do contexto ambiental em classes de objetos, eventos, fenômenos e grupos de pessoas. É no processo de categorização que o indivíduo integra em sua auto definição a inclusão numa categoria de pessoas específicas. Esse movimento vai ao encontro ao conceito de identidade

¹⁰ Foucault (2013/1975) utiliza o termo “pan-óptico” para se referir a sociedade disciplinar, ordenada através de dispositivos de vigilância e monitoramento. Nesse início de século XXI, as novas TCI fomentam novas formas de vigilância, por vezes, dissimuladas e naturalizadas.

social, pois se refere a um reconhecimento de pertença a certo grupo ou categoria social, consequentemente, acompanhado de significações emocionais, valorativas e avaliativas (Vala, 1997). Esse entrecruzamento identitário entre muitos atores produz uma diversidade de formas de categorização social. Contudo, é uma diversidade que deve, antes, ser compreendida através da sua capacidade de organização dimensional.

Nenhum subgrupo é homogêneo. Na verdade, como ressalta Arruda (2011), é na heterogeneidade do grupo que se situa a não homogeneidade da representação, encontrando nas resoluções dialéticas um possível elemento dinamizador. A categorização social permite entender a constituição dos grupos sociais e a identificação com os mesmos. Mas é através do processo de comparação social que os sujeitos integram, apreendem e avaliam as RS que distinguem uma categoria da outra. É ela que permite compreender como as representações se estruturam no interior dos grupos sociais. Não é porque os sujeitos pertencem a um mesmo grupo que necessariamente respondem da mesma maneira. Por exemplo, quando os participantes responderam “*Se consideravam-se pessoas virtuais*” não só atribuíram pertença a uma categoria, como também, se atribuíram valores, normas, representações.

As respostas e discursos partem de um ponto de categorização e diferenciação comum, mas não são homogêneas para os membros de um dado grupo social. Os discursos formulados para responder a esta pergunta se dão de forma particular e são tratados de acordo com os quadros de referências de cada um. Ainda segundo a pergunta exposta anteriormente, partilhar a identidade de “ser virtual ou não” significa aderir a uma representação sobre o que é o virtual para aquele sujeito e a qual grupo ele pertence e atribui sua identidade. Desse modo, o discurso relativo ao questionamento proposto se dará num quadro de identificação particular sobre as representações envolvidas na partilha dessa identificação.

As justificativas para essa pergunta são muitas. Mas os posicionamentos possíveis de acordo com a identificação social não são. Deve-se elaborar e organizar elementos que representam o posicionamento em um bloco ou em outro. Por mais que algumas vezes compareça a dubiedade nas respostas, o quadro se limita de acordo com as respostas dominantes no âmago do grupo. Assim, a comparação social é complementada nos tipos de respostas reguladas pelos processos de influência e pela identificação social ao grupo que se crê pertencer.

Ainda sobre a questão de considerar-se “virtual ou não”, a Classe 7 do dendrograma dos adolescentes deixa evidente como estes se percebem sujeitos virtuais, mas não de forma isolada, pois “ser virtual” é compartilhar de um mundo em rede. Observamos também, nestes adolescentes, a noção de “obrigatoriedade” para evitar um isolamento e/ou exclusão do mundo e dos grupos virtuais. Já na Classe 3 do dendrograma dos adultos, encontramos a afirmação veemente de indivíduos “não virtuais”. Os dados da Classe 5, também dos adultos, ao dialogar

com os da Classe 3 permitem a interpretação da avaliação que os adultos fazem do modo como utilizam a internet. A justaposição das duas Classes aponta para uma auto avaliação de cunho lógico-racional (mais que os adolescentes), o que resulta num distanciamento da virtualidade, pois este é associado à irrealidade. Logo, num mecanismo onde também comparecem elementos de categorização e comparação, o uso que o grupo de adolescentes fazem da internet é compreendido como vias de um pensamento ingênuo (não lógico-racional). Portanto, para estes adultos, “ser virtual” é ser infantil e ingênuo, enquanto, não ser virtual remete a ser racional, prudente e maduro, logo adulto.

Os resultados, de forma geral, também permitem a interpretação de que as dimensões da vida real e virtual são compreendidas de forma emparelhada, apesar de seus conceitos seguirem dissociados. É possível observar a representação de que é virtual aquilo que existe em potência e não em ato. O real é representado através da compressão de materialidade, enquanto o virtual pela imprecisão, pelo abstrato. No geral, acredita-se, ainda que uma coisa deva pertencer ao real ou ao virtual, sendo, raramente, mencionadas ou compreendidas pertencendo a ambas, possuindo, portanto, as duas qualidades ao mesmo tempo. A rigor, como afirma Levy (2010), essa concepção do virtual não deveria se opor ao real, mas sim ao atual. Em termos filosóficos, o autor aponta que a virtualidade e a atualidade expressam dois modos diferentes de realidade.

O virtual (e, em consequência, a internet) é também representado como entidade desterritorializada. É algo que existe sem estar presente, sendo fonte indefinida de localização. Esse espaço virtual, que encontramos engendrado em outras dinâmicas de temporalidade e espacialidade, ganha corpo através da disposição das informações em rede. Como destaca Parente (2013), essa nova estrutura de informação em rede possibilita uma comunicação imediatista reunindo variadas formas de expressões linguísticas, de imagens e conceitos, rompendo, assim, a dinâmica linear de comunicação, onde todos podem contribuir com o exercício de produção de sentido para o conteúdo virtual. De acordo com os discursos de grande parte dos adolescentes – e de alguns adultos – podemos interpretar que o ato, em rede, é compreendido e considerado pela notoriedade e capacidade do compartilhamento.

É possível entender, também, que compartilhar é a palavra – e ato – de ordem no modelo cibercultural do período que vivemos. John (2013) argumenta que, atualmente, na era digital, a expressão “compartilhar” ganhou novas conotações e que deve ser compreendida sob três aspectos. O primeiro diz respeito à atividade constitutiva da chamada “Web 2.0”¹¹ pautada pelo

¹¹ Termo popularizado a partir de 2004 para designar uma segunda geração de comunidades e serviços, tendo como conceito a “Web enquanto plataforma”, envolvendo wikis, aplicativos baseados em redes sociais, blogs e TIC. Embora o termo tenha uma conotação de uma nova versão para a Web, ele não se refere à atualização nas suas

compartilhamento como elemento central da ação comunicacional em rede, como nas redes sociais. O segundo refere-se à dimensão das relações interpessoais, no qual o compartilhar das emoções, pensamentos e sentimentos tornou-se ato imperativo. Por fim, o terceiro aspecto é o compartilhamento como ação que alimenta um novo modelo de sistema socioeconômico de consumo e produção de novos bens com livre utilização de insumos, físicos ou imateriais.

Essa nova representação do termo compartilhar se distancia, como aponta John (2013), daquilo que outrora Marcel Mauss (1872-1950) associou a algo inerente a aspectos de solidariedade e reciprocidade. Ocultados estes aspectos na discussão atual, houve, de fato, um afastamento do que se entendia por compartilhamento. Atualmente, o imperativo da expressão encontra-se mais próximo ao individualismo, à eficiência e aos benefícios desse tipo de relação de consumo. Dimensão esta, por vezes, presente nos discursos dos entrevistados, enfatizada pelos mais jovens e criticada pelos mais velhos.

Juntamente às mudanças nas formas de comunicação, muda-se a noção de temporalidade. O ato de compartilhar não encontra barreiras temporal ou espacial. Ele opera segundo dinâmica a redefinir-se de modo simultâneo às atualizações contínuas dos fatos, notícias, informações, etc. Nesse ponto, também podemos dizer que a internet na atual sociedade da informação representa um protótipo dessas novas possibilidades e formas de comportamento comunicativo (Marcuschi, 2005). De fato, os resultados apontam que as mídias de comunicação configuram fundamentalmente setor responsável por estreitar as distâncias e favorecem o compartilhamento. Essas novas possibilidades comunicativas encontram terreno fértil nas mais amplas situações de relações sociais contemporâneas, pois, trata-se da constituição de ato e processo social de trocas simbólicas e relações de poder, muitas vezes incertos nesse cenário instável (Velloso, 2008). Na medida em que novas territorialidades e espacialidades se revelam sem necessariamente estarem vinculadas a uma materialidade, despontam novos contornos preponderantes de uma dimensão simbólica, como complementa Velloso (2008):

Nessas territorialidades em que se sobrepõem as dimensões simbólicas às materiais, situações antagônicas tendem a se definir em territorializações que se processam sob a égide do relativo anonimato, ou da deliberada identificação dos sujeitos sociais que vivenciam a coletivização de seu pensar (e fazer) em cenários de interação e ou cooperação, constituindo outras ecologias cognitivas. Trata-se de ambientes de relações que, para além

especificações técnicas, mas a uma mudança na forma como ela é encarada por usuários e desenvolvedores, ou seja, o ambiente de interação e participação que hoje engloba inúmeras linguagens e motivações.

da seara cognitiva, envolvem variáveis conceituais, axiológicas, estéticas e afetivas, dentre outras. (p. 107)

Desse modo, manifestam-se na gênese das possibilidades da cibercultura novas formas de interação que constituem os espaços virtuais dinâmicos e de amplas conexões em rede. Esses espaços virtuais se reconhecem, estruturam, alinham, fortalecem e se reinventam, dentre outros, através de representações sociais e valores culturais particulares compartilhados desse contexto.

Este regime do compartilhar o conhecimento social comum tende a fomentar formações identitárias coletivas. As grandes massas sociais nunca estiveram em tamanha coalizção, mas também nunca buscaram tanto novos canais sociais de enunciação, de práticas cotidianas que expressem as múltiplas formas de pertencimento, abertos à proliferação de formas de vida mais autônomas e emancipatórias, mas ao mesmo tempo, coletivas e solidárias. São novas linguagens com antigos anseios reivindicatórios: combate a opressão, homogeneização, exploração e sujeição. Como apontam os dados da presente pesquisa, podemos interpretar que estamos vivenciando um momento de compartilhamento sem “escuta”. Os adultos/pais acreditam que os adolescentes estão adentrando “entorpecidos” nessas novas formas de linguagem e, conseqüentemente, passando por cima de outras tradicionalmente consolidadas.

Dada a quantidade de possibilidades de identificação que os indivíduos podem partilhar, juntamente à multiplicidade dos quadros de interação social, é habitual que um indivíduo possa comungar de representações diversificadas sobre um mesmo objeto (Vala, 1997). Como ocorre com a internet, que é constituída em função de identificações contextuais e elementos situacionais, possibilitando ao sujeito elaborar, organizar e comunicar seu discurso de maneira criativa e adaptativa. Cabe referir que o nível dos grupos investigados (jovens e adultos) em relação à internet, corresponde a grupos pré-estruturados, pois, de acordo com Vala (1997), são decorrentes dos processos de categorização, onde não operam necessariamente objetivos comuns entre o indivíduos do grupo, nem interdependência e alguma forma de organização.

Todavia, o agrupamento de novas concepções de mundo exige novas formas de “escuta”, e é nesses espaços de escuta que podem florescer novas expressões de linguagem. Chegando próximo ao fim da segunda década do século XXI, mediante incontáveis e imensuráveis avanços tecnológicos, revelamos uma fixação ao novo, ao progresso desenfreado, ao desenvolvimento tecnocientífico desmedido. Mas, em meio às constantes inovações, onde o tradicional se localiza? Estamos, de fato, diante de uma contradição insuperável entre avanços almejados e tradições? E mais, de que modo nossa adesão à cultura digital implica a negligência de representações e identidades tradicionais?

Retomando os conteúdos encontrados entre os dois grupos investigados, podemos observar elementos que compõem dois eixos de representações que parecem se opor. Esta

oposição se dá pelo modo como cada eixo pensa e age diante do objeto da internet, sendo os jovens mais adaptativos e familiarizados e os adultos mais tradicionais e “reticentes”. Cabe dizer que esta oposição não impede a presença de ambos os grupos de elementos, constituindo uma forma de conhecimento mais ampla através da diversidade. Contudo, essa diversidade também promove características contraditórias sobre o mesmo objeto, sendo revelada muitas vezes em forma de discursos ambíguos, o que não deslegitima sua composição, pois como aponta Trindade (2002), a TRS permite “tanto a compreensão de significados hegemônicos, ainda que heteromórficos, como o desvendamento de suas degenerações e antíteses, considerando ainda suas articulações com as práticas sociais desenvolvidas para e pelos homens” (p. 1).

Nos dois grupos, também observamos elementos de representações que compreendemos como ligados às experiências sociais positivas e negativas a respeito da internet, sendo que aspectos positivos prevaleceram para a geração jovem e os aspectos negativos mais associados pelos adultos. Esses elementos encontrados tanto através da análise das classes do software quanto da AC se apoiam em sistemas de pensamento e julgamento do que cada grupo entende da internet, de quais características do objeto são priorizadas, da comparação do que se crê compartilhar e pertencer e do que se refuta. Os sistemas de pensamento que compõe aspectos positivos à internet remontam a seu caráter *informacional*, *comunicacional* e de *pesquisa*. Do outro lado, observamos elementos valorados mais negativamente através de aspectos de *dependência*, *vigilância* e *confiabilidade*. Estes elementos negativos estão mais presentes na composição representacional da internet pelos adultos. Eles também aparecem no conjunto social dos adolescentes, mas em escala bem inferior ao outro grupo.

Os conteúdos da RS de internet, tanto para os adolescentes quanto para os adultos, se apoiam em sistemas de entendimentos e valores encontrados na sociedade, ancorados em conhecimentos que sustentam o objeto e práticas do cotidiano, mas principalmente em seus contextos particulares (ex.: escola e trabalho). A comparação entre os dois grupos permite a constatação da manutenção e mudanças no modo como a internet é representada. Os conteúdos de RS expressados pelos participantes corroboram com o conhecimento difundido pelo senso comum, também veiculado pelas mídias sociais, referente ao contexto cibercultural no qual foram produzidas.

É preciso frisar que “a inovação não destrói a tradição, ela se nutre dela e se enriquece com ela” (Callon, 2013, p. 64). O novo não deslegitima o antigo; ele lhe confere interpretações sobre um mesmo elemento. Como aponta o autor, geralmente, aquilo expresso como inovação é acolhido sob dois grandes aspectos de modernização. O primeiro diz respeito a sua capacidade de penetração e adaptação no mercado, seja ele local ou mundial. Nesse aspecto, está em

questão sua capacidade de competição econômica. O segundo refere-se à adaptação dos recursos a uma ciência como fonte de progresso e eficácia. Ambos os aspectos soam como imposições inegociáveis a todos nós. Para participar do mundo, nessa composição tecnocientífica, é preciso aceitar que a inovação, como ferramenta econômica e de progresso, é figura emblemática do processo de modernização, queiramos ou não. Como apontou um participante adulto: *“Não é algo que possamos controlar nem contornar”* (Participante 05).

É natural do processo de inovação o deslocamento e a transformação. É assim que ela avança, se difunde e estabelece vínculos compatíveis aos processos representacionais por ela própria modificada. Assim como para os entrevistados, independente da geração, é difícil visualizarmos o que é a inovação, para onde ela nos levará, como cada um reage e se adapta, devido a esse caráter de transformação permanente. Circulando através de vínculos e relações, a inovação acaba consolidando uma rede sociotécnica muito incerta para a grande maioria. De todo modo, toda adoção que parte da dimensão sociotécnica demanda adaptação para o campo social comum. Como complementa o próprio Callon (2011):

Ao circular, através de vínculos e relações que ela suscita e consolida, a inovação acaba criando o que se chama de uma rede sociotécnica, ou seja, um conjunto de atores que, tendo participado de uma maneira ou de outra, no mais das vezes de uma maneira modesta, à concepção, à elaboração e à adaptação da inovação, se veem partilhar um mesmo destino, pertencer ao mesmo mundo: seus interesses, suas ações, seus projetos foram progressivamente ajustados, coordenados” (p. 72)

Porém, esse pertencimento ao novo não ocorre de maneira simples como aparenta. O processo de partilha, quando falamos do âmbito cibercultural, acaba por segmentar os indivíduos em grupos, pautados, sim, por interesses, ações e projetos em comum, o que não quer dizer que vigore um modelo universal e totalmente integrado que acolha aos mais variados sujeitos. Em nossa pesquisa, esse aspecto foi bem presente. Quando falaram sobre internet os sujeitos identificaram representações sociais que os aproximassem daquilo que seus pares (etários) pensam e/ou praticam. É uma maneira, mesmo que modesta, de concepção, elaboração e adaptação identitária à representação.

Em nosso estudo, entendemos que os processos de constituição da representação de internet se encontram totalmente entrelaçados à dimensão contextual e temporal. Seu fluxo de mobilidade reafirma o caráter dinâmico da RS do objeto investigado, coadunando com prismas e contextos que se modificam e se reacomodam constantemente. Ou seja, é uma evolução – da internet – que se expressa de forma estreita à organização da sociedade contemporânea. Queremos lembrar, como apontou Moscovici (2012/1961), que uma representação não retrata apenas a situação atual da sociedade, mas expressa como ela está se fazendo.

Compreender a RS da internet e sua rede de significados recai no entendimento de como funciona o pensamento social perante o objeto investigado. A elaboração acerca do representado se faz em ambiente social; na rede social. O papel da comunicação e da linguagem é fundamental, tanto para a TRS como para a internet, uma vez que a comunicação é suporte e meio que possibilita o desenvolvimento da representação. Não sabemos dizer onde começa e onde acaba a RS da internet, da tecnologia, da rede social, do virtual e etc. Nessa rede é quase impossível a separação de um fenômeno do outro, e de seus contextos particulares, sejam eles materiais, históricos, culturais ou políticos. A RS da internet pode ser entendida como um rizoma, que cresce na tessitura da sociedade atual. Uma rede sem fim, de ramificações múltiplas para todos os lados, sempre em produção, sempre aberta às novidades.

Mesmo não ocorrendo de maneira simples, esse processo de participação, apropriação e adaptação aos elementos sociotécnicos soa coerente às demandas representacionais de cada geração. Nele, cada um desenvolve a capacidade de contribuir para a concepção de tal objeto, pois seu sucesso depende da apropriação da inovação, de como cada indivíduo irá se apoderar. É uma dinâmica que permite uma relação mais ativa entre atores e objetos, pois envolve projetos e interesses pessoais. A inovação, nesse ponto, desponta como processo individual, mas também coletivo e social. O grande temor dos avanços tecnológicos é também a sua beleza: a imprevisibilidade. Rumo à imprevisibilidade, caminhamos todos juntos, travando forças constantes entre um empreendimento de interesses coletivos e desejos individuais. O caminho parece ser a negociação entre as forças, sempre de modo gradual.

Outro dado acerca das RS da internet identificadas neste estudo intergeracional é que dificilmente as representações manifestadas entre pais e filhos convergem a um mesmo entendimento. A compreensão e a percepção do objeto não transitaram harmonicamente entre as gerações distintas. Por exemplo, evidenciamos a naturalização das redes sociais por parte dos adolescentes, e por outro lado, sua descrença por parte dos adultos. Desse modo, muitas das representações acerca da internet, sobretudo, seus mitos e crenças, construídas entre as gerações distintas, passam por experiências e vivências perpetuadas pelas diferenças no cotidiano familiar. A apropriação do objeto carrega características pessoais compartilhadas na maior parte das vezes pela geração a qual se pertence. Desse modo, a relação com o objeto se faz de modo singular e pessoal, entretanto, baseia-se na representação correspondente a aspectos compartilhados principalmente por recortes geracionais.

Também cabe destacar que no caso da internet, o domínio da representação parece seguir o fluxo constitutivo dos mais jovens aos mais velhos. A naturalização do objeto por parte dos adolescentes esbarra na maior resistência à adesão pelos adultos. Assim, a internet acaba

por encontrar maior possibilidade de ter sua gama de representação ampliada quando passada dos filhos para os pais, e não o inverso.

A compreensão dos dados também permitiu observar uma tentativa de encurtar o suposto abismo sociocultural entre as gerações proporcionado pela internet. Nota-se um empenho, principalmente de gerações mais velhas, em apropriar-se de representações da internet – mas não só, pois também há um movimento em engendrar-se em todo o campo da cultura digital – numa tentativa de aproximação das gerações mais novas. Afinal, ninguém quer se sentir excluído daquilo que todos praticam. Esse movimento de aproximação é percebido com estranhamento por parte dos mais jovens, como se os adultos estivessem invadindo um espaço que não os pertencem. Falando sobre *inclusão* e *exclusão*, os participantes apontaram que o receio de se sentirem inapropriados ao padrão de vida virtual estabelecido os faz aderir à internet sem maiores questionamentos. Como afirma um participante adolescente: “*Se a gente não for virtual na minha idade acaba sendo excluído [...] mesmo que você não queira você tem que entrar nesse mundo*” (Participante 12).

Independente da geração, a sensação que temos é de que o avanço desmedido tem solapado algumas tradições. Se há algo que parece ter se perdido nesse breve início de século XXI, em que o avanço tecnológico comunicacional possibilitou que todos alcancem todos, independentemente do tempo e do espaço, é a noção de estabilidade. Podemos dizer que experimentamos transformações radicais que interferem no nosso modo de ser e estar no mundo, mas que de forma muito rápida podem vir a desaparecer. Como tudo que é novo, nos atrapalhamos em seu manejo; é previsível. Diante de novas possibilidades de configurações sociais (e digo possibilidades, pois a grande maioria nem chega a se concretizar, tendo sua dissipação precoce) parece necessário compreendermos para onde caminhamos a ponto de melhor nos localizarmos num tempo e espaço presente, mas ensaiando apontamentos futuros e prevenindo prejuízos futuros.

Como destacou Arruda (2011), “os processos de construção costumam ser identificados *a posteriori*, não em progresso” (p. 363). Adotar uma definição de RS da internet parece tão improvável e insuficiente quanto sua estabilidade. Por outro lado, isso não extingue as necessidades de acompanharmos o percurso do seu movimento. Mas como acompanhar algo que se constitui de maneira móvel? Caminhando, observando, apreendendo e interpretando os caminhos que a internet faz diante da historicidade, heterogeneidade e controvérsias que compõem sua rede de significante e significados.

Nesse caminho que se bifurca, supostamente nos perderemos em qualquer trajeto escolhido. Como sugerem alguns participantes, a solução não está nem em propor uma “cura”, nem em “naturalizar” aquilo que causa desordem. É preciso um terceiro caminho alternativo. E

essa é a grande dificuldade identificada pelos nossos participantes - fazer qualquer previsão plausível. Percebe-se que torna-se tarefa complicada imaginar qualquer cenário alternativo diante da onipresença virtual que vivemos. É inegável que a internet é um sistema que dá suporte à vida. Arrancá-la à força causaria sérios efeitos colaterais. A questão que se coloca é: *Será possível relacionar-se com as tecnologias de modo diferente da forma como se faz atualmente?*

Alguns participantes do grupo de adolescentes e de adultos apontam que nossa relação com a tecnologia tem se dado de maneira “problemática”. Além disso, acreditam que não sabemos quais os nossos limites e que não estamos chegando a um ponto de virada, que nos leve a reordenar o modo como interagimos com as tecnologias. Rapidamente o cenário tem se tornado mais complexo e confuso. Parte dos entrevistados mencionou também não acreditar que a abstinência seja o caminho a seguir, mas que cabe – principalmente – às gerações atuais pensarem seriamente sobre o futuro da relação do homem com tecnologia. O foco, de acordo com os adultos, está em potencializar futuras gerações capazes de pensar esta relação, principalmente, de maneira ética e responsável. Assim, talvez, uma mudança (ciber)cultural possa ser, mesmo que improvável, possível.

Dizer às pessoas que o uso de tecnologias em excesso não faz bem, provavelmente não surtirá reação substancial. Nossa relação obsessiva com as tecnologias tomou proporções sociopolíticas. Não há mais espaço para compreensão apenas de malefícios no âmbito pessoal. Certamente não estamos desconsiderando este ponto, mas sim o ampliando para melhor entendimento de sua dimensão sociocultural. Não se trata de dizer que a tecnologia é ruim. Nem mesmo de imaginar que esta afirmação fará as pessoas acordarem um dia e jogarem seus *smartphones* fora. Antes, trata-se de apreender que estamos diante de um processo tecnológico sociocultural. Algumas ideias e representações podem se desenvolver no imaginário coletivo (ou não) e desvelar o quanto sacrificamos em troca de determinadas conveniências tecnológicas.

De forma geral, há um dado que nos convida a ficar alerta: para além de todos os benefícios elencados à internet, de acordo com nossos resultados, parte dos participantes entrevistados aponta que estamos submergindo num abismo solitário, em direção a uma decadência das relações inevitável, auxiliada pela internet, pela rede e pelas tecnologias. Entretanto, tudo ainda é muito recente, mesmo nas proporções atuais. O que muitos percebem como um declínio, como fracasso, no futuro pode ser visto como um período de ingenuidade e euforia. Parece ser fundamental amadurecer esta relação e questionar o que estamos preparados a sacrificar em troca de que. Nosso futuro passa invariavelmente pelo caminho da tecnologia. Não necessariamente esse caminho está pronto. Muito pelo contrário, sua imprevisibilidade e

mutabilidade é o que nos permite redefinir o papel que ela desempenha em nossa vida. Podem ser mudanças pequenas, porém significativas. Começar repensando a onipresença das tecnologias – e da internet – em todos os aspectos representacionais da vida pública e privada tem sido um passo inicial.

Por exemplo, algo interessante que surgiu no discurso de alguns jovens é a consciência de que precisam diminuir o uso da internet e tecnologias, pois o uso em excesso torna-se prejudicial, como podemos observar na Classe 5. Por mais que sejam reflexões individuais, não compactuadas por todos, parece que repensar o uso desmedido da internet tem sido uma decisão menos estranha a alguns jovens. Refletir à respeito da participação na internet pode se tornar algo cada vez mais de interesse geral. Tanto que alguns jovens mencionaram que pensam na possibilidade de “não fazer parte do Facebook”, mesmo que temporariamente. Por parte dos adultos, muitos deles aderiram às redes sociais, mas disseram ter se afastado rapidamente. Não é uma escolha simples. Como diz John (2013), para virar às costas a cultura digital, em nossa época, é preciso sentir-se confortável com certo grau de aspereza. Envolve pequenas mudanças de hábitos para recobrar o senso de identidade desvinculado das tecnologias. Muito desse movimento também reflete o grau de desconfiança nas políticas de privacidade da rede. Esse afastamento, mesmo que improvável em dimensões macro, poderia transformar-se numa contracultura.

De todo modo, o cenário atual nos remete a um debate longo e necessário que ainda ocorre de modo incipiente. Mas o debate se faz necessário, tal como entender a importância de como se relacionar de modo saudável com os *smartphones*. Neste momento, soa tão importante como compreender a importância de se alimentar adequadamente com produtos naturais. Há pouco tempo atrás não se falava sobre isso. Hoje, após uma massiva cultura do *fastfood*, o debate tornou-se urgente. Temos repensado nossa relação com a alimentação e com os alimentos. A reflexão a respeito da internet e tecnologias aponta para uma direção semelhante: algo com o que convivemos diariamente e que talvez não estamos dando a devida atenção ao que realmente importa. É preciso compreender algumas questões do uso da tecnologia como fatores de saúde pública, algo não muito difícil de imaginar.

Os estudos endereçados à compreensão da sociedade em rede, embora partindo das mais diversas áreas, como as exatas, as ciências humanas, a filosofia, as artes e as tecnociências, convergem suas abordagens num interesse comum sobre as questões ciberculturais: são fenômenos que compõem e estruturam uma dimensão da vida moderna, intrinsecamente ontológica e prática, de organização do mundo e produção de representação e subjetividade. Se buscamos entender esse mundo e essa sociedade em que estamos inseridos, seja qual for seu domínio, precisamos nos debruçar nos fenômenos desse tempo cibercultural. A internet, aqui,

é só uma ramificação desse rizoma interconectado. Mas ela nos serve como objeto representacional que, quase de modo metafórico, nos conecta às mudanças e possibilidades porvir de um caminho sem retorno.

O mundo muda a tal velocidade que se torna tarefa cada vez mais difícil processá-lo e interpretá-lo, além de antecipar as consequências dessas transformações. O segundo dilúvio¹² (aquele que faz alusão à tempestade e inundação das informações) não terá fim. A inundação de informações, o entrelaçamento caótico de dados, o turbilhão de informações, as águas agitadas formadas por imagens, propagandas e mídias transbordam em forma de cacofonia e psitacismo¹³ estonteantes. Nesse mar de águas agitadas, não encontramos qualquer fundo sólido. Se esse oceano de informações é nossa nova condição intransponível, devemos estar atentos ao navegar. Devemos ao menos, como apontam alguns participantes, estar atentos para auxiliar as gerações mais novas na navegação.

Analisar concretamente as implicações socioculturais relacionadas à internet, às redes virtuais e ao desenvolvimento das tecnologias revela-se tarefa complicada pela ausência de estabilidade de que tanto sentimos falta nesse domínio. Como já previa Levy (2010), “enquanto ainda questionamos, outras tecnologias emergem na fronteira nebulosa onde são inventadas as ideias, as coisas e as práticas” (p. 27). São significações de fenômenos incertos, invisíveis, talvez destinados ao sucesso, talvez fadados a desaparecer antes mesmo de tomar forma.

O que parece certo, nesse caminho de incertezas, é que a salvação (para não afundarmos nesse oceano) não reside na técnica puramente. As técnicas, de caráter ambivalente, carregam e transportam ao mundo material nossas intenções, desejos, emoções, representações e projetos. Se o significado da internet (da cibercultura) torna-se algo assumidamente de interesse do homem, logo, devemos encarar seus elementos representacionais – como o digital, o fluido, o mutável – como essência desprovida de estabilidade. O que nos leva a vivenciar um complexo paradoxo, pois é, justamente, a velocidade de transformação em si mesmo uma constante de nosso tempo cibercultural.

7. Considerações finais

Este estudo possibilitou uma breve aproximação ao objeto investigado – a internet. Em linhas gerais buscamos, através da TRS, estudar e identificar as RS de internet, seu conteúdo, através do discurso de duas gerações distintas, porém, interligadas por um contexto cibercultural. Transitamos por um dos vários caminhos teórico-metodológicos possíveis,

¹² Expressão cunhada por Roy Ascott (1967), um dos pioneiros nos estudos das “teorias em rede”, para fazer menção à enxurrada das informações.

¹³ Perturbação psíquica que consiste em repetir palavras sem ter ideia do seu significado.

através de recortes específicos. Dada à complexidade multifacetada do objeto, as vertentes de análises possíveis e a heterogeneidade reflexiva que o tema permite, não chegamos nem próximo de esgotar as investigações plausíveis.

Considerando estes e outros aspectos que fogem a nossa alçada científica, encontramos resultados que acreditamos que, além de serem positivos, relevam elementos complementares às perguntas e hipóteses que deram princípio a esta investigação. Ao buscarmos compreender como adultos e jovens de gerações distintas representam a internet podemos observar os processos psicossociais envolvidos na sua constituição e a amplitude da rede de significados a ela associados. Também fica explícito a relevância do contexto material, histórico e social na produção, manutenção e transformação das RS de internet. Isto é, os discursos evidenciados, de ambas as gerações, são pertinentes ao momento sócio histórico em que vivem.

Os resultados permitiram observar que, de modo geral, embora exista um núcleo consensual de significações na estruturação da RS da internet, sustentado pela *comunicação*, *informação* e *exploração*, são os elementos menos pregnantes, mais circunstanciais que se manifestam em constante transmutação, como *digital*, *virtual*, *fluido*, *mutável*, *instável*, *metafórico*, *imaterial*, dentre outros. O manejo entre estas duas esferas se dará através da dinâmica entre as RS sustentadas por cada indivíduo e/ou grupo de acordo com a realidade social vivenciada. Por exemplo, entre os adultos prevalece a composição da RS associada ao *trabalho*, enquanto entre os adolescentes seria a *escola*. São fatores contextuais que influenciam diretamente na constituição da RS. O referencial teórico da TRS possibilitou nos orientar para elementos além dos aparentes, acessando contradições, ambivalências, mitos, crenças e simbolismos. Por exemplo, aspectos da internet associados negativamente à *onipresença*, *vigilância* e *monitoramento*, elementos afetivos na avaliação de juízo e valor do objeto, onde preexiste o “bem” e o “mal” e sua capacidade de proporcionar tanto a *inclusão* quanto a *exclusão*.

Em termos específicos de cada grupo geracional, alguns pontos sobre as RS da internet convergiram enquanto outros se afastaram. Como dito, os elementos de *comunicação*, *informação* e *exploração* são os conteúdos de convergência entre as gerações. Para os adultos, falar sobre internet é reportar-se a uma concepção vinculada à prática do trabalho. É também desta dimensão do trabalho que emergem os receios quanto à interferência das tecnologias, bem como o reconhecimento dos avanços quanto à pesquisa e informação. O conteúdo de RS expresso por estes adultos parece partir de um pensamento mais lógico, um pouco mais rígido que o dos adolescentes. Percebemos uma compreensão da internet por parte deste grupo como um objeto ambivalente, que pode ser utilizado para o “bem” ou para o “mal”. Estes adultos consideram-se sujeitos “não virtuais”, pois, podemos inferir que ser virtual aparece como “coisa

de adolescente”, algo associado a um modelo de interação dos jovens. Ademais, o conteúdo encontrado permite apontar para o reconhecimento de uma dependência cada vez maior da internet e para o afastamento em termos de contatos sociais reais devido aos avanços tecnológicos.

Já para os adolescentes, falar sobre internet é transparecer a naturalidade e familiaridade com o objeto. É demonstrar como o conteúdo de sua RS se constitui de um saber e prática relacionados ao estudo, entretenimento e pesquisa. É deixar evidente o quão fundamental é o *smartphone* em suas vidas. Elemento este que auxilia nas formas modernas de se relacionar com o outro e com o mundo. As redes sociais virtuais também despontam como elemento fundante da identidade e inserção social. Considerar-se sujeitos “virtuais” significa afirmar estar de acordo e em sincronia com o contexto contemporâneo; é pertencimento. É também, como princípio desta era, estar aberto ao imprevisível, através de uma forma de saber dinâmica e mutável. Em suma, percebemos que para ambos os grupos a avaliação que se faz de si e do grupo, promove julgamentos e valorações de como cada grupo se relaciona com o objeto da internet.

Em síntese, os conteúdos da RS encontrados ao estudarmos a internet compõe seu caráter versátil, multifacetado e polivalente. Sua representação revela o sentido exposto em características intermediárias, isto é, a internet como instrumento meio para alcançar algum fim. É um objeto representacional carregado de contradições, que transita na reivindicação constantes entre elementos sólidos e fluidos. Percebemos a novidade e o inusitado predominar sobre o tradicional, pois é condizente aos aspectos contextuais desta sociedade cibercultural. Ela é elemento que interliga lugares e vínculos invisíveis, reestruturando concepções de tempo e espaço, deixando dúvidas sobre o que seriam as transições do nosso tempo.

Nosso estudo também permitiu observar que sempre há uma tensão entre paradigmas estabelecidos e os que emergem como ameaça a sua estabilidade. Quando se trata do contexto cibercultural, estamos diante de um cenário propenso ao inusitado. A necessidade do ineditismo põe em dúvida constante paradigmas entendidos até então como hegemônicos. O que, consequentemente, acaba por gerar controvérsias, apreensões e angústias. Diante desse fenômeno social fluido do tempo presente, como a internet, entender o que se passa parece um imperativo ético. Ético, pois cabe a investigação dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam a vida humana moderna.

Os caminhos que a internet pode tomar são muitos, mas seu desenvolvimento deveria ser pensado coletivamente, para não sermos meros usuários de um alicerce plano, monopolizado e opaco. Por isso, é preciso ter calma antes de dizer que o mundo *online* já “democratizou tudo” ou mesmo que “democratizou alguma coisa”. A tecnologia é um

patrimônio da humanidade, não de um sistema econômico. Sua função primordial é emancipar o homem através da realização das ações construtivas comuns. Ou seja, a ela – à rede e/ou internet – não se aplicam direitos de propriedade ou barreiras institucionais, ou pelo menos não deveriam. A cibercultura e as expressões diversificadas de subjetividades criam um ecossistema factível para o desenvolvimento da inovação em todos os aspectos da vida socialmente representada.

Na sequência desse breve estudo, é importante que se continue a investigar as distinções nos aspectos afetivos, ecológicos e estéticos dos discursos e representações sociais acerca da internet. Assim como explorar mais os aspectos sociopolíticos em jogo. Acreditamos ser importante também, a investigação de como a internet está afetando a constituição do pensamento humano. Em síntese, o extraordinário avanço tecnológico – da internet e dos meios de comunicação – vem suscitando diversos esforços de interpretação. Os signos das polêmicas, divergências e antagonismos envolvendo esse objeto de estudo são bem-vindos, pois permitem que diferentes interpretações desenvolvam em maior escala conhecimentos sobre o assunto.

Como já frisado, os conteúdos evidenciados através desse estudo não esgotam todos os significados e sentidos que circulam no pensamento social acerca da internet. Seriam pertinentes estudos em RS capazes de apreender e articular os elementos mentais, afetivos, sociais, juntamente com os aspectos cognitivos, linguísticos, hermenêuticos e de comunicação. Aqui, examinamos apenas um recorte geracional, de uma classe social específica, em um contexto particular. Reconhecidamente, o conhecimento que se objetivou produzir através da aproximação da RS do objeto investigado torna-se limitado devido a estes recortes. Nossa abordagem priorizou temas e enfoques específicos, não abarcando muitas outras possíveis. Podemos afirmar que os critérios adotados principalmente por características etárias e de classe de um público determinado limita o alcance do objeto que nos propomos a investigar. Pesquisas futuras podem (e devem) ser desenvolvidas com sujeitos de recortes etários e classes sociais mais amplas e variadas.

Dito isto, a par do desenvolvimento das investigações científicas que se utilizam da TRS, podemos propor alguns aprofundamentos sobre o objeto estudado. Notamos a possibilidade de pesquisas que possam identificar e detalhar elementos de base comum sobre a internet, para diferentes sujeitos, instituições e veículos midiáticos. Também se faz plausível investigações minuciosas acerca de causas e formas de diferenciação entre indivíduos e grupos específicos, identificando os princípios organizadores de variações contextuais. Como última sugestão, é cabível debruçar-se sobre as nuances e inflexões particulares como resultados de ancoragens em realidades simbólicas. É plausível argumentar que, com estas contribuições, o

debate e o dissenso apontam para passagens dinâmicas da RS, dinâmicas estas pertinentes à constituição da internet, que se apoia num território comum cibercultural diversificado.

De certo, a forma pela qual os conteúdos das RS de internet são apropriados e organizados tem completa ligação com contexto social baseado numa cibercultura específica. Por isso o pensamento social faz uma apropriação seletiva, privilegiando alguns aspectos em detrimento de outros. Além disso, cabe destacar que a produção científica atual sobre RS de internet e tecnologias se caracteriza pela diversidade e variabilidade do objeto/fenômeno. São investigações que buscam compreender os fenômenos e elementos que compõe nosso contexto contemporâneo para além de uma visão tradicional. Isto revela algumas dificuldades de apreensão nos estudos atuais, pois trata-se de um período fugidio, constantemente mutável. Mas também indica a potência de possibilidades de olhares e produções acadêmicas acerca de um objeto rico, que circula livremente em nossa sociedade, compondo formas de pensar e agir em nosso contexto cibercultural.

8. Referências

- Abramo, H. W. (1997). Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, 5, pp. 25-36.
- Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal (2014). *PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS* (PNAD-IBGE). Brasil. Rio de Janeiro. Recuperado em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95753.pdf>
- Albuquerque, E. M. de. (2009). *Avaliação da técnica de amostragem “Respondent-driven Sampling” na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas*. Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz. Dissertação de Mestrado.
- Almeida, A. M. de (2005). Pesquisa em representações sociais: proposições teórico-metodológicas. In M. F. S. Santos & L. M. Almeida (Orgs.). *Diálogos com a teoria das representações sociais*. Alagoas: UFAL/UFPE.
- Arruda, A. (2011). Representações sociais: dinâmicas e redes. In A. M. de O. Almeida, M. de F. de S. Santos & Z. A. Trindade (Orgs.). *Teoria das representações sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik.
- Ascott, R. (1967). Behaviourist Art and the Cybernetic Vision. *Cybernetica, Journal of the International Association for Cybernetics* (Namur), vol. 10, pp.25-56.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA.
- Bourdieu, P. (2013). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva
- Brito, D. C. de & Barp, W. J. (2008). *Ambivalência e Medo: faces dos riscos na Modernidade*. Sociologias, Porto Alegre, ano 10, nº 20, jul./dez., pp. 20-47.
- Bauman, Z. & Donskis, L. (2014). *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Brasil. (2010a). *Caderneta de saúde da adolescente*. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de <http://www.adolec.br/php/level.php?lang=pt&component=39&item=16>
- Brasil. (2010b). *Caderneta de saúde do adolescente*. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de <http://www.adolec.br/php/level.php?lang=pt&component=39&item=16>
- Callon, M. (2013). Por uma nova abordagem da ciência, da inovação e do mercado: o papel das redes sociotécnicas In A. Parente (org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina. pp.64-79
- Camargo, B. V. (2005). ALCESTE: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuíno, & S. M. Nóbrega (Eds.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais*. João Pessoa, PB: Editora da Universidade Federal da Paraíba. pp. 511-539.

- Camargo, B. V. & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: Um Software Gratuito para Análise de Dados Textuais. *Temas em Psicologia* – Vol. 21, nº 2, pp. 513-518.
- Castells, M. (2000). *A sociedade em rede*. Tradução: Roneide Venancio Majer, 8ª ed. V.1. São Paulo: Paz e Terra.
- Castells, M. (2003). *A galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.
- Castells (2005). A Sociedade em rede: do conhecimento à política. In M. Castells & G. Cardoso (Orgs.). *A Sociedade em rede: do conhecimento à política*. Conferência promovida pelo presidente da República, 4 e 5 de Março. Centro Cultural de Belém. Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Castells, M. (2011). *Castells, sobre internet e rebelião: “É só o começo”*. Recuperado de www.outraspalavras.net/2011/03/01/castells-sobre-internet-e-insurreicao-e-so-o-comeco
- Castells, M. (2013). *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar.
- Costa, R. (2005). Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. Botucatu: Interface – *Comun., Saúde, Educ.* 9 (17), pp. 235-248.
- Cruz, G., Jr. & Silva, E. M. da (2010). A (ciber)cultura corporal no contexto da rede: uma leitura sobre os jogos eletrônicos do século XXI. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis*, v. 32, n. 2-4, pp. 89-104.
- Dewes, J. O. (2013). *Amostragem em Bola de Neve e Respondent-Driven Sampling: uma descrição dos métodos*. Dissertação de monografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Matemática, Departamento de Estatística. Porto Alegre-RS.
- Diniz, L. A. G. (2005). *Cibercultura e literatura: hipertexto e as novas arquiteturas textuais*. Alea vol. 7, número 2, julho – pp. 209-222.
- Echegaray, F. (2003). Dimensões da cibercultura no Brasil. *Opinião Pública*, Campinas, Vol. IX, nº 2, Outubro, pp. 20-45.
- Ellul, J. (1968). *A Técnica e o Desafio do Século*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra.
- Evangelista, R. (2014). *O movimento software livre do Brasil: política, trabalho e hacking*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 41, pp. 173-200, jan./jun.
- Felinto, E. (2008). Think diferente: estilos de vida digitais e a cibercultura como expressão cultural. *Revista FAMECOS* – Porto Alegre, v. 37, dez., pp. 13-19.
- Felinto, E. (2011). Cibercultura: ascensão e declínio de uma palavra quase mágica. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*; E-compós, Brasília, v.14, n.1, jan./abr.

- Foucault, M. (2013). *Vigiar e punir: histórias da violência nas prisões*. Petrópolis-RJ; Ed. Vozes.
- Gondim, S. M. G & Bendassolli, P. F. (2014). Uma crítica da utilização da análise de conteúdo qualitativa em psicologia. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 19, abr./jun., n. 2, pp. 191-199,
- Guattari, F. (1992). *Caosmose*. Rio de Janeiro. Ed. 34.
- Harvey, D., Teles, E., Sader, E., Alves, G., Carneiro, H. S., Wallerstein, I., Peschanski, J. A., Davis, M., Zizek, S., Ali, T. & Safatle, V. (2012). *Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas*. São Paulo; Ed. Boitempo: Carta Maior.
- Hobsbawm, E. J. (2006). *Era dos extremos: o breve século XX: 1914 -1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Ed. Companhia das Letras.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE] (2013). Brasil núm., Rio de Janeiro, v. 21. Recuperado em: http://www.ibge.gov.br/biblioteca/visualizacao/periodicos/2/bn_2013_v21.pdf.
- Jesuino, J. C. (2011). Um conceito reencontrado. In A. M. de O. Almeida, M. de F. de S. Santos & Z. A. Trindade (Orgs.). *Teoria das representações sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik.
- Jodelet, D. (1986) La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In S. Moscovici (Org.). *Psicologia Social II*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica S.A.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Org.). *As representações sociais*. pp. 17-44. Rio de Janeiro, EdUERJ.
- Jodelet, D. (2005). *Loucuras e representações sociais*. Tradução: Lucy Magalhães. Petrópolis-RJ, Ed. Vozes.
- John, N. A. (2013). *The Social Logics of Sharing*. The communication review; vol. 16, pp. 113 - 131.
- Kastrup, V.(2003) A rede como figura empírica da ontologia do presente. In T. G. Fonseca & P. Kirst (Orgs.). *Cartografias e devires*, Porto Alegre: Ed. UFRGS, pp. 53-61
- Kemp, S. (2015) *Digital, Social & Mobile*. Recuperado em: <http://wearesocial.net/blog/2015/01/digital-social-mobile-worldwide-2015/>.
- Kim, J. H. (2004). Cibernética, ciborgues e ciberespaço: notas sobre as origens da cibernética e sua reinvenção cultural. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, n. 21, jan./jun, pp. 199-219.
- Latour, B. (2013). *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica*. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34.
- Lemos, A. (2003). Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In A. Lemos & P. Cunha (Orgs.). *Olhares sobre a Cibercultura*. Sulina, Porto Alegre, pp. 11-23.

- Lemos, A. (2004). Cibercultura, cultura e identidade: em direção a uma cultura *copyleft*? *Contemporânea*, 2 (2), pp. 9-22.
- Lemos, A., Pastor, L. & Oliveira, N. (2012). Wi-Fi Salvador: mapeamento colaborativo e redes sem fio no Brasil. *Intercom – RBCC*, São Paulo, v.35, n.1, jan./jun, pp. 183-204.
- Lemos, A. & Levy, P. (2014). *O futuro da internet*: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo. Ed. Paulus.
- Levy, P. (2010). *Cibercultura*. Tradução: Carlos Irinei da Costa. São Paulo, SP: Ed. 34.
- Levy, P. (2011) *O que é o virtual?* Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34
- Levy, P. (2015) [Entrevista com Pierre Levy: *a revolução digital só está no começo*] por Caderno de Sábado/Correio do Povo (04/2015) Recuperado em: <http://www.fronteiras.com/entrevistas/pierre-levy-a-revolucao-digital-so-esta-no-comeco>
- Lima, L. C. (2008). Programa Alceste, primeira lição: a perspectiva pragmatista e o método estatístico. *Revista de educação pública*. 17(33), 83-97.
- Macek, J. (2005). *Defining cyberculture*. Recuperado em: http://macek.czechian.net/defining_cyberculture.htm.
- Maffesoli, M. (2011). *Pós-modernidade*. Tradução de Jean-Martin Rabot. Comunicação e Sociedade, vol. 18, pp. 21-25.
- Marcuschi, L. A. (2005). Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In A. C. Xavier (Org.). *Hipertextos e gêneros digitais*: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Ed. Lucerna.
- Mazzotti, A. J. A. & Campos, P. H. F. (2011). Cibercultura: uma nova “era das representações sociais”? In A. M. de O. Almeida, M. de F. de S. Santos & Z. A. Trindade (Orgs.). *Teoria das representações sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik.
- Menandro, M. C. S. (2004). *Gente jovem reunida: um estudo de representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos (1968/1974 - 1996/2002)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia-UFES, Vitória-ES.
- Miorandi, D., Sicari, S., De Pellegrini, F., Chlamtac, I. (2012). Internet of things: vision, applications and research challenges. *Ad Hoc Networks 10*, Elsevier, Italy; p. 1497-1516.
- Moscovici, S. (1998). The history and actuality of social representations. In U. Flick (org.). *The psychology of the social*. Cambridge. Cambridge University Press, pp. 209-247.
- Moscovici, S. (2001). Das representações coletivas às representações sociais. In D. Jodelet (Org.). *Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Eduerj, pp. 45-66.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes.

- Moscovici, S. (2012/1961). *A psicanálise sua imagem e seu público*. Tradução: Sonia Fuhrmann – Petrópolis: Vozes.
- Musso, P. (2013). A filosofia da rede. In A. Parente (org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*, Porto Alegre: Sulina. pp. 17-38
- Nascimento, A. R. A., & Menandro, P. R. M. (2006). Análise lexical e análise de conteúdo: Uma proposta de utilização conjugada. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 6(2), pp. 72-88.
- Neves, B. C. & Couto, E. S. (2012). Convergência de recursos e mediação para inclusão digital: casos baianos. *Educar em Revista*, Curitiba: Editora UFPR, n. 46, pp. 245-257.
- Pais, J. M. (2009). A juventude como fase da vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. *Saúde e Sociedade*. São Paulo, 18 (3), pp. 371-381.
- Parente, A. (2013). Enredando o pensamento: redes de transformação e subjetividade In A. Parente (org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*, Porto Alegre: Sulina. pp. 91-110.
- Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil [livro eletrônico] : *TIC Kids Online Brasil* (2016). Survey on internet use by children in Brazil : ICT Kids online Brazil. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, [editor] - São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil. Recuperado em: <http://cetic.br/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2015/>
- Pretto, N. de L. & Riccio, N. C. R. (2010). *A formação continuada de professores universitários e as tecnologias digitais*. Educar, Curitiba, n. 37, pp. 153-169, maio/ago. Ed. UFPR.
- Recuero, R. (2012). *A conversação em rede*. Porto Alegre, Sulina.
- Ruiz Correa, O. B. (2000). *O Legado Familiar: a tecelagem grupal da transmissão psíquica*. Rio de Janeiro: Contra Capa
- Sá, C. P. de. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Salganik, M. J. & Heckathorn, D. D. (2004). Sampling and estimation in hidden populations using respondent-driven sampling. *Sociological Methodology*. vol. 34, pp. 193-240.
- Serres, M. (2007). *Atlas*. Instituto Piaget.
- Sposito, M. P., & Carrano, P. C. (2003). Juventude e políticas públicas no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, 24, pp. 16-39.
- Toret, J. (Org.) (2013). *Tecnopolítica: la potencia de las multitudes conectadas: el sistema red 15M, un nuevo paradigma de la política distribuida*. IN3 Working Paper Series. Recuperado em: <http://tecnopolitica.net/sites/default/files/1878-5799-3-PB%20%282%29.pdf>

- Trindade, Z. A. (1996). Representação social: "modo de conhecer" no cenário da saúde. In Z. Trindade & C. Camino (Orgs.). *Cognição Social e Juízo Moral*. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia – ANPEPP.
- Trindade, Z. A. (2002) *Representações e práticas sociais: uma perspectiva sócio-histórica da masculinidade*. Trabalho apresentado no IX Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico da ANPEPP, Águas de Lindóia, SP.
- Trindade, Z. A., Santos, M. de F. de S. & Almeida, A. M. de O. (2011). Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In A. M. de O. Almeida, M. de F. de S. Santos & Z. A. Trindade (Orgs.). *Teoria das representações sociais: 50 anos*. Brasília: Technopolitik.
- Vala, J. (1997). Representações sociais – para uma psicologia social do pensamento social. In J. Vala & M. B. Monteiro (Orgs.). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulberakian, pp. 353-384.
- Velloso, R. V. (2008). O ciberespaço como agora eletrônica na sociedade contemporânea. *Ci. Inf., Brasília*, v. 37, n. 2, maio/ago., pp. 103-109.
- Vieira, E. F. (2006). A sociedade cibernética. *Cadernos EBAPE.BR*, v. 4, n 2, jun.
- WHO Handbook for guideline development (2012). Guidelines Review Committee. Geneva, *World Health Organization*. Recuperado em: http://www.who.int/iris/bitstream/10665/75146/1/9789241548441_eng.pdf.
- Wulfhorst, C. (2004). Transitando entre Folhas e Bytes a Expressão da Mídia Impressa e da Mídia Digital na Cultura e na Produção de Subjetividades. *Psicologia Ciência e Profissão*, 24 (4), pp. 78-87.

9. APÊNDICES

9.1 APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:

Idade:

Sexo:

Escolaridade:

- 1) Se você tivesse que explicar, para alguém que nunca teve contato com tecnologias digitais, sobre o que é internet, o quealaria?
- 2) Em sua opinião, para que serve a internet?
- 3) Com que frequência você usa internet?
 - 3.1) Aonde costuma usar?
- 4) Quais tipos de tecnologias digitais você costuma usar?
 - 4.1) Para que?
- 5) Você se considera uma pessoa "virtual"?
 - 5.1) Por que?
- 6) Considera que faz bom uso da internet?
 - 6.1) Por que?
- 7) Em sua opinião, qual o aspecto mais importante da internet?
- 8) Você acha que a internet interfere no convívio social?
 - 8.1) De que forma?
- 9) Vamos supor que não existisse mais internet nem tecnologias digitais, o que você acredita que perderia sem eles?
- 10) Quais mudanças você considera que a internet proporcionou para a vida social?
- 11) Como você vê/imagina a internet e essas tecnologias digitais num futuro não muito distante (daqui a duas décadas, por exemplo)?
- 12) Em sua opinião, para que os adultos usam a internet?
- 13) Em sua opinião, para que os adolescentes usam a internet?

9.2 - APÊNDICE B

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, de um trabalho de pesquisa. Seus pais ou responsáveis autorizaram sua participação, e poderão retirar a autorização ou interromper a sua participação a qualquer momento. A seguir serão apresentadas informações e esclarecimentos a respeito da proposta do trabalho. Caso aceite fazer parte do estudo assine ao final deste documento, nas duas vias. Uma delas é sua e a outra é do responsável pelo trabalho. Se não desejar participar, você não será penalizado(a) de maneira alguma. Qualquer dúvida você pode esclarecer procurando o pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: A internet na compreensão de sujeitos de duas gerações: um estudo sobre representações sociais

Pesquisador: Marcelo de Souza Gorza

Orientador: Profa. Dra. Sabrine Mantuan dos S. Coutinho

Telefones para contato: (27) 99949-1437

A presente pesquisa tem como objetivo geral identificar e explorar as representações sociais da *internet*, assim como seu conteúdo, por meio do discurso de participantes de duas gerações.

Serão realizadas, individualmente, entrevistas semiestruturadas, cujos pontos principais foram previamente definidos em um Roteiro de Entrevista. As entrevistas serão gravadas em áudio, conforme autorização. As questões objetivam, exclusivamente, responder o problema anteriormente colocado. Os dados coletados deverão ser utilizados somente para fins acadêmicos, ficando arquivados e disponíveis ao pesquisador responsável por um período de 10 anos. Fica assegurado ao participante o anonimato, o acesso à entrevista transcrita e ao relatório final da pesquisa. Fica garantido também o direito a quaisquer esclarecimentos em relação ao projeto e a possibilidade de desistência a qualquer momento.

O estudo não apresentará riscos físicos, psíquicos e/ou morais aos participantes, e não haverá nenhum gasto com sua participação. Você não receberá nenhum pagamento com a sua participação. Quaisquer dúvidas a respeito da entrevista, que possam vir a trazer constrangimento ao entrevistado, serão sanadas. Pretende-se divulgar e publicar os resultados da pesquisa em periódicos e outros meios de divulgação científica, apresentá-los em eventos científicos, visando contribuir com novas análises sobre o tema.

Assinatura do Pesquisador: _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE

Eu, abaixo assinado, concordo em participar do estudo “A internet na compreensão de sujeitos de duas gerações: um estudo sobre representações sociais”, como participante. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Assinatura do participante: _____

Dúvidas e solicitação de esclarecimento: Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória-ES, CEP 29.090-075, Campus Goiabeiras, Sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN/UFES, Telefone: 3145-9820, E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com

9.3 - Apêndice C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, de um trabalho de pesquisa. A seguir serão apresentados informações e esclarecimentos a respeito da proposta do trabalho. Caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, nas duas vias. Uma delas é sua e a outra é do responsável pelo trabalho. Se não desejar participar, você não será penalizado(a) de maneira alguma. Qualquer dúvida você pode esclarecer procurando o pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: A internet na compreensão de sujeitos de duas gerações: um estudo sobre representações sociais

Pesquisador: Marcelo de Souza Gorza

Orientador: Profa. Dra. Sabrine Mantuan dos S. Coutinho

Telefones para contato: (27) 99949-1437

A presente pesquisa tem como objetivo geral identificar e explorar as representações sociais da *internet*, assim como seu conteúdo, por meio do discurso de participantes de duas gerações.

Serão realizadas, individualmente, entrevistas semiestruturadas, cujos pontos principais foram previamente definidos em um Roteiro de Entrevista. As entrevistas serão gravadas em áudio, conforme autorização. As questões objetivam, exclusivamente, responder o problema anteriormente colocado. Os dados coletados deverão ser utilizados somente para fins acadêmicos, ficando arquivados e disponíveis ao pesquisador responsável por um período de 10 anos. Fica assegurado ao participante o anonimato, o acesso à entrevista transcrita e ao relatório final da pesquisa. Fica garantido também o direito a quaisquer esclarecimentos em relação ao projeto e a possibilidade de desistência a qualquer momento.

O estudo não apresentará riscos físicos, psíquicos e/ou morais aos participantes, e não haverá nenhum gasto com sua participação. Você não receberá nenhum pagamento com a sua participação. Quaisquer dúvidas a respeito da entrevista, que possam vir a trazer constrangimento ao entrevistado, serão sanadas. Pretende-se divulgar e publicar os resultados da pesquisa em periódicos e outros meios de divulgação científica, apresentá-los em eventos científicos, visando contribuir com novas análises sobre o tema.

Você tem o direito de retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Assinatura do Pesquisador: _____

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO PARTICIPANTE

Eu, abaixo assinado, concordo em participar do estudo “A internet na compreensão de sujeitos de duas gerações: um estudo sobre representações sociais”, como participante. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Assinatura do participante/responsável: _____

Dúvidas e solicitação de esclarecimento: Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória-ES, CEP 29.090-075, Campus Goiabeiras, Sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN/UFES, Telefone: 3145-9820, E-mail: cep.goiabeiras@gmail.com